

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CRISTIANE CAROLINA DE ALMEIDA SOARES

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MATA CAVALO:  
DIÁLOGOS DA ARTE, CULTURA E NATUREZA**



**CUIABÁ-MT**

**2018**

CRISTIANE CAROLINA DE ALMEIDA SOARES

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MATA CAVALO:  
DIÁLOGOS DA ARTE, CULTURA E NATUREZA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Linha de Pesquisa: Movimentos Sociais, Política e Educação Popular, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de mestre em Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Aparecida da Silva

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Michèle Sato

**CUIABÁ-MT**

**2018**

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.**

S676e Soares, Cristiane Carolina de Almeida.  
Educação ambiental na comunidade quilombola de Mata Cavalo : diálogos da arte, cultura e natureza / Cristiane Carolina de Almeida Soares. -- 2018  
192 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Regina Aparecida da Silva.  
Co-orientadora: Michèle Tomoko Sato.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2018.  
Inclui bibliografia.

1. Educação ambiental. 2. Educação popular. 3. Mapa social. 4. Arte-educação-ambiental. 5. Quilombo de Mata Cavalo. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 - Boa Esperança - Cep: 78060900 - CUIABÁ/MT  
Tel : 3615-8431/3615-8429 - Email : secppge@ufmt.br

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**TÍTULO: "Educação ambiental na comunidade quilombola de Mata Caval: diálogos da arte, cultura e natureza"**

AUTORA: Mestranda Cristiane Carolina de Almeida Soares

Dissertação defendida e aprovada em 01 de março de 2018.

Composição da Banca Examinadora:

---

Presidente Banca / Orientadora	Doutora	Regina Aparecida da Silva	
Instituição:	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO		
Coorientadora	Doutora	Michèle Tomoko Sato	
Instituição:	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO		
Examinador Interno	Doutor	Edson Caetano	
Instituição:	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO		
Examinadora Externa	Doutora	Imara Pizzato Quadros	
Instituição:	INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO/IFMT		
Examinadora Suplente	Doutora	Lúcia Shiguemi Izawa Kawahara	
Instituição:	SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE / SEMA-MT		

CUIABÁ, 01/03/2018.

## DEDICATÓRIA

Ofereço este trabalho à escola e à comunidade quilombola de Mata Cavalo, que abriu seus braços, seu coração e seu território para que pudéssemos caminhar e tornar possível esta pesquisa, por meio de suas narrativas de lutas, conquistas e esperanças. Agradeço profundamente a este povo por ter nos ofertado o vislumbrar de sua cultura imensurável, fazendo-nos conhecer a beleza de sua arte sensível e criativa, como uma das possibilidades de resistência ao racismo, às injustiças ambientais e à invisibilidade.

Para que este caminhar fosse possível, fui carinhosamente alicerçada por duas pessoas que, sobretudo, me ofereceram a oportunidade desta vida. Dedico os meus agradecimentos a Silvio Lemos de Almeida e a Ana Jairdes Samuel de Almeida, que me apoiaram, conduziram os meus primeiros passos, foram os meus primeiros mestres e continuam sendo as minhas maiores referências de vida, de compreensão e de amor incondicional.

Contudo, nada disso seria possível sem a presença de Deus e da espiritualidade de luz que me envolve em todos os momentos, possibilitando a fé na transposição dos obstáculos. Ao meu Pai maior, ofereço o meu coração, repleto de gratidão!

## **AGRADECIMENTOS**

O caminhar desta pesquisa foi trilhado junto a pessoas especiais, por isso se tornou mais leve e muito mais feliz. A conquista deste trabalho merece ser partilhada com aquelas/es que lutaram, sonharam e me ajudaram a acreditar que seria possível superar todos os obstáculos que surgiram. Por estas pessoas queridas que estiveram presentes, algumas delas, bem antes do meu ingresso no Mestrado, dedico a minha eterna gratidão e meu carinho...

À minha família, pais e irmãos, Luiz e Silvia, pela compreensão, motivação e por acreditar no meu potencial enquanto pesquisadora e artista.... Este apoio foi fundamental. Aos meus tios e tias, primos, primas e sobrinhos, que me ensinaram muito sobre acreditar na vida, nas pessoas, no trabalho e no conhecimento dos livros e fora deles. Eu agradeço em especial a tio Jair, por acreditar em minha capacidade de ingressar no mestrado. A tio Leony, por sua disposição e criteriosa correção deste texto. A tio Renato, por seu olhar repleto de sabedoria que perpassa o livro da vida. À tia Fátima, por seu exemplo de vida e sua paixão pela educação.

A Rodrigo, meu companheiro e um grande incentivador. Seu carinho e compreensão me tranquilizaram, o seu amor me amparou e os seus conhecimentos me auxiliaram em muitos momentos.

Ao GPEA, por transformar o meu pequeno mundo em infinitas possibilidades e aprendizagens. Por acreditar na minha capacidade enquanto pesquisadora, sendo sensível às minhas limitações, por potencializar a minha arte nas pesquisas e formações, por ter me oportunizado a convivência com a comunidade quilombola de Mata Cavallo.

À minha orientadora Regina Silva, que acreditou em meu potencial e conduziu todo este caminhar investigativo. Agradeço imensamente por ter me dado esta oportunidade, por seus conhecimentos, paciência, apoio, respeito e carinho, que, para mim, fizeram toda a diferença.

À minha coorientadora Michèle Sato, pelo seu olhar sensível e especial, que me ensinou a acreditar na arte que permeou por toda esta dissertação. Por desenhar comigo as possibilidades desta pesquisa e colorir meus horizontes com tantos conhecimentos e experiências, sempre contribuindo com muito carinho.

À professora e companheira do GPEA Michelle Jaber, pelos ensinamentos de pesquisa e da vida. Sempre gentil e carinhosa, me ensinou a maior de todas as lições: que o amor cura.

Aos queridos e queridas pesquisadoras/es e companheiras/os do GPEA: Débora Pedrotti, Ronaldo Senra, Imara Quadros, Rosana Manfrinate, Julio Resende, Gisely Gomes, Giseli Nora, Lúcia Shiguemi, Thiago Cury, Denise Amorim, Carlos Ferreira, Roberta Simione, Cássia Fabiane, Aleth Amorim, Raquel Ramos, Caio Felisberto e Rafael Martine, pela gentileza e pelo companheirismo e ainda partilha de conhecimentos e momentos de alegria.

Às pesquisadoras quilombolas Junia Santana e Adrianny Abreu, companheiras de pesquisa e professoras da comunidade de Mata Cavalo, por terem sempre me tratado com muito carinho em campo e na universidade.

Às amigas que conquistei no GPEA: Amanda Areval, Jucieli Bertoncelo, Déborah Moreira, Priscila Amorim, Eronaldo Valles, Herman Oliveira e Jakeline Fakin, que compartilharam comigo as angústias, risadas e cafés. São pessoas especiais e moram no meu coração.

Aos professores e professoras do PPGE, em especial a Luiz Augusto Passos, Edson Caetano e Elizabeth Sá, pela partilha de suas trajetórias de vida e de conhecimentos epistemológicos.

À banca examinadora, que cuidadosamente reuniu valiosas contribuições para que este trabalho se transformasse junto aos diversos olhares. Uma banca amiga, que reuniu seres humanos incríveis e de extrema competência. À Imara Quadros, Lúcia Shiguemi e Edson Caetano, minha imensa gratidão.

A todas/os que, no PPGE, não mediram esforços para nos auxiliar, em especial a Márcia, Ruth, Luiza, Marcos, Mariza e Duarte.

À FAPEMAT, por ter concedido a bolsa de estudos que contribuiu com o apoio financeiro necessário.

À UFMT, que representa para mim, muito mais que ensino, pesquisa e extensão, pois me possibilitou um ambiente acadêmico transformador, pela diversidade e pelo acolhimento que recebi nestes dois anos de Mestrado.

## RESUMO

Os caminhos que originaram esta dissertação têm uma relação profunda com a retomada das manifestações artísticas e culturais fundamentais no processo de educação popular, que fortalecem o saber e a luta pelo direito da ocupação e permanência no território ancestral da comunidade quilombola de Mata Cavallo, que resiste à margem do poder e produz seu conhecimento à consagração de sua própria desigualdade. Este local representa um território rico em saberes, fazeres e também de conflitos. Sua história é marcada por uma infinidade de preconceitos que resultaram em uma política de exclusão social. Nosso objetivo foi realizar um mapeamento social com ênfase na cultura da comunidade quilombola de Mata Cavallo, por meio dos diálogos da arte-educação-ambiental. Ao trilhar caminhos metodológicos, inspiramo-nos na metodologia Mapa Social, que buscou os aspectos culturais enquanto táticas de resistência para fortalecer este grupo no enfrentamento dos conflitos e na defesa do território. Cartografando as dimensões dialógicas que entrelaçam a arte, a cultura e a natureza, buscamos possibilidades educativas da valorização quilombola. Reunimos percepções e buscamos autonarrativas que pudessem traduzir as lutas, os sonhos e desejos coletivos desta comunidade. Diálogos da arte-educação-ambiental foram estabelecidos, de forma a dar visibilidade a este quilombo, em suas multiplicidades. Ao visualizar as manifestações culturais quilombolas, pudemos reunir e apreciar as quatro dimensões mapeadas no caminhar pesquisador: os marcos históricos, as expressões artísticas, as comidas típicas e as festas, por onde a arte-educação-ambiental promove seus diálogos. A inspiração sociopoética nos ofertou a beleza de estar em comunhão com um grupo pesquisador que sente a educação ambiental, por meio de diálogos e alianças, apontando a construção progressiva de uma sabedoria partilhada e sensível entre as/os pesquisadoras/es e a comunidade quilombola. Em todos os aspectos etnográficos, foram encontradas pessoas de referência como fortalecedoras da resistência neste quilombo, que representaram uma atuação importante durante todo o desenhar desta pesquisa: nas entrevistas, na construção dos mapas e em todos os momentos dialógicos. Nos resultados desta caminhada investigativa, o mapeamento participativo promoveu discussões e reflexões acerca do enlace entre a arte, cultura e a natureza, e o desejo de visibilidade que pulsa no coração deste povo. Em muitos momentos pudemos observar que o esperar desta comunidade ecoa nas labutas, onde a educação ambiental, a arte e a cultura exercem um importante papel articulador, em espaços escolarizados ou não, que se tornaram territórios de luta legítima pela manutenção dos hábitos dos antepassados quilombolas.

**Palavras-chave:** Educação ambiental; Educação popular; Mapa social; Arte-educação-ambiental; Quilombo de Mata Cavallo.

## ABSTRACT

The paths that led to this dissertation have a deep relationship with the resumption of the artistic and cultural manifestations which are fundamental in the popular education process, which strengthens knowledge and the fight for the right to occupy and remain in the ancestral territory of the Maroon community of Mata Cavalo, which resists on the margins of power and produces its knowledge to the consecration of its own inequality. This place represents a territory rich in knowledge, doings and conflicts as well. Its history is marked by a myriad of prejudice which resulted in a policy of social exclusion. Our aim was to make a social mapping with emphasis on the culture of the Maroon Community Mata Cavalo, through dialogues of arts-based environmental education. When taking methodological paths, we were inspired by the Social Map methodology, which sought the cultural aspects as resistance tactics to strengthen this group to face the conflicts and defend the territory. Mapping the dialogical dimensions which intertwine art, culture and nature, we sought educational possibilities of the Maroon valorization. We gathered perceptions and sought self-narratives that could translate the collective fights, dreams and desires of this community. Dialogues of arts-based environmental education were set up, in order to give visibility to this Maroon community, in its multiplicities. When visualizing the Maroon cultural manifestations, we were able to gather and appreciate the four dimensions mapped in the researcher's pathway: historical landmarks, artistic expressions, typical foods and festivals, wherever arts-based environmental education promotes its dialogues. Socio-poetic inspiration offered us the beauty of being in communion with a research group that senses environmental education, through dialogues and partnerships, pointing to the gradual construction of a shared and sensitive wisdom between the researchers and the Maroon community. In all the ethnographic aspects, we found reference to resistance empowering people in this Maroon community, who represented an important role during the design of this research: in the interviews, in the construction of maps and in all the dialogical moments. In the results of this investigative journey, participatory mapping promoted discussions and reflections on the link among art, culture and nature, and the desire for visibility which pulsates in the heart of this people. On many occasions we could see that the hope of this community echoes in the toils, where environmental education, art and culture play an important articulating role, in educational or not educational spaces, which became territories of legitimate fight for the preservation of habits of the Maroon ancestors.

**Keywords:** Environmental Education; Popular education; Social map; Arts-based environmental education; Mata Cavalo Maroon Community.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EA	Educação Ambiental
EAP	Educação Ambiental Popular
EMPAER	Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural
FAPEMAT	Fundação de Amparo à Pesquisa de Mato Grosso
GPEA	Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte
GRUCON	Grupo de União e Consciência Negra do Estado de Mato Grosso
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INTERMAT	Instituto de Terras de Mato Grosso
ONG	Organização Não Governamental
PAEC	Projeto Ambiental Escolar Comunitário
PAQ	Práticas Agrícolas Quilombolas
PCAQ	Práticas Culturais e Artesanato Quilombola
REMTEA	Rede Matogrossense de Educação Ambiental
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TS	Tecnologia Social
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
WWF	World Wide Fund for Nature
ZSEE	Zoneamento Socioeconômico Ecológico de Mato Grosso

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 01 – Mapa temático dos conflitos socioambientais do Quilombo de Mata Cavalo, Mato Grosso, 2016.....	24
Figura 02 – Marca do atelier Pedra Papel e Tesoura. Mato Grosso, 2006. ....	28
Figura 03 – Peneira Ifá, uma representação cronológica dos acontecimentos históricos de Mata Cavalo. Mato Grosso, 2017.....	38
Figura 04 – Pesquisas do GPEA em Mata Cavalo. Mato Grosso, 2016. ....	53
Figura 05 – Mapa temático que consta no Caderno Pedagógico do Quilombo de Mata Cavalo. Quilombo de Mata Cavalo, 2010. ....	65
Figura 06 – Oficina de mapeamento social da cultura quilombola. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2017. ....	66
Figura 07 – Imagens da Oficina de Mapa Social da Cultura Quilombola. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2017. ....	67
Figura 08 – Momentos coletivos em Mata Cavalo: Danças, oficinas e trabalhos realizados pelo GPEA e GRUCOM. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2016. ....	69
Figura 09 – Mapa pictórico das seis associações do Quilombo de Mata Cavalo. Mato Grosso, 2017.....	75
Figura 10 – Criação do desenho de representação da Comunidade Quilombola de Mata Cavalo a partir de uma placa antiga. Mato Grosso, 2017.....	76
Figura 11 – Criação do desenho das ruínas da fornalha de Mata Cavalo, a partir da fotografia do local. Quilombo de Mata Cavalo, 2017.....	77
Figura 12 – Roteiro de entrevistas da pesquisa. Mato Grosso, 2017.....	80
Figura 13 – Roteiro da oficina de mapeamento social. Mato Grosso, 2017. ....	82
Figura 14 – Boneca quilombola lansã, representando os principais aspectos elencados no Mapeamento Social com ênfase na Cultura Quilombola. Mato Grosso, 2018.....	100
Figura 15 – Mapa social da cultura de Mata Cavalo – Marcos Históricos. Mato Grosso, 2017.....	116
Figura 16 – Antônio Mulato, o ancião mais velho de Mata Cavalo. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2017. ....	122
Figura 17 – A professora Tereza Conceição de Arruda. Quilombo de Mata Cavalo, ano desconhecido. ....	123
Figura 18 – Barracão da associação de Mata Cavalo de Baixo. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2017. ....	125
Figura 19 – Escola Estadual São Benedito. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2009. ....	126

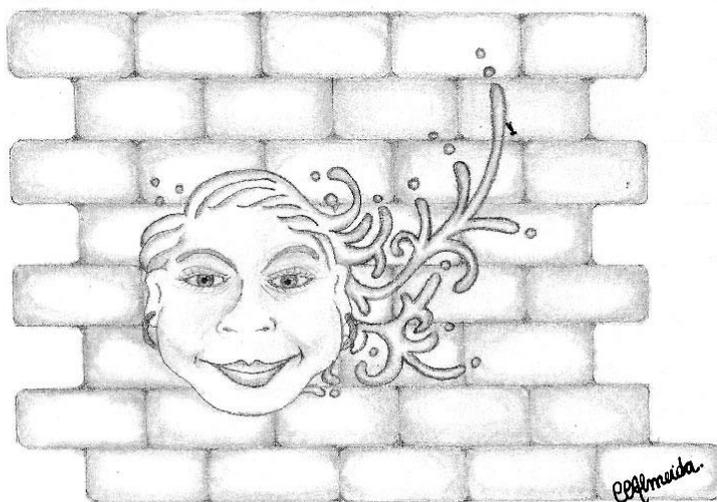
Figura 20 – Escola Estadual Rosa Domingas e barracão da associação Mutuca. Associação Mutuca, Quilombo de Mata Cavalo, 2009 e 2016. ....	127
Figura 21 – Escola Estadual Tereza Conceição de Arruda. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2017. ....	128
Figura 22 – Casa da Cultura Quilombola de Mata Cavalo. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2017. ....	129
Figura 23 – Poço artesiano da comunidade de Mata Cavalo. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2017. ....	134
Figura 24 – Mapa social da cultura de Mata Cavalo – Expressões Artísticas .....	136
Figura 25 – Artesanatos produzidos com tecidos de algodão. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2017. ....	141
Figura 26 – Artesanatos produzidos com a utilização de barro. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2017. ....	143
Figura 27 – Artefatos e construções produzidos com a utilização de barro. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2015 e 2017. ....	143
Figura 28 – Artesanatos produzidos com a utilização de cabaça. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2017. ....	144
Figura 29 – Artesanatos produzidos com a utilização de fibras vegetais. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2017. ....	145
Figura 30 – Artefatos e construção produzidos com a utilização de fibras vegetais. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2017. ....	146
Figura 31 – Artesanatos produzidos com a utilização de sementes. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2017. ....	147
Figura 32 – Artesanatos e artefatos produzidos com a utilização de madeira. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2017. ....	148
Figura 33 – Artefatos produzidos com a utilização de ferro. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2017. ....	149
Figura 34 – Homens realizando a Dança do Congo, nas ruas de Nossa Senhora do Livramento. Nossa Senhora do Livramento, 2010. ....	152
Figura 35 – Apresentação do grupo de dança Hop Quilombola na Feira de Artes. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2017. ....	154
Figura 36 – Mapa social da cultura de Mata Cavalo – Comidas Típicas. Mato Grosso, 2017. ....	157
Figura 37 – Doces e alimentos vendidos na Feira de Artes do ano de 2016. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2016. ....	158

Figura 38 – Mapa social da cultura de Mata Cavalo – Festas. Mato Grosso, 2017. ....	164
Figura 39 – Calendário das festas de Mata Cavalo, elaborado pela comunidade no ano de 2010. Quilombo de Mata Cavalo, 2010. ....	169
Figura 40 – Calendário atual das festas de Mata Cavalo. Mato Grosso, 2017.....	170
Figura 41 – Imagens da Feira Cultural do ano 2000 e da Feira de Artes em 2016. Quilombo de Mata Cavalo, 2000 e 2016. ....	172
Figura 42 – Membros do GPEA plantando mudas de árvores no campus da UFMT, Cuiabá, Mato Grosso, 2017.....	182
Quadro 01 - Roteiro das Entrevistas.....	79
Quadro 02 - Roteiro da Oficina de Mapa Social da Cultura Quilombola.....	81

## SUMÁRIO

<b>1 ESBOÇANDO DIÁLOGOS, ITINERÁRIOS E SONHOS .....</b>	<b>15</b>
1.1 Apresentação da Pesquisa na Comunidade Quilombola .....	15
1.2 Um pouco da minha trajetória pesquisadora .....	23
1.3 Mapeando escolhas epistemológicas .....	26
1.4 O olhar da pesquisadora-artista .....	31
<b>2 LUGARES E GENTE DA LUTA QUILOMBOLA .....</b>	<b>37</b>
2.2 Educação Ambiental em Mata Cavalo .....	47
2.3 O caminhar do GPEA em territórios fecundos .....	55
<b>3 MAPEANDO DIÁLOGOS DA CULTURA E NATUREZA: OS ASPECTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>62</b>
3.1 Os diálogos das entrevistas com a comunidade quilombola .....	79
3.2 Os diálogos na oficina de mapa social da cultura quilombola .....	80
<b>4 RESULTADOS, CONSIDERAÇÕES E ESPERANÇAS QUILOMBOLAS .....</b>	<b>84</b>
4.1 Mata Cavalo: território de cultura, natureza e conflitos .....	91
4.2 As manifestações culturais quilombolas .....	95
4.3 Os marcos históricos de Mata Cavalo .....	117
4.4 As expressões artísticas de Mata Cavalo .....	137
4.5 As comidas típicas de Mata Cavalo .....	158
4.6 As festas de Mata Cavalo .....	165
4.7 A travessia do sentir de uma artista que faz ciência .....	178
4.8 A travessia do sentir em um grupo pesquisador .....	183
<b>5 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>185</b>

## CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO



### Gentileza

Apagaram tudo  
 Pintaram tudo de cinza  
 A palavra no muro  
 Ficou coberta de tinta  
 [...]
   
 Só ficou no muro  
 Tristeza e tinta fresca

Nós que passamos apressados  
 Pelas ruas da cidade  
 Merecemos ler as letras  
 E as palavras de gentileza

Por isso eu pergunto  
 A você no mundo  
 Se é mais inteligente  
 O livro ou a sabedoria

O mundo é uma escola  
 A vida é o circo  
 "Amor: palavra que liberta"  
 Já dizia o profeta

Marisa Monte

Para dar início a esta dissertação e, em especial, ao primeiro capítulo, recorro às estrofes de *Gentileza*<sup>1</sup>, música composta por Marisa Monte em homenagem ao *Profeta Gentileza*, liberto de valores materiais capitalistas, disposto a cuidar de famílias que se perderam em um incêndio no Rio de Janeiro. Ele passou a peregrinar pela cidade e criar uma série de artes urbanas, distribuindo flores e palavras de amor e fé (TRIGUEIRO, 2010). O desenho que segue acima representa a gentileza, a força e a coragem das mulheres quilombolas de Mata Cavalo.

Não pretendi apenas ofertar uma gentileza aos olhos do leitor, como também, por meio dos versos que acompanham estas imagens, procurei reverenciar diálogos sobre a sabedoria, muitas vezes invisibilizadas, que não cabem nos livros ou nas produções acadêmicas e científicas, frequentemente fechadas nos muros cobertos de tinta fresca. Assim sendo, atrevo-me a desenhar sobre a representação de papiros antigos algumas memórias desta comunidade, que estão presentes nos portais de cada um dos capítulos desta pesquisa.

## **1 ESBOÇANDO DIÁLOGOS<sup>2</sup>, ITINERÁRIOS E SONHOS**

### **1.1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA**

Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam (FREIRE, 2014, p. 5).

Os caminhos que originaram esta dissertação têm uma relação profunda com a retomada das manifestações culturais fundamentais no processo de educação popular, fortalecendo o saber e a luta pelo direito da ocupação e permanência no território ancestral da comunidade quilombola de Mata Cavalo, que resiste à margem do poder e produz seu conhecimento em meio a condições de desigualdade.

Entendo por território o local que tem forte relação com as práticas e os saberes de um determinado grupo social, repleto de significados e necessário para a manutenção cultural. O quilombo de Mata Cavalo representa um território rico em

---

<sup>1</sup> A música *Gentileza* está disponível, em vídeoclipe, no link: <https://youtu.be/mpDHQVhyUrY>

<sup>2</sup> Em grande medida, no decorrer do texto, falaremos em diálogos junto à comunidade quilombola de Mata Cavalo, tomando este conceito de Paulo Freire, muito presente e significativo em sua vasta bibliografia. O diálogo permite a proposição crítica e promove a busca da consciência, na colaboração da construção de um mundo comum (FREIRE, 2014).

expressões culturais e também de conflitos, fazendo com que suas/seus habitantes sofram as consequências que perduram até os dias atuais. Sua referência concreta está carregada de evidências de luta e de sofrimento. Ali estão presentes artefatos e vestígios dos locais da labuta<sup>3</sup> diária e da tortura das/os<sup>4</sup> negras/os, que mesmo após estarem libertos da escravidão sofriam a violência por parte dos fazendeiros da região, na tentativa de expropriar os moradores originais. As narrativas deste povo trazem toda a dimensão simbólica que caracteriza esta comunidade quilombola (VARGAS, 2014).

Enquanto integrante do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte, compreendo que cultura e a natureza são dimensões intrinsecamente ligadas, e que todo o processo de degradação ambiental acarreta perdas culturais irreparáveis para povos e comunidades em estreita relação com a natureza (SILVA, 2011). Conforme afirma Simione (2008) sobre relatos da comunidade de Mata Cavalo, suas/seus moradoras/es se inserem no ambiente biofísico numa relação indissociável enquanto pertencentes à natureza. Neste sentido, toda alteração no ambiente contribui para o agravamento da situação de vulnerabilidade socioambiental.

A história deste povo é marcada por mais de cem anos de luta pela posse definitiva de suas terras, e a falta de infraestrutura da região reflete uma política de exclusão social, onde o preconceito retrata o racismo ambiental, podendo ser compreendida na perspectiva de Herculano (2006, p.11) como:

[...] o conjunto de idéias e práticas das sociedades e seus governos, que aceitam a degradação ambiental e humana, com a justificativa da busca do desenvolvimento e com a naturalização implícita da inferioridade de determinados segmentos da população afetados – negros, índios, migrantes, extrativistas, pescadores, trabalhadores pobres, que sofrem os impactos negativos do crescimento

---

<sup>3</sup> A expressão *labuta*, utilizada em vários momentos nesta dissertação, é muito utilizada pelos membros do quilombo de Mata Cavalo, não de forma pejorativa, mas sob o aspecto do labor nas terras que lhes são de direito, reafirmando por meio do trabalho o direito de posse e permanência. O Mapa Social que utilizamos como metodologia nos oferece a sustentação epistemológica que autoriza o uso das *autonarrativas* deste grupo social (SILVA, 2011). As descrições das histórias presentes na memória da comunidade oferecem as informações necessárias para a constituição dos mapas sociais e todos os aspectos que o reverenciam, buscando o fortalecimento do grupo em seus anseios por visibilidade. Assim sendo, em muitos momentos desta pesquisa, serão preservados os linguajares e expressões originais utilizados pelas/os quilombolas.

<sup>4</sup> As dimensões a serem alcançadas nesta pesquisa, distantes de conceitos machistas ou sexistas, buscam a contemplação da diversidade de gêneros, não somente do masculino e do feminino. Neste sentido, sinalizamos os artigos definidos de forma que contemplem toda esta diversidade: *a/o*, *as/os* e também para evitar repetições que poderiam tornar a leitura cansativa.

econômico e a quem é imputado o sacrifício em prol de um benefício para os demais.

Esta comunidade recebeu suas terras provenientes da Sesmaria Mata Cavalo no ano de 1883, por doações e também por compra pelos antigos ex-escravos, que foram, por muito tempo, perseguidos, humilhados, presos e expulsos por fazendeiros de suas casas e sítios. Desde sua fundação, as/os negras/os de Mata Cavalo sofrem com a discriminação racial. Suas necessidades básicas como moradia, coleta de lixo e postos de saúde são deficientes e até ausentes, pelo descaso do poder público. Contudo, a luta pela continuação do uso coletivo das terras que lhes são legítimas, pelo direito da permanência da ancestralidade que envolve todo o seu modo de vida, é o que alimenta a resistência deste povo (SIMIONE, 2008).

Compreendemos que a singularidade do ambiente de Mata Cavalo e suas expressões culturais como o artesanato, a culinária, os aspectos espirituais legitimados nos terreiros, a musicalidade e a fé das rezas cantadas e das danças, os artesanatos, os preparativos das festas de santo e outras infinitudes de bonitezas<sup>5</sup> locais carecem de visibilidade e necessitam ser passados das/dos mais antigas/os às/aos mais jovens, como uma das formas de resistência por meio da conservação de seus hábitos<sup>6</sup> e tradições, pois representam um referencial histórico legítimo do nosso país.

A presente pesquisa teve como objetivo realizar um mapeamento social (SILVA, 2011) com ênfase na cultura da Comunidade Quilombola de Mata Cavalo, por meio dos diálogos da arte-educação-ambiental<sup>7</sup>. Cartografando as dimensões

---

<sup>5</sup> Para Paulo Freire (2000), *boniteza* é uma terminologia que traz o sentido de justiça, amorosidade, estética, alegria, liberdade, respeito às diferenças, aos valores éticos e o cuidado com as coisas, com as pessoas e com os sentimentos.

<sup>6</sup> Conforme Sato (2011), os habitantes e seus *hábitos* se constituem por ações cotidianas, reunindo características históricas que dialogam com determinados espaços e grupos, contextos e fenômenos, constituindo um perfil etnográfico que, neste contexto de pesquisa, se relacionado com as/os quilombolas de Mata Cavalo. Coadunando com Sato e Passos (2005) e Silva (2011), os *hábitos* a que nos referimos estão intrinsecamente ligados ao respeito e ao cuidado ao *outro*, contextualizando as dimensões da educação ambiental ancoradas nas pessoas ou identidades de grupos sociais (HABITANTES) em suas raízes, temporalidades, modos de vida (HÁBITOS), inscritos em seus territórios histórico-sociais (HABITATS).

<sup>7</sup> “O termo empregado foi no sentido trazer à luz da compreensão as combinações entre Arte, Educação e Ambiente, como geradores de uma nova terminologia” (QUADROS, 2011, p. 52). O hibridismo deste conceito está imbricado no entrelaçar da arte educação e da educação ambiental, junto às contribuições da arte popular, promovendo diálogos entre a arte e a educação em busca da conservação ambiental (QUADROS, 2011) adensando as possibilidades educativas da valorização

dialógicas entre cultura e natureza, buscamos a Educação Ambiental (EA) como possibilidade educativa da valorização quilombola.

Ao trilhar caminhos metodológicos, ancoramo-nos na metodologia Mapa Social (SILVA, 2011), que busca os aspectos culturais enquanto táticas de resistência para fortalecer este grupo no enfrentamento dos conflitos e na defesa do território. Reunimos percepções e buscamos autonarrativas que pudessem traduzir as lutas, os sonhos, desejos coletivos e a diversidade artística e cultural desta comunidade.

Conforme Bhabha (1998), a perspectiva cultural que buscamos se distancia das dicotomias atribuídas pelo colonialismo, com a imposição de valores que hierarquizam e separam as/os brancas/os das/os negras/os (provenientes ou não da África) e seus respectivos hábitos culturais. No presente estudo, buscamos a compreensão da “possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta” (BHABHA, 1998, p. 22).

Em uma comunidade quilombola formada por associações em situação de vulnerabilidade, que anseia por visibilidade e sofre por conta dos descasos do poder público (SIMIONE, 2008), por meio de diálogos e mapeamentos de pesquisa, “enfaticamente a importância do entrelaçamento do respeito às diferentes identidades e do permanente processo de construção de valores” (KAWAHARA, 2015, p. 191). Em busca de uma educação ambiental que possa aliar cultura e natureza por meio de uma infinidade de linguagens, buscamos esboçar a arte na sensibilização quanto aos impactos ambientais que esta comunidade vem sofrendo no decorrer de sua história de lutas, em conformidade com os preceitos da arte-educação-ambiental nos quais acreditamos (SATO; PASSOS, 2009).

Desta forma, o conceito de cultura que trazemos também se refere ao que Brandão (2009) nos apresenta foi concebido nos movimentos do Brasil e da América Latina no início dos anos 60, onde ele ressignifica o sentido da própria educação, da cultura e da cultura popular, em uma relativa distância dos conceitos acadêmicos daquele momento histórico, que foram trazidos à prática política. Neste desenhar epistemológico, entre reflexões e escritas, trazemos a discussão que faz sentido neste mapeamento e nas observações participantes conduzidas na comunidade de Mata Cavallo.

---

quilombola. Este conceito será mais bem explicitado e debatido no decorrer das páginas desta dissertação.

Descobrir-se-ia, criticamente, como fazedor desse mundo da cultura. Descobriria que tanto ele, como o letrado, têm um ímpeto de criação e recriação. Descobriria que tanto é cultura o boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como cultura também é a obra de um grande escultor, de um grande pintor, de um grande místico, ou de um pensador. Que cultura é a poesia dos poetas letrados de seu País, como também a poesia de seu cancionero popular. Que cultura é toda criação humana (FREIRE, 1975, p. 109).

A cultura popular que trazemos se refere à relação dos seres humanos com a natureza e a cultura, buscando esta dimensão como aquisição sistemática da experiência humana, em uma visão democrática, com a valorização das práticas do trabalho e seu potencial transformador do mundo, em busca de um debate crítico e motivador (FREIRE, 1975), que busca o princípio “da partilha e do intercâmbio de, e entre, culturas populares, o papel do saber e da reprodução do saber pelas mais diversas formas de socialização de novos autores-atores culturais [...] no eixo entre a cultura e a educação” (BRANDÃO, 2009, p. 743-744).

O Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA), pensando em uma construção coletiva e permanente de projetos de educação ambiental com base comunitária e popular, possibilita pesquisas, experiências e projetos para o fortalecimento da troca entre os conhecimentos científicos e tradicionais, com a aprendizagem tanto do grupo pesquisador quanto da comunidade (TRAJBER; SATO, 2010). Durante o trajeto desta pesquisa, houve intervenções e interações junto ao quilombo. Contudo, a ênfase esteve na investigação científica que promove as reflexões acerca da cultura como forma de resistência e luta política, por meio das entrevistas e do mapeamento social com ênfase na cultura quilombola de Mata Cavallo.

A inspiração sociopoética<sup>8</sup> nos ofertou a beleza de estar em comunhão com um grupo pesquisador na tessitura do saber, fazer e sentir da educação ambiental (SATO et al., 2005) e trouxe os diálogos e alianças apontando a construção

---

<sup>8</sup> Com relação à inspiração sociopoética, presente nesta dissertação, em seus diálogos de pesquisa, o cooperativismo e a construção coletiva do conhecimento, a fim de valorizar os saberes e as experiências das pessoas, buscamos a participação das culturas de resistência, por meio da arte e da interrogação política, ética e humana (SATO et al., 2005). A sociopoética é capaz de significar com propriedade os princípios do GPEA-UFMT, que propõe a aliança entre o conhecimento teórico, valorizando as vivências e intervenções, sem perder de vista a importância da luta política e a construção de políticas públicas (SATO, 2013b). Ainda que a sociopoética não seja tratada como uma metodologia neste trabalho, sua inspiração permeia por muitos instantes no desenrolar desta pesquisa, adensando esta dimensão especialmente no capítulo dedicado à metodologia.

progressiva de um saber partilhado e sensível entre o grupo pesquisador e a comunidade quilombola (SENRA, 2009).

Nos momentos de entrevistas, nas observações e no processo formativo com a comunidade de Mata Cavalo, fortaleceu-se ainda mais a aliança entre o grupo pesquisador e a comunidade quilombola. Neste entrelace de saberes, também foram realizadas entrevistas com membros mais antigos, que partilharam sentimentos de sofrimento e de luta, da força da coletividade no território de Mata Cavalo.

No mapeamento social da cultura quilombola, foram trazidas as recordações dos **marcos históricos** da escravidão das/os negras/os, a riqueza as **expressões artísticas**, o sabor das **comidas típicas** e a importância das **festas**, onde as pessoas de referência na luta quilombola estão intrinsecamente relacionadas a estas quatro dimensões etnográficas<sup>9</sup>.

O espaço escolar institucionalizado em Mata Cavalo enquanto local de formação política, de festas, rezas e reivindicações promoveu o diálogo entre os saberes científicos e as vivências populares (SENRA, 2009). A Escola Estadual Tereza Conceição de Arruda foi imprescindível para a realização deste mapeamento de Mata Cavalo, por ser o local de grande encontro dos membros da comunidade em torno da visibilidade cultural almejada em tantos anos de luta.

O trajeto dessa pesquisa foi organizado em capítulos, para facilitar a compreensão e a partilha da trajetória investigativa. No presente capítulo, denominado *Esboçando diálogos, itinerários e sonhos*, há uma contextualização da pesquisa com a abordagem das dificuldades e lutas de Mata Cavalo, os anseios da comunidade em busca de visibilidade e a importância da construção coletiva do Mapa Social com ênfase na cultura quilombola como um dos aspectos abordados pela metodologia proposta nesta pesquisa, descrevendo também a minha imersão no universo do GPEA e na comunidade pesquisada.

No segundo capítulo, alcunhado de *Lugares e gente da luta quilombola*, tratamos da dimensão histórica das/os escravas/os abrigadas/os nos quilombos que se constituíram no Brasil. Desde que chegaram a Mato Grosso à fixação em Nossa Senhora do Livramento, apresentamos também a trajetória e diálogos do GPEA em Mata Cavalo.

---

<sup>9</sup> Neste trabalho, utilizamos observações participantes, diálogos, entrevistas, registros fotográficos (BRANDÃO, 1984a) dos acervos do GPEA e de Mata Cavalo para orientar um estudo etnográfico acerca da arte, da cultura e da natureza quilombola. Neste registro da histografia local, contudo, o que mais nos importa são as autonarrativas e autodenominações desta comunidade.

No terceiro capítulo intitulado *Mapeando diálogos da cultura e natureza: os aspectos metodológicos* retomaram os objetivos propostos: um mapeamento social com ênfase na cultura da Comunidade Quilombola de Mata Cavalo, utilizando como metodologia o Mapa Social (SILVA, 2011), no qual tratamos os aspectos culturais enquanto táticas de resistência para fortalecer este grupo no enfrentamento dos conflitos e na defesa de seu território. Cartografando as dimensões dialógicas que entrelaçam a arte, a cultura e a natureza, buscamos possibilidades educativas da valorização quilombola por meio dos diálogos da arte-educação-ambiental.

Trazendo a inspiração sociopoética, a pesquisa foi permeada pela troca e interação do grupo pesquisador com a comunidade. Os diálogos fluíram nas diferentes etapas da pesquisa, e por meio das trocas de experiências retomamos aspectos fundamentais para a cultura, modos de vida e visibilidade de hábitos ancestrais (SATO et al., 2005) desta *comunidade aprendente* com a interação cultural, nas experiências de *ensinar-e-aprender*, numa teia complexa de saberes, sentidos e significados que não provêm somente do ensino formal escolarizado, compreendendo este grupo como uma das *comunidades da vida*, onde existe a troca de saberes que são *diferentes*, mas que não são *desiguais* (BRANDÃO, 2005).

O mapa pictórico (FIORI; ALMEIDA, 2005) é parte dos resultados que foram apresentados e será conceituado em capítulos posteriores. Conforme Andrade e Sluter (2012), a criação e utilização de imagens referem-se a uma representação de fácil decodificação, tornando-se acessível a todas/os que não tenham conhecimento em cartografia. Assim sendo, utilizamos informações recolhidas durante o processo de pesquisa, por meio das autonarrativas das/os quilombolas, entre outros diálogos. Desta forma, elaborei, desenhei e apresentei imagens familiares à comunidade, facilitando a leitura e a compreensão das informações. “A adequação da linguagem, por exemplo, é algo pertinente a todo e qualquer mapa, em função do usuário final ao qual ele se destina” (ANDRADE, SLUTER, 2012, p. 243).

O quarto e último capítulo refere-se a *Resultados, considerações e esperanças quilombolas*, e apresentará os resultados por meio dos diálogos da arte, cultura e natureza de Mata Cavalo. Para compor os mapas pictóricos foram criadas representações acessíveis a quem não tem experiência com cartografia. A criação e a utilização de símbolos pictóricos (ANDRADE; SLUTER, 2012) utilizaram informações recolhidas durante a pesquisa e buscaram apresentar desenhos de fácil

compreensão, para que possam ser apresentados à comunidade quilombola e a qualquer tipo de público.

Ainda no quarto capítulo foi possível descrever as percepções durante o processo de pesquisa, as percepções pessoais, as vivências junto ao grupo pesquisador e à comunidade, o percurso feito durante a elaboração da dissertação e a escolha pela criação dos desenhos relacionados aos aspectos culturais elencados, buscando a abordagem da arte-educação-ambiental para abrir horizontes e possibilidades em busca de visibilidade deste quilombo. O retrato atual de Mata Cavalo, ainda que temporário, nos traz a compreensão de que o mapeamento é apenas uma das táticas de resistência, de registro cultural, dialógico e em permanente construção, abrindo possibilidades de valorização de todo o modo de vida desta comunidade (SILVA, 2011).

Todos os desenhos e mapas pictóricos que compõem este trabalho foram feitos por mim, com o objetivo de ilustrar os aspectos culturais, onde delimitei traços que pudessem representar a dimensão pesquisada, sob o meu olhar artístico e pesquisador. O conceito e a escolha deste tipo de mapa serão mais bem explicitados em capítulos posteriores. Coadunando com Quadros (2013, p. 131-132) “minha revolução, minha ousadia residem na minha produção artística em complementariedade com minha produção científica, na tessitura da arte para dar conta de produzir ciência!”.

Este trajeto pesquisador, por vezes trilhado coletivamente na inspiração sociopoética que acompanha os preceitos de um grupo pesquisador, justifica os momentos em que represento *nós*, do GPEA e da comunidade de Mata Cavalo, como as/os sujeitas/os deste trabalho. Em outras situações, quem se expressa sou *eu*, trazendo minhas percepções e aprendizagens, onde as minhas escritas e meus desenhos expressam a subjetividade e inquietações que em mim predominam. Conforme Kawahara (2015), a fluidez do meu “*eu*”, da minha individualidade, é fruto da construção dialética com o *outro*, de sermos *nós* em um *mundo* repleto de possibilidades e percepções, onde o próprio processo de pesquisa se confunde com o meu ser.

Construindo um estudo que se contrapõe à cultura de massa<sup>10</sup> tão amplamente trabalhada em Comunicação Social, busquei me desvencilhar de todo o aparato persuasivo que frequentemente ronda este conceito, para retomar em mim o amor à arte, à cultura popular e à natureza, despertado pela educação ambiental popular preconizada pelo GPEA.

## 1.2 UM POUCO DA MINHA TRAJETÓRIA PESQUISADORA

Seria melhor que cada qual conseguisse escrever-desenhar-colorir o próprio caminho e, ao encontrar e desencontrar caminhos pudesse fazer e refazer trilhas, inclusive retomar os trilheiros já percorridos, por quantas vezes precisasse e desejasse durante toda a trajetória (QUADROS, 2013, p. 57).

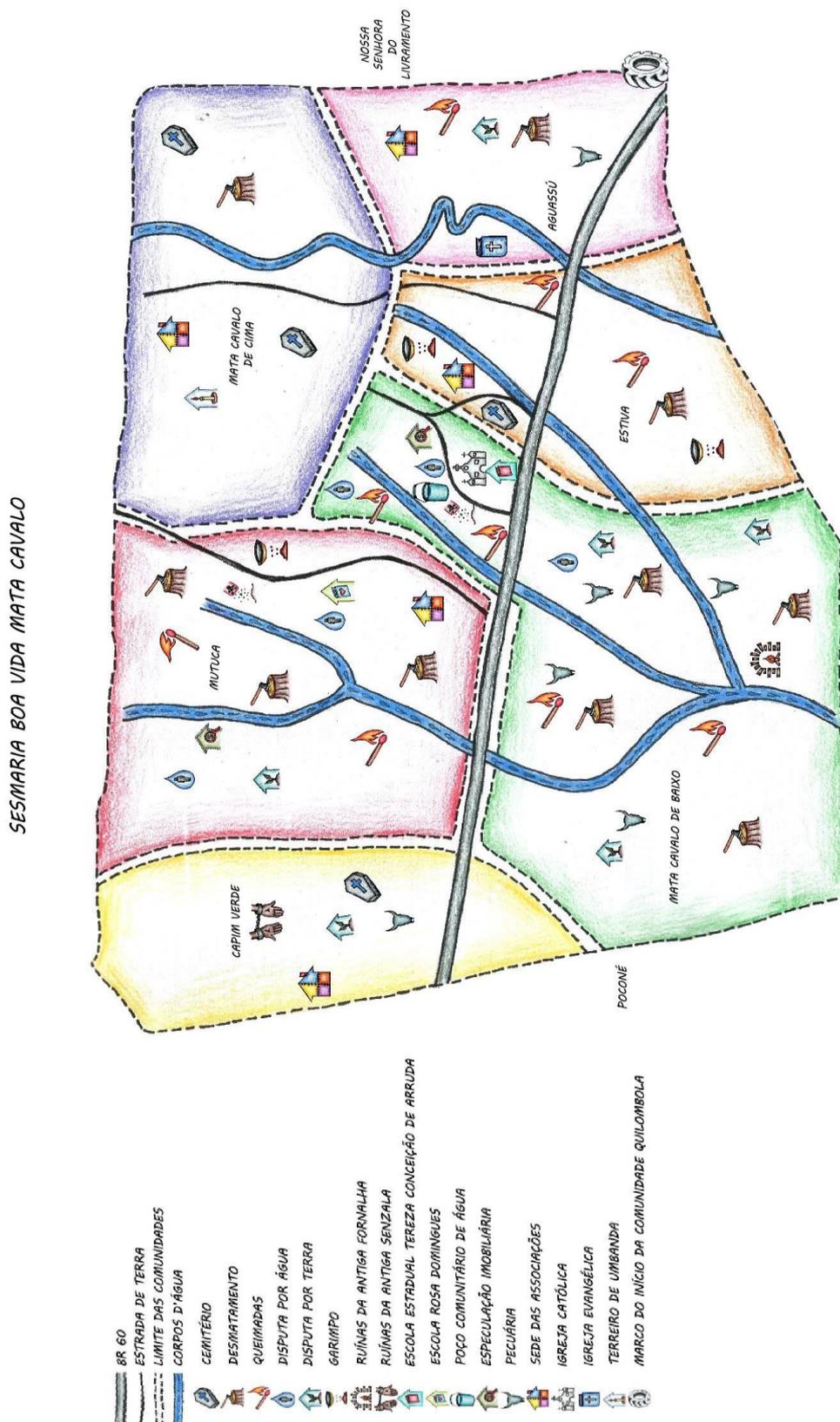
Em muitos territórios, o GPEA tem deixado suas contribuições florescerem nas dimensões da comunicação, educação ambiental e artes em formações, articulações e pesquisas nas comunidades em situação de vulnerabilidade socioambiental, construindo laços profundos de confiança e amizade com alguns grupos, como o Quilombo de Mata Cavallo. Esta área se situa nas proximidades do município de Nossa Senhora do Livramento-MT, é formada por seis associações que possuem suas particularidades, afinidades e também conflitos.

Neste local, dentre os trabalhos realizados por este grupo pesquisador, significou-me profundamente o mapeamento da dissertação de Mestrado de Déborah Luíza Moreira, intitulada *Território, luta e educação: dimensões pulsantes nos enfrentamentos dos conflitos socioambientais mapeados no Quilombo de Mata Cavallo*. Pude acompanhar este olhar sobre o território, a luta e a educação de um povo que resiste às violações de seus direitos para permanecer vivendo onde seus antepassados viveram, promovendo o diálogo sobre educação ambiental popular, conflitos socioambientais, justiça ambiental, direitos humanos e da terra, para aumentar a visibilidade dos marginalizados pelo sistema econômico, onde a escola local tem contribuído para o fortalecimento da luta e da resistência (MOREIRA, 2017).

---

<sup>10</sup> Conforme SOUZA (1996, p. 6-7), “a cultura de massa [...] faz parte da sociedade industrial [...] segundo as normas maciças de fabricação e sempre se destina a multidão [...] criam um ambiente cultural no qual os indivíduos são mergulhados, quer queiram, quer não”, e comumente não levam em consideração as particularidades e subjetividades das/os que não têm acesso às informações veiculadas pelos meios de comunicação de massa, o que de certa forma pode excluir as camadas socioeconomicamente menos favorecidas.

Figura 01 – Mapa temático dos conflitos socioambientais do Quilombo de Mata Cavallo, Mato Grosso, 2016.



Fonte: Produção da autora.

Nota: Organização de Cristiane C. A. Soares e Déborah Moreira (2017); Arte de Cristiane C. A. Soares (2016).

Os resultados da pesquisa de Déborah Moreira foram representados por meio de um mapa temático desenhado por mim (Figura 01), onde foram sinalizados os locais de concentração dos oito principais conflitos socioambientais que foram mapeados nesta região: disputa por terra, especulação imobiliária, desmatamento, pecuária, queimadas, garimpagem de ouro, disputa por água e uso de agrotóxicos. Foram também demarcados os principais locais históricos da região. Os traços delineados neste mapa, potencializados pelo estímulo à arte pulsante em Mata Cavallo, me inspiraram a mapear aspectos culturais como uma importante forma de legitimar os hábitos e modos de vida deste povo.

No contexto desta dissertação apresento meu diálogo de pesquisadora-artista que conheceu a comunidade de Mata Cavallo, se encantou, decidiu pesquisar, vivenciar, desenhar, compreender e dissertar sobre a fecunda relação que este povo tem estabelecido com a cultura e a natureza, indo ao encontro das possibilidades da arte-educação-ambiental enquanto táticas de sensibilização desta comunidade, acerca de todos os prejuízos ambientais e preconceitos que vem sofrendo há muitos anos.

Em meio aos diálogos fecundos, observações participantes, entrevistas, processos formativos e em outras imersões no contexto da pesquisa, estabeleci laços de amizade junto ao GPEA, buscando me desvencilhar de conceitos, convicções e receios. Graças a esta caminhada investigativa, que trilhou caminhos por vezes coletivos, e em alguma medida individuais, hoje me permito redesenhar, inclusive, a minha própria realidade.

Inicialmente, este projeto de Mestrado esteve voltado à educação ambiental e educomunicação na Casa da Cultura Quilombola de Mata Cavallo. A partir do convívio com a comunidade, percebi a importância da valorização cultural, dos seus ancestrais e as tradições que vêm desaparecendo nas novas gerações. Em contato com as vivências, lutas, dificuldades e aprendizagens, vislumbrei um universo de possibilidades e muitas ideias surgiram, mas foi preciso foco para delimitar a pesquisa e traçar um caminho possível no Mestrado, devido ao curto prazo que tínhamos.

Desta forma, estabelecemos como objetivo desta pesquisa um Mapeamento Social (SILVA, 2011) com ênfase na cultura da Comunidade Quilombola de Mata Cavallo, por meio dos diálogos da arte-educação-ambiental. Cartografando as dimensões dialógicas entre cultura e natureza, buscamos a educação ambiental

como possibilidade educativa da valorização quilombola. Desta forma, a metodologia Mapa Social buscou os aspectos culturais enquanto táticas de resistência para fortalecer este grupo no enfrentamento dos conflitos e na defesa do território.

Reunimos percepções e buscamos autonarrativas que pudessem traduzir as lutas e os sonhos e desejos coletivos desta comunidade. Ao estabelecer diálogos da arte-educação-ambiental buscamos dar visibilidade a este quilombo, em suas multiplicidades. Ao visualizar os saberes, fazeres e sabores quilombolas, observamos e discutimos as quatro dimensões mapeadas no caminhar pesquisador: os marcos históricos, as expressões artísticas, as comidas típicas e as festas.

### 1.3 MAPEANDO ESCOLHAS EPISTEMOLÓGICAS

A arte é, também, o exercício de nossa capacidade de quebrar a monotonia textual e aprender a usar diferentes linguagens no desafio pedagógico e investigativo (SATO; PASSOS, 2009, p. 47).

Provenho de uma formação inicial em Publicidade e Propaganda, que frequentemente volta-se ao interesse mercadológico “identificado com o crescimento econômico, urbano e tecnológico próprio da lógica do capital que [...] não vem trazendo aos marginalizados desta terra o desenvolvimento necessário à produção de sua existência” (FRANCO, 2015, p. 22). Como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), redigi um projeto de pesquisa sob o tema *Reciclagem de papel dentro das empresas como instrumento de Responsabilidade Social*, em uma proposta de educação ambiental por meio da coleta seletiva e reciclagem de papel enquanto ferramentas de Marketing Ambiental. Naquela ocasião, foram entrevistadas/os funcionárias/os e instituições praticantes e não praticantes da coleta seletiva. Comparando os resultados, criei um Planejamento de Comunicação que propunha a separação dos resíduos dentro do um ambiente empresarial, utilizando comunicação interna e ações institucionais entendidas como *sustentáveis* (eventos, feiras, palestras) em datas pontuais, relacionadas à preservação ambiental (ALMEIDA-SOARES, 2007). Esse conceito de sustentabilidade,

sustentabilidade é um conceito relacionado ao “desenvolvimento sustentável”, definido formalmente pela primeira vez no Relatório Brundtland em 1987 [...] imensamente popular nas últimas décadas, como a panacéia que permitiria conciliar o desenvolvimento com a

necessidade cada vez mais óbvia de não destruir a própria base de recursos da qual o desenvolvimento dependia [...] permitindo manter os tais recursos para as gerações futuras (FERNANDEZ; 2008, p. 1-4).

No entanto, atualmente tenho conhecimento de que há muitas práticas que são consideradas *sustentáveis* por meio de *selos verdes* e certificações internacionais, que não possuem estudos adequados e conduzem a um equivocado conceito de *sustentabilidade* fundamentada em superficiais cuidados ambientais ou atividades menos destrutivas à natureza, amplamente divulgados nos veículos de comunicação (FERNANDEZ, 2008).

Em alguns países como o Japão, é comum a educação ambiental ser percebida mais no sentido naturalista do que social, sendo dirigida majoritariamente ao destino de resíduos e à preservação de áreas verdes, seguindo a orientação da UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization), que se empenha no sentido do *desenvolvimento sustentável*. Em terras brasileiras, a partir do movimento da contracultura nos anos 60, o termo *ambiental* foi ressignificado para não mais ser um adjetivo neutro, buscando o sentido de proteção ecológica e inclusão social. Criticando a nomenclatura *desenvolvimento* e privilegiando as *sociedades*, construiu-se a terminologia *sociedades sustentáveis* para estabelecer que os prejuízos, conflitos e injustiças ambientais sempre afetam primeiramente as comunidades tradicionais<sup>11</sup>, indígenas e classes economicamente menos favorecidas (SATO; PASSOS, 2009).

O bacharelado em Comunicação Social não me ofereceu subsídios para compreender a educação ambiental de uma forma crítica, dialógica e política. Contudo, devido ao meu interesse, em muitos momentos este tema foi abordado, tanto nos estudos da faculdade, quando nos conceitos das artes plásticas e artesanatos que eu pesquisava e explicitava. De fato, quando estudamos Comunicação tomamos conhecimento de que a publicidade surgiu no contexto

---

<sup>11</sup> Quando utilizamos a terminologia *comunidades tradicionais*, nos distanciamos de estabelecer uma relação hierárquica, dominadora ou qualquer conotação *primitivista* aos grupos aos quais nos referimos. Em muitos momentos utilizaremos a nomenclatura *comunidades biorregionais*, pois estamos “interpretando culturas e comunidades sem negligenciar o ambiente natural circundante das regiões” (SATO, 2005, p. 41). Conforme afirma Sato (2005), as biorregiões não são ou foram esquecidas, na verdade fazem um contraponto ao sistema hegemônico vigente. Ainda que tenham sofrido perdas econômicas, sociais e culturais por conta dos conflitos e impactos ambientais, buscam na memória das pessoas mais antigas as narrativas sobre as crenças, histórias e culturas que buscam se alinhar aos aspectos da natureza local.

brasileiro da consolidação do modelo industrial de produção, mais especificamente para vender produtos. A Propaganda surge com a função de *dirigir a opinião pública*, mostrando os atributos positivos das políticas e lideranças governamentais (SOARES, 1988). Estes conceitos seguem a lógica capitalista e o favorecimento dos interesses das classes dominantes, sobrepondo-se aos grupos sociais em situação de vulnerabilidade que, certamente, contradiziam meus propósitos profissionais e pessoais.

Na mistura de conceitos e habilidades que desenvolvi, busquei instrumentalizar a comunicação social para a divulgação de papéis reciclados e objetos artesanais a partir de materiais reutilizados. Em 2006 criei a marca *Pedra Papel e Tesoura*<sup>12</sup> para utilizar em meu espaço de produção e no conceito das minhas oficinas de artes plásticas e artesanato, em minha residência. Esta nomenclatura faz analogia a um jogo que surgiu na China e se popularizou no Japão, onde, originalmente, os termos japoneses significavam *Gu* para *pedra*, *Choki* para *tesoura* e *Paa* para *papel*, sendo popularmente pronunciado como *Jankenpon*. No Brasil, este jogo tornou-se conhecido como *Pedra Papel e Tesoura* e se utiliza de gestos com as mãos. A mão fechada simboliza a *pedra*, a mão aberta o *papel* e os dois dedos esticados representam a *tesoura*, que corta o *papel* (por isso vence), o *papel* embrulha a *pedra* (o *papel* ganha), e a *pedra* destrói a *tesoura*. Nos países lusófonos e em Portugal, este jogo é conhecido como *Pedra, Papel, Tesoura* (FERREIRA, 2006).

Figura 02 – Marca do atelier Pedra Papel e Tesoura. Mato Grosso, 2006.



Fonte: Acervo da autora.

Nota: Arte de Cristiane C. A. Soares (2006).

<sup>12</sup> Endereço do meu site de trabalhos artesanais: [www.pedrapapeletesoura.com.br](http://www.pedrapapeletesoura.com.br)

O nome que escolhi para representar minha marca (Figura 02) foi inspirado neste jogo que utiliza as mãos, fazendo uma referência à valorização do trabalho manual em minha produção. Relacionei a *pedra* com a natureza, sendo o *papel* um importante resíduo utilizado em meu trabalho, e a *tesoura*, representando uma ferramenta fundamental para a criação de meus produtos artesanais. Na composição visual, elaborei um desenho digital inspirado no símbolo que identifica materiais para reciclagem, que padroniza embalagens e facilita a triagem de materiais para o descarte seletivo (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2013). Para que esta marca representasse também um ciclo constante das artes visuais, acrescentei os lápis no desenho da marca.

Quando iniciei a caminhada junto ao GPEA, houve um encontro muito significativo entre as minhas experiências pessoais e os conceitos defendidos pelo grupo. Assim, observei contrapontos estudados em minha formação inicial, como os processos da comunicação, que envolvem a troca de conteúdo entre indivíduos utilizando um código comum, na transmissão de mensagens entre o emissor (quem transmite a informação) e o receptor (quem recebe a informação) (FREIRE et al., 2015). Em sua visão crítica da comunicação na educação, Freire (2014) nos conduz a pensar nas relações *narradoras* ou *dissertadoras* entre *educadores e educandos* que, em ampla medida, utilizam a *educação bancária*, onde os educadores (emissores) simplesmente depositam os conteúdos junto aos educandos (receptores), para que estes recebam o conhecimento sem ser estimulados ao questionamento e à reflexão.

No entanto, a convivência com a comunidade de Mata Cavalo, junto ao grupo pesquisador com seus conceitos dialógicos, possibilitou-me novos olhares que perpassam pela educação ambiental junto à educação popular, com a valorização da cultura e da arte. Nos diálogos de pesquisa, preconizamos o conceito de cultura popular e nos desvencilhamos da neutralidade da palavra *Cultura*, superficialmente introduzida pelo folclore presente nos livros didáticos, e também da intencionalidade política e imponente que camufla as intenções de manipulação popular (BRANDÃO, 2002). Conceituamos a cultura no sentido de buscar a compreensão dos problemas socioambientais, na reprodução das tradições ou na produção de novos hábitos, trazendo a multiplicidade dos olhares sobre o mundo, e na nossa relação com ele. Buscamos também a compreensão dos aspectos culturais para abranger as múltiplas linguagens que permeiam os campos da educação, das ciências, das artes

e tantas outras dimensões, por meio de expressões, metáforas e símbolos (SATO; PASSOS, 2009).

De fato, compreendi também que a comunicação poderia ser dialógica, crítica e reflexiva, onde a democratização dos meios de comunicação se mostrou possível quando estudei os materiais pedagógicos educacionais<sup>13</sup> produzidos pelo grupo pesquisador junto às comunidades pesquisadas.

Um dos grandes fatores de insucessos nos programas de EA reside no fato de que as proposições não consideram a realidade singular do universo escolhido, correndo o risco de uma imposição [...]. Não basta boa vontade em educação ambiental. É preciso sensibilidade e competência. Mas é, sobretudo, preciso reconhecimento dos direitos à alteridade que os outros são, no sentido de lhes conceder o que julgamos que os outros devem conceder a nós (SATO; PASSOS, 2008, p. 71).

Assim, repensando as minhas convicções anteriores, reconheci na educação ambiental o fio condutor para a reflexão crítica que pudesse permear os espaços comunitários e escolas das comunidades em situação de vulnerabilidade socioambiental, com o olhar que reúne o *eu* às *nossas* percepções. Então, passei a observar o mundo sob as dimensões da luta e da esperança nas sociedades sustentáveis possíveis (KAWAHARA, 2015).

Este contexto de pesquisa despertou em mim um novo olhar sobre o conceito de imagem, sobre a arte e tudo o que ela tem representado junto à educação ambiental. A arte enquanto ciência oferece possibilidades de resistência por meio dos diálogos entre cultura e natureza, na poesia científica (QUADROS, 2013), que traz como legítimos os valores das/os oprimidas/os e marginalizadas/os pela perda de seus ecossistemas originais.

[...] a arte nunca foi percebida como temática imprescindível no debate político do ambientalismo, ficando renegada às dinâmicas iniciais ou finais de eventos e encontros; ou puramente limitada aos museus, com exposições caras para que somente a elite consiga compreendê-la. Ora, a arte, e toda ela, diz respeito ao mais fecundo do ser humano. Expressão de transcendência, de superação do

---

<sup>13</sup> A educomunicação que o GPEA coloca em prática em muitos de seus processos formativos e projetos de intervenção tem um papel fundamental em legitimar o empoderamento dos grupos sociais, promovendo o acesso ao uso das tecnologias da informação, na facilitação do processo de ensino-aprendizagem, promovendo a expressão comunicativa. Fortalece alianças, oferecendo oportunidades de diálogos, trocas de conhecimentos dentro da realidade disponível local, criando uma comunidade de aprendizes, com relações verticalizadas, francas e abertas (SOARES, 2004).

espaço e tempo. Enfeixa os tempos e espaços em linguagem que une o singular ao universal, e nos arrebatada (SATO; PASSOS, 2009, p. 45).

Fazendo uma analogia aos termos utilizados em Comunicação Social, explico que, na presente pesquisa, não pretendo *vender* imagens ou emoções delineadas por traços *estrategicamente* planejados e visualmente *sedutores*, para persuadir o *público-alvo* leitor. Ainda que eu tenha formação acadêmica em Publicidade e Propaganda, devido à minha essência de artista e formação da Licenciatura em Artes, no caminhar desta pesquisa, busquei compreender o significado poético da imagem, em sua perspectiva da cultura e da arte-educação-ambiental. “A imagem, entretanto, não é mera reprodução da realidade e não vale mais do que mil palavras, afinal uma palavra como “Cultura” poderá ser representada por milhões de imagens” (SATO; PASSOS, 2009, p. 46).

Sou uma artista e cientista que ressignificou uma infinidade de conceitos, junto aos princípios da sociopoética e do fecundo convívio com um grupo pesquisador, produzindo esboços da luta de uma comunidade quilombola que ainda é subjugada, humilhada e resiste em suas manifestações culturais ancestrais. A resistência por meio da cultura desta comunidade me fez retomar lembranças da minha infância, quando participei das festas de santo, no brincar com as artes no ambiente familiar, repleto de natureza, livros, discos, tintas e pincéis, onde se deu início à constituição da minha identidade cultural.

Os estímulos à criação, apreciação e valorização da arte a que tive acesso em meus primeiros anos de vida foram fundamentais em minha formação epistemológica, especialmente neste contexto de pesquisa. Os processos formativos e estudos junto ao GPEA me possibilitaram realizar intersecções entre a insurgência da conservação do meio ambiente, por meio da arte-educação-ambiental (QUADROS, 2011).

#### 1.4 O OLHAR DA PESQUISADORA-ARTISTA

Kawahara (2015, p. 11) nos explica que “uma das formas mais notáveis de celebração da vida e de expressão da identidade cultural das comunidades está na realização das festas tradicionais”. Em celebrações como estas a educação ambiental já se fazia presente em minha vida, sem que eu me desse conta.

Reconheço a forte influência da minha mãe, por ser a primeira das grandes mestres que tive em minha vida, pois foi aquela que me ensinou a pintar, com muito amor, os panos de prato, as telas e a minha própria história de vida. Valorizo também a timidez do meu pai que prevalece em minha personalidade, que me preparou para cuidar das pessoas e me incentivou a compreender a cultura, por meio dos livros e pela beleza da vida.

Tenho imensa estima pela minha família, a primeira *comunidade aprendente*, repleta de natureza e cultura, com pequenas pinceladas de educação ambiental, que me ajudaram a compreender quem eu sou hoje. Os passeios à Comunidade São Gonçalo Beira-Rio me mostraram a natureza nos rústicos utensílios e esculturas feitas do barro, retirado e moldado nas margens dos rios, onde a arte popular traduz a resistência e busca a sobrevivência de uma comunidade que sofre cada vez mais os efeitos da degradação ambiental.

São Gonçalo pulsa na dinâmica da tradição Cuiabana. Suas expressões culturais parecem ter cheiros, sabores, olhares, tatos, audições e sentidos da natureza [...] sua resistência, contudo, anda desmoronando tais quais as barrancas do rio Cuiabá, que serve de fonte de vida para sua gente. Sentado à sombra dos quintais, o ribeirinho - acossado - tem assistido o crescimento voraz da cidade, que cada vez mais se avizinha [...] empurra os moradores tradicionais para áreas mais periféricas [...] agora, desprovidos de seu universo social, simbólico e cultural [...] desestabilizados de sua dinâmica, perdem sua fonte renda, seus hábitos, lócus e até o seu sentido de existência, e junto com eles, também perde sua alma (ALVES; SATO, 2005, p. 2).

Já não me recordo quantos anos eu tinha quando aprendi a confeccionar flores de papel, decorar andores e bandeiras para festas de santas/os, mas me recordo de cada palavra das rezas cantadas. Ainda lembro-me bem das cantigas das festas, como a de São João:

Deus te salve João Batista Sagrado  
Do seu nascimento nós temos nos alegrado (Bis)  
João batiza Cristo, Cristo batiza João  
Ambos foram batizados no rio do Jordão.

Acalenta-me a lembrança das luzes das velas acesas pela fé e as contações de histórias que ouvi. Minha mãe que me possibilitou o contato com benzedeadas,

cartomantes, terreiros de Umbanda e o profundo respeito à espiritualidade enquanto manifestação cultural. Em minha trajetória no artesanato, nas artes plásticas, nos trabalhos em projetos sociais e culturais, percebi a arte como um componente de renovação e esperança, possibilitando a geração de renda às pessoas carentes e em situação de vulnerabilidade. No entanto, somente após o contato com os estudos realizados pelo GPEA passei a observar que a degradação ambiental estava diretamente relacionada aos prejuízos socioambientais que atingiam determinados grupos, ocasionando perdas culturais para favorecer o capitalismo e seus efeitos devastadores.

Em contato com a arte-educação-ambiental, me realizei enquanto pesquisadora, pois as possibilidades de trabalho e estudos iam de encontro a tudo aquilo que eu já havia percebido, mas até o momento do ingresso no GPEA, não tinha certeza se poderia incorporar a arte à educação ambiental. Antes de ingressar no Mestrado, aprendi muito como aluna especial na disciplina *Seminário Avançado: Educação Ambiental* por dois semestres, respectivamente nos anos de 2010 e 2015. Nos caminhos de aprendizagem e transformações por onde passei, tive muitas oportunidades, mas somente a travessia do GPEA me fez compreender o sentido da educação ambiental nos diálogos, vivências, estudos e profundo respeito à natureza.

Um dos momentos mais marcantes foi em 2010, na vivência no VI Encontro da Rede Matogrossense de Educação Ambiental (REMTEA). Minha participação, ainda que bastante tímida, permitiu-me observar e repensar aquilo que anteriormente eu percebia como conceitos de educação ambiental. Nesta ocasião estabeleci contato com tristes realidades de grupos sociais em situação de vulnerabilidade, prejudicados pela devastação ambiental, que causaram e causam prejuízos irreversíveis nos modos de vida destas pessoas.

A rede de EA inscrita nos movimentos ecológicos permite-nos a vivência do esvaziamento e do transbordamento, conforme o ritmo frenético da vida. Uma aprendizagem significativa em rede solicita a presença de educadoras e educadores ambientais seja para recuos e avanços necessários às contrações partejantes. Não importa se a participação é ora tímida, ou ora ativa, mas é a presença que colore, confere o gosto e o cheiro ao mundo, oferecendo vestígios úmidos e quentes de passagens e ultrapassagens, sem necessitar provas (SATO; PASSOS, 2008, p. 63).

Em 2015 acompanhei os preparativos de inauguração da Casa da Cultura da Comunidade Quilombola de Mata Cavallo. Em contato com a educação ambiental, educação popular e educomunicação propostas pelo GPEA, passei a compreender a Comunicação Social como uma ciência também capaz de promover diálogos políticos e reflexivos em favor de uma sociedade mais justa e responsável, possibilitando táticas de resistência.

Desde que ampliei minha consciência ambiental, não mais restrita à reciclagem e coleta seletiva, compreendi o valor do relacionamento do ser humano com o planeta, a manutenção das culturas ancestrais e os saberes e fazeres dos povos e comunidades. Nos momentos de aprendizagem, concluí que reciclar é somente uma medida paliativa frente à triste realidade de degradação ambiental que enfrentamos:

Queremos tratar da Educação Ambiental não como estratégia ou instrumento, mas desejo entendê-la e fazê-la princípio que respeita as diversidades e percebe a importância dos saberes locais como fundamentos valorosos que precisam ser retomados e respeitados, pois o esquecimento ou a desvalorização do dito “tradicional” ou “selvagem” ou “subdesenvolvido” nos trouxe a crise socioambiental e a miséria da condição do ser humano na atualidade (KAWAHARA, 2015, p. 28).

Assim, percebi a relação entre minha profissão, meus ideais, com a educação ambiental e popular proposta pelo grupo pesquisador. Conhecer as dificuldades das/os indígenas, ribeirinhas/os, quilombolas e outros grupos em situação de vulnerabilidade ampliou minha visão acerca da realidade dessas comunidades, instigando ainda mais a vontade de pesquisar em favor das/os que necessitam do diálogo com o poder público e da efetivação de seus direitos. As/os quilombolas, em especial, muito me chamaram atenção: um povo que luta por melhores condições sociais, que sofreu e ainda sofre diariamente as consequências do racismo ambiental.

A partir do momento em que ingressei no Mestrado no ano de 2016, fui acolhida e conduzida com muito respeito, e isso me possibilitou infinitas aprendizagens com o companheirismo das/dos colegas pesquisadoras/es e na comunidade de Mata Cavallo. Conviver com o GPEA foi uma das experiências mais significativas em minha caminhada, tanto profissional, quanto pessoal. De acordo com Sato (2011), o grupo pesquisador nos proporciona o contato com a constituição

*axiomática*, em conjunto com a *práxis* militante em educação ambiental, em meio aos diálogos *epistemológicos*.

Neste trajeto de pesquisa, caminhei em comunhão, de mãos dadas, partilhando dificuldades e conquistas, que por vezes foram o conforto diante da solidão, tão natural quando direcionamos nossas melhores energias ao trabalho da pesquisa. Pude contar com o companheirismo das/dos colegas pesquisadoras/os, e a aprendizagem se deu pelo conjunto dos diferentes olhares e percepções que nos fortaleceu. Nos momentos em campo, fomos acolhidas/os pelo afeto de uma comunidade que sofre as violações de seus direitos ancestrais, mas que sempre nos recebeu com um imenso carinho, especialmente pela trajetória de afetividade que o nosso grupo pesquisador vem construindo ao longo de tantos anos de pesquisa em Mata Cavallo.

Em um caminho cheio de curvas, tentativas, erros e acertos, de tantos recomeços e aprendizagens, esbocei conceitos que resultaram em um desenho pesquisador permeado de cultura e arte. Assim, me percebi, enquanto arte-educadora-ambiental, capaz de dialogar, aprender e ensinar, e, junto com o grupo pesquisador, compreendi uma educação ambiental com a sensibilidade e o compromisso social, permeada de esperança e de luta por dias melhores.

## CAPÍTULO II: OBJETIVOS



## Canto das Três Raças

Ninguém ouviu um soluçar de dor  
 No canto do Brasil  
 Um lamento triste sempre ecoou  
 Desde que o índio guerreiro  
 Foi pro cativo e de lá cantou  
 Negro entoou  
 Um canto de revolta pelos ares  
 No Quilombo dos Palmares  
 Onde se refugiou  
 Fora a luta dos Inconfidentes  
 Pela quebra das correntes  
 Nada adiantou  
 E de guerra em paz, de paz em guerra  
 Todo o povo dessa terra  
 Quando pode cantar, canta de dor  
 E ecoa noite e dia  
 E ensurdecedor  
 Ai, mas que agonia, o canto do trabalhador  
 Esse canto que devia ser um canto de alegria  
 Soa apenas  
 Como um soluçar de dor.

Paulo César Pinheiro

Para iniciar este segundo capítulo, recorro aos versos da música *O Canto das Três Raças*<sup>14</sup>, composta por Paulo César Pinheiro e marcada pela interpretação de Clara Nunes, a primeira cantora brasileira a ser reconhecida por um repertório rico em referências do Candomblé e da Umbanda (BAKKE, 2007). Interpreto esta canção como um lamento triste das lutas e dificuldades das raças que deram origem ao povo brasileiro. Em busca de uma imagem que fizesse referência à triste história das/os negras/os africanas/os escravizadas/os, desenhei Zumbi, o líder do Quilombo dos Palmares.

## 2 LUGARES E GENTE DA LUTA QUILOMBOLA

Neste capítulo, fizemos uma abordagem sucinta da formação original dos quilombos africanos, com suas particularidades ao se constituírem em terras brasileiras, suas lutas, conflitos e resistência, dos antigos quilombos aos quilombos atuais. Dialogaremos sobre a fixação das/dos negras/os africanas/os em terras mato-grossenses. Mais particularmente trataremos da formação do Complexo Boa Vida Mata Cavallo, que se fixou no município de Nossa Senhora do Livramento, dando origem às seis associações que configuram a atual Comunidade Quilombola Mata Cavallo: Ponte da Estiva, Mata Cavallo de Baixo, Mata Cavallo de Cima, Mutuca, Aguassú e Capim Verde.

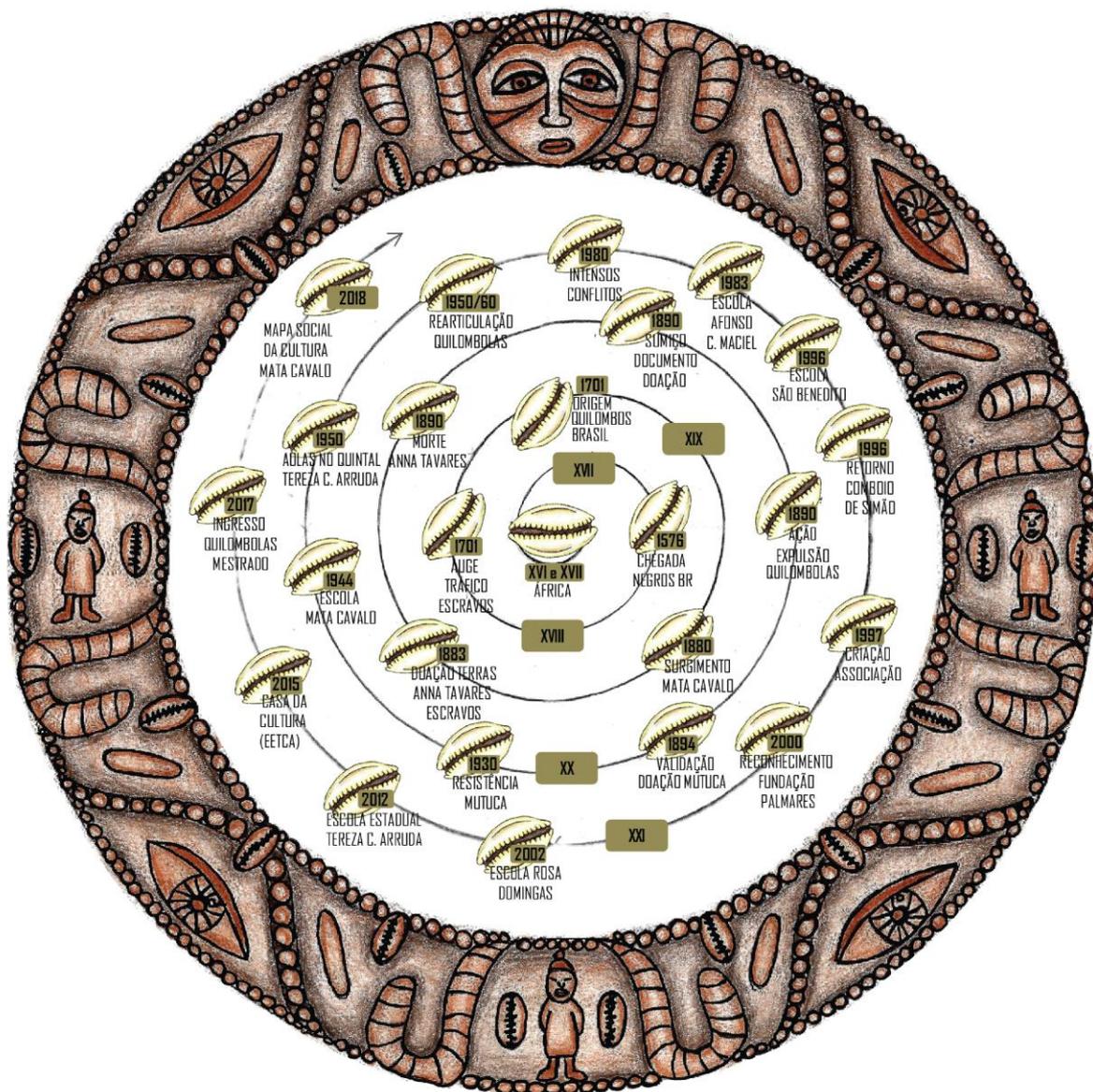
Para sistematizar os acontecimentos históricos de maior importância na trajetória que deu origem ao quilombo de Mata Cavallo, com suas lutas e conquistas, desenhei o Oráculo Ifá (Figura 03). De origem Africana, é utilizado por pais e mães de santo que realizam previsões do futuro das pessoas por meio dos búzios (BELÉM, 2008).

Em seguida, abordaremos o envolvimento dialógico que o GPEA constituiu no quilombo Mata Cavallo, por meio de pesquisas, interações, processos formativos e vivências que fortaleceram os laços afetivos entre a comunidade e um grupo que não se limita à pesquisa e busca a militância, a colaboração e as vivências com profundos significados na visibilidade deste povo, contextualizando seus ideais junto aos temas propostos por esta dissertação.

---

<sup>14</sup> A música *O canto das três raças* está disponível em videoclipe, no seguinte link: <https://youtu.be/dcVKb2ht6BE>

Figura 03 – Peneira Ifá, uma representação cronológica dos acontecimentos históricos de Mata Cavallo. Mato Grosso, 2017.



Fonte: Acervo da autora.

Nota: Arte de Cristiane C. A. Soares (2017).

## 2.1 O Quilombo de Mata Cavalo

Partindo do conceito de quilombo: é uma palavra que significa *campo de iniciação*, se originou dos povos de língua *bantu* (dos séculos XVI e XVII), trazidos da África para serem escravizados no Brasil. O quilombo africano, em seu amadurecimento, recrutava homens de linhagens estrangeiras aos seus grupos de origem, submetendo a um ritual de iniciação dos jovens para adquirirem qualidades de grandes guerreiros, com o objetivo de integração e unificação. Este modelo de organização abrigou diversas etnias, assim como o quilombo brasileiro, que se abriu às/aos oprimidas/os (negras/os, índias/os e brancas/os), reconstruído para se opor à estrutura escravocrata, se organizando para fugir do trabalho exaustivo das senzalas e plantações, também resistindo aos modelos ideológicos excludentes (MUNANGA, 1995-1996).

O processo de exploração das terras brasileiras teve início com a colonização portuguesa, que utilizou inicialmente a exploração da força de trabalho indígena para a retirada do pau-brasil. Posteriormente, percebendo o potencial de lucros que a cana de açúcar possuía no mercado europeu, com a necessidade de um grande contingente de pessoas nos canaviais (também no cultivo de cereais, algodão e café) e na extração do ouro, houve a exterminação e a expulsão das/os indígenas de suas terras, para forçá-las/os ao trabalho escravo (GENNARI, 2011).

De acordo com as informações pesquisadas por Marquese (2006), entre os anos de 1576 e 1600, chegaram ao Brasil cerca de 40 mil negras/os escravizadas/os, e até o ano de 1625 este número passou a representar aproximadamente 150 mil escravas/os africanas/os. Conforme afirma Gennari (2011), a partir do século XVIII, enquanto o marquês de Pombal proibiu a escravidão indígena, um comércio muito mais lucrativo estaria em alta no mercado internacional: o tráfico de escravas/os.

Sob esta perspectiva, percebemos que o fim da escravidão indígena não tem relação com a capacidade produtiva destes, sendo também inconsistente o argumento de que as/os índias/os viveriam menos que as/os africanas/os por contraírem doenças europeias, pois a mortalidade estaria mais relacionada ao esgotamento causado pela intensa carga de trabalho e às condições subhumanas de sobrevivência. Relacionava-se, na verdade, aos altos lucros que já estavam se originando pelo tráfico negreiro (GENNARI, 2011).

Conforme Gennari (2011) compreende-se, então, que a chegada de um grande contingente de africanas/os para trabalhar nas colônias seria muito mais vantajosa que a força de trabalho indígena, tanto em quantidade de escravas/os para a demanda de serviços quanto em lucratividade no comércio escravista, enquanto mercadorias de alto valor aquisitivo, garantindo os interesses das companhias de navegação.

Introduzidos nas plantações após terem sido arrancados à força do seu meio social, os africanos das senzalas têm apenas maiores dificuldades em levar adiante uma resposta coletiva na medida em que se deparam com pessoas de diversas etnias, línguas, tradições [...] Apesar disso, a longa lista de insurreições, fugas, assassinatos de feitores e demais formas de resistência mostra que a hipótese de uma maior submissão dos negros não tem fundamento (GENNARI, 2011, p. 16).

A hipótese de que as/os escravas/os africanas/os seriam mais passivas/os que as/os índias/os foi refutada, pois a própria formação dos quilombos no Brasil é uma das formas de resistência ao domínio dos colonizadores. Ainda que em desvantagem com relação às/aos indígenas – que conheciam a localidade e sabiam para onde fugir – as/os escravas/os africanos foram agredidas/os, desarticuladas/os e mantidas/os distantes de suas origens, e ainda assim buscaram formas de resistir ao sistema vigente (GENNARI, 2011).

Ao longo do tempo, grande parte dos quilombos no Brasil foi destruída e os que se mantiveram vêm se distanciando do conceito proveniente dos povos africanos (Bandus). Definidos enquanto focos de resistência ao escravismo colonial, nos dias de hoje, estes locais promovem a organização e a luta pela posse definitiva das terras e a legitimação de direitos das/os negras/os que foram escravizadas/os e sofreram injustiças e discriminações que perduram até hoje (LEITE, 2000). Quando presenciamos os relatos da luta dos primeiros quilombos até os que resistem nos dias atuais, pensamos, ainda, na negligência ao direito de *ser quilombola*, de ter visibilidade histórico-cultural, reprimida outrora pelo sistema colonialista e atualmente segregada pela política excludente e racista.

Os quilombos atuais não se referem somente ao passado, enquanto *remanescentes*<sup>15</sup> de escravos/os: representam novas/os sujeitas/os e demandam ações e políticas de reconhecimento social e cultural. No entanto, as/os quilombolas são bastante questionadas/os acerca da legitimidade de seus direitos e persistem em lutar, em conformidade com suas condições, valores e práticas culturais (LEITE, 2000).

Os quilombos contemporâneos, a exemplo de Mata-Cavalo, mesmo tendo origens diferentes das do século XVIII, e estando economicamente empobrecidos, conservam o mesmo espírito de luta. Organizados em associações e pautados na lei, implementam ações sociais na esperança de conquistar um dia a liberdade imparcial, o respeito, o reconhecimento, enfim a dignidade humana (CASTILHO, 2008, p. 67).

Ao invés de serem respeitadas/os enquanto comunidades em suas necessidades de conservação da historicidade, trajetórias de organização, referências simbólicas e do convívio coletivo para o usufruto da terra, na maioria das vezes, dentro de uma falsa noção de *democracia social*, as/os quilombolas são marginalizadas/os e estigmatizadas/os (LEITE, 2000). Contudo, a resistência deste povo é notável na organização de articulações políticas, pelos seus direitos legítimos.

O Quilombo de Mata Cavalo, que é o nosso local de estudos, se encontra no município de Nossa Senhora do Livramento, em Mato Grosso. Com uma paisagem diversa em espécies vegetais, fauna nativa e minérios, esta região sempre atraiu olhares de admiração e de quem vislumbra possibilidades de exploração. A comunidade rural negra de Mata Cavalo surge na década de 80 do século XIX, após a doação das terras que faziam parte da sesmaria Boa Vida, que dona Anna da Silva Tavares fez aos seus trinta e quatro escravos para que, a partir de então, estivessem libertos, ratificando o testamento de seu falecido esposo Ricardo José Alves Bastos. A área de Ribeirão Mutuca foi doada a Leopoldino Alves da Costa. Na região norte havia a sesmaria Mata Cavalos, que foi comprada pelo negro alforriado Marcelino Paes de Barros. Estas pessoas se tornaram pequenos proprietários de terras em Nossa Senhora do Livramento (BARROS, 2007; SIMIONE, 2008).

---

<sup>15</sup> Nesta dissertação, evitaremos o uso do termo *remanescente*, pois, de acordo com as autonarrativas, para algumas pessoas que fazem parte do quilombo de Mata Cavalo, é uma terminologia pejorativa, que tem sentido negativo para as/os quilombolas.

De acordo com relatos de Castilho (2008), na transcorrência do século XIX, a região de Livramento *progrediu* (sob o ponto de vista das classes hegemônicas) graças ao trabalho escravo das/os negras/os e de suas/seus descendentes. A descoberta das minas de ouro atraiu um grande fluxo de comerciantes e pecuaristas, demandando a chegada de muitas/os negras/os escravizadas/os.

Barcelos (2011) afirma que no dia 15 de setembro de 1883 foi registrada a doação das terras da Sesmaria Boa Vida aos escravos de dona Anna da Silva Tavares. Esta sesmeira faleceu em 1890, mesmo ano em que o registro sumiu misteriosamente do cartório de Nossa Senhora do Livramento. No entanto, foi possível averiguar a veracidade da doação em outros processos do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso e no Instituto de Terras de Mato Grosso (INTERMAT). Concomitante a estes fatos, as/os vizinhas/os desta comunidade mobilizaram uma ação judicial para a expulsão das/os negras/os, sem legalmente obter êxito.

A partir deste período, iniciaram-se diversas tentativas de expropriar as/os legítimas/os proprietárias/os de Mata Cavalo e muitas/os ex-escravas/os perderam suas terras por meio de ameaças e violências. Em 1894, foi legitimada a doação da área do Ribeirão Mutuca a Leopoldino Alves da Costa, que em 18 de junho de 1896 vendeu a Vicente Ferreira Mendes, um ex-escravo liberto, fato também devidamente registrado de acordo com as leis vigentes da época (BARCELOS, 2011).

O povo quilombola, dentre suas táticas de luta, buscou, desde o início da formação da comunidade, legitimar seu território por meio da educação, mesmo na ausência de recursos e na situação de discriminação que viviam. Moreira (2017), em seus levantamentos históricos, afirma que no ano de 1925 seo Antônio Mulato, o morador mais antigo do quilombo (atualmente com 112 anos), solicitou uma professora ao prefeito de Nossa Senhora de Livramento para ensinar as crianças de Mata Cavalo. A solicitação foi atendida, mas somente 20 crianças brancas foram *escolhidas* para ser ensinadas e mais uma vez o racismo foi um dos fatores que tentaram desarticular a resistência deste povo. De acordo com relatos de uma de suas netas, na ocasião, Mulato encaminhou suas/seus filhas/os para estudarem na escola de Nossa Senhora do Livramento. Alguns anos depois, em resposta à solicitação deste mesmo morador, foi construída a primeira escola em Mata Cavalo, mas as professoras que ali lecionavam não eram quilombolas e vieram do município de Livramento.

Conforme Barcelos (2011), a partir de 1930, com a política brasileira da *Marcha para o Oeste*, a área do quilombo foi amplamente *valorizada* por sua localização favorável e cobiçada pela descoberta do ouro. Em situação vantajosa sobre o pouco conhecimento judicial e a ausência de recursos financeiros desta comunidade, os proprietários de terras exigiram a medição total daquela área. Coagidos e sem condições de reagir em defesa de seus direitos, as/os escravas/os foram intimidadas/os e se tornaram vítimas de violência.

Desta forma, teve início o processo de dissolução da formação inicial de Mata Cavallo, marcado por violenta grilagem de terras das/os negras/os por parte dos fazendeiros, que expandiam suas cercas a qualquer custo, cobiçando as fartas jazidas de ouro da região. No entanto, Silva e Jaber-Silva (2014, p. 7) afirmam que “o uso da terra em Mata Cavallo obteve, desde o início, um caráter efetivo de uso e cultivo de cunho comunitário pelos quilombolas”, e as desarticulações e violências sofridas preconizaram a diáspora desta comunidade.

De acordo com Barcelos (2011), desde 1930 a associação da Mutuca representou um dos focos de resistência a inúmeras dificuldades e negligências sofridas pelas/os quilombolas. Tendo muitas de suas roças queimadas pelos fazendeiros, os homens da comunidade saíram em busca de trabalho e do sonho de enriquecer com ouro. Em meio à necessidade da sobrevivência, surge também um sentimento de solidariedade e retomada das práticas sociais comunitárias: a divisão dos alimentos, o trabalho na roça e os cuidados domésticos.

Esse movimento de resistência possibilitou a esta comunidade posse e propriedade de 200 hectares de terras, expandindo a existência para a *comunidade de remanescentes do Quilombo de Mata Cavallo*. Enquanto parte desta comunidade tentava resistir às ameaças dos fazendeiros e à gananciosa busca de riquezas, um movimento de diáspora começou a se formar em torno daquela região (BARCELOS, 2011).

A partir do ano de 1942, ocorreram muitas invasões do quilombo, pelos fazendeiros. Há relatos de moradoras/es antigas/os sobre a cobrança abusiva de dívidas. As/os quilombolas compravam *fiado*, de um fazendeiro, alguns produtos de consumo cotidiano. Inicialmente o pagamento com itens cultivados na terra eram aceitos como pagamento. Posteriormente a quitação da dívida passou a ser exclusivamente por meio da entrega de terras. Sem que houvesse um acordo entre as partes, o credor solicitou a medição das terras, obrigando o portador de dívida a

entrega de 40 hectares de terras quilombolas. Outras partes do quilombo também foram indevidamente vendidas a alguns fazendeiros por Manoel Monteiro da Silva, o antigo prefeito de Nossa Senhora do Livramento (SILVA; JABER-SILVA, 2014).

De acordo com relatos de membros mais antigos da comunidade, no ano de 1944 foi fundada uma escola em Mata Cavallo, com professoras de Nossa Senhora do Livramento. Dos anos seguintes na década de 1950, surge a primeira professora deste quilombo: Tereza Conceição de Arruda, filha de Antônio Mulato, que passou a dar aulas para as crianças no quintal de sua casa. Apesar de ter conseguido ser remunerada pela prefeitura, sua sala de aula não foi reconhecida pelo Estado, em mais uma tentativa de destituir a educação quilombola (MANFRINATE, 2011; MOREIRA, 2017).

As décadas de 1950 e 1960 representaram o momento de rearticulação dessa comunidade enquanto organização quilombola, marcada pelo retorno de alguns membros de Mata Cavallo às suas terras de origem. A maioria das/os descendentes de escravos/os retornou à região por meio de compra de terras ou por invasões de áreas periféricas sem documentação legal, acirrando fortemente a disputa de terras com alguns fazendeiros da região (BARROS, 2007).

De acordo com Silva e Jaber-Silva (2014), 1980 foi o ano marcado pela intensidade dos conflitos na sesmaria Boa Vida, onde a permanência das/dos quilombolas se tornou cada vez mais difícil. Ainda não havia a articulação política da associação de moradores para lutar pelos direitos da comunidade. Muitas/os foram obrigadas/os a comprar as terras que já eram suas por direito, para permanecer na região. Parte das/os moradoras/es que não tinham condições para isso buscou outros locais para se estabelecer. Contudo, alguns movimentos de resistência da comunidade aconteceram, também por meio do ensino escolarizado que sempre fortaleceu a luta do quilombo. Há relatos de que no ano de 1983 foi fundada a Escola Afonso de Campos Maciel (apesar de estar em terras quilombolas, recebeu o nome de um fazendeiro da região).

Em 1994 teve início um forte movimento de resistência no quilombo, com um grande comboio de retorno para a localidade de Simão, liderado por seo Cesáreo, junto às/aos quilombolas e seus parceiras/os de luta (SATO *et al.*, 2010). Sobre a diáspora das/os quilombolas:

Várzea Grande e Cuiabá constituem os principais locais de atração de migrantes de Mata-Cavalo. O bairro Cristo Rei, localizado em Várzea Grande, foi fundado pelos negros de Mata-Cavalo. Por muito tempo esse bairro teve o nome de Capão do Negro. Os mata-cavalenses transplantaram para lá suas manifestações culturais: as festas de santo, os rituais de umbanda, a dança de congo e demais usos [...], tornando Cristo Rei um território negro. Em Cuiabá, Ribeirão do Lipa foi o bairro de destino de várias famílias. Ainda hoje, muitas delas continuam morando lá (CASTILHO, 2008, p. 56).

O ano de 1996 tornou-se um marco histórico para este povo, pois teve início uma grande mobilização política. Inicialmente, foi uma articulação junto às/aos trabalhadoras/es sem-terra. A partir do fortalecimento desta comunidade, passaram a requerer não mais assentamentos rurais e sim a terra quilombola que já lhes pertencia. Neste mesmo ano, foi fundada a Associação de Moradores de Mata Cavalo e a Escola Municipal São Benedito, em um momento de intensa resistência da comunidade junto às agressões dos fazendeiros da região (SATO, et al, 2008; CASTILHO, 2008; SILVA; JABER-SILVA, 2015).

Na atualidade, a nova geração do Mata Cavalo busca na arena política a legitimação de suas terras, apoiando-se na Constituição Federal de 1988 e tudo que ela representa de avanço para o resgate histórico das dívidas contraídas no passado do Brasil escravocrata. [...] o que se discute é a natureza histórica de um território que assumiu proporções primordiais à conservação de um modo de vida singular, centrado na tradição e no sistema comunal de acesso a terra (BARCELOS, 2011, p. 106).

No ano de 2000, Mata Cavalo foi reconhecido e titulado pela Fundação Cultural Palmares<sup>16</sup>. Este quilombo, com sua área ocupada por famílias descendentes de negras/os escravizadas/os (BARROS, 2007), teve um reconhecimento apenas formal, pois nas práticas cotidianas enfrenta sérias dificuldades com a morosidade que impede a posse definitiva de suas terras.

Conforme Moreira (2017) este reconhecimento aconteceu, mas até os dias atuais ainda não foi possível a regularização fundiária e as associações de Mata Cavalo não possuem a documentação definitiva junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). “Concretamente os quilombolas estão na

---

<sup>16</sup> No site [www.palmares.gov.br](http://www.palmares.gov.br) encontram-se maiores informações sobre a Fundação Cultural Palmares, vinculada ao Ministério da Cultura, instituída pela Lei Federal nº 7.668 de 22 de agosto de 1988, que busca a conquista dos direitos das comunidades de descendentes de povos escravizados.

terra sem título legal e, portanto, podem ser decretados como *sem território*, ou inexistentes” (MOREIRA, 2017, p. 117, grifo do autor). A morosidade que impede a posse definitiva acaba por dificultar o acesso aos recursos a que a comunidade tem direito e enfrenta ainda grandes embates junto ao poder público, que muitas vezes negligencia recursos fundamentais para sua permanência no local.

Mata Cavalo foi reconhecido como quilombo e titulado pela Fundação Cultural Palmares com uma área de 11.722 hectares de ocupação tradicional por famílias descendentes de negros escravizados, ou “remanescentes”, como eles se autodenominam. Uma regularização federal transferiu ao INCRA a competência para a demarcação dos territórios quilombolas [...] Mas o reconhecimento é apenas formal, porque na realidade eles não têm acesso aos recursos naturais dos quais dependem para a sua reprodução sociocultural (BARROS, 2007, p. 3).

Conforme descreve Moreira (2017), no ano de 2002 foi fundada a Escola Municipal Rosa Domingas, localizada na região da associação Mutuca, que não contou com investimentos do poder público, sendo possível sua construção por conta do financiamento de uma Organização Não Governamental (ONG) internacional. Já no ano de 2007, quando a Escola São Benedito foi interditada, as/os estudantes foram direcionadas/os à escola da Mutuca, até que, em 2012, foi inaugurada a Escola Estadual Tereza Conceição de Arruda, sendo esta a única instituição de ensino escolarizado do quilombo de Mata Cavalo, nos dias de hoje.

Todas as lutas, a violência sofrida, o racismo e a minimização da importância das/os quilombolas têm reflexos marcantes e muito recentes nas relações sociais entre as comunidades vizinhas. Percebe-se, neste sentido, o papel da escola enquanto articuladora da resistência, e as investidas dos grandes fazendeiros e do poder público em tentativas claras de desarticulação de Mata Cavalo (MOREIRA, 2017). Conforme descreve Castilho (2008), as/os quilombolas de Mata Cavalo nunca foram bem aceitos no município de Nossa Senhora do Livramento, tanto pela população quanto pelos funcionários dos órgãos públicos, que muitas vezes insinuam e até colocam em dúvida a legitimidade de sua luta, descrevendo-os de forma depreciativa e preconceituosa. Há também muitos relatos de discriminação racial também por parte da polícia local com relação às/aos moradoras/es do quilombo, que em muitos momentos eram impedidas/os de entrar nas igrejas, participar de festas e até de dançar no salão principal desses eventos.

As entrevistas desta pesquisa evidenciaram o quanto o preconceito fere profundamente as/os quilombolas de Mata Cavallo, que sofreram e ainda sofrem violência das mais diversas formas:



[...] às vezes a gente [...] sofre um preconceito tão grande que a gente não quer expor. A partir do momento que eu interessei mais em conhecer a minha história, a ver a luta [...] eu me permito me definir como quilombola, porque antes eu não me definia não. Porque a gente sofreu tantos preconceitos [...] ser quilombola era igual a uma coisa ruim, não era admitido ser uma coisa boa. Era igual um negro: a cultura do negro, você ser negro não é um motivo de tanta vergonha como era na época que eu era criança. Antes ser negro era uma coisa ruim.

No intuito de refletir sobre a busca de autonomia para que as/os quilombolas se fortaleçam para cuidar e proteger seus territórios e identidades reconhecemos a importância da Educação Ambiental Popular como uma das táticas possíveis na construção de saberes que possam fortalecer a luta por reconhecimento de sua cultura ancestral (SATO *et al.*, 2008).

## 2.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM MATA CAVALLO

No território quilombola por onde caminhamos nesta pesquisa floresciam imensas riquezas naturais, que outrora serviam de sustento para um povo que atualmente enfrenta muitas privações e dificuldades de sobrevivência. “A opressão é um fenômeno pulsante em Mata Cavallo, e a história e as narrativas pessoais revelam que a dor racial é somada ao processo de injustiça socioambiental” (SATO *et al.*, 2008, p. 160). As principais atividades econômicas da região de Mata Cavallo são a pecuária, a agricultura de subsistência, a suinocultura e ainda a remanescente extração de ouro, que traz uma série de impactos ambientais, como assoreamento do solo, erosões profundas e morte de rios devido ao uso contínuo de mercúrio nas águas (BARROS, 2007). Esta região, banhada pelos rios Mata Cavallo, Mutum,

<sup>17</sup> Essa escolha de denominação das/os sujeitas/os de pesquisa não é uma opção do GPEA, mas um cumprimento das exigências da Plataforma Brasil, de manter o anonimato nas pesquisas com seres humanos. Em todas as transcrições, os textos contêm as características originais das narrativas, também privilegiando imagens relacionadas à cultura de Mata Cavallo, para efeito estético. Embora a transcrição das entrevistas seja uma abordagem própria do capítulo referente aos resultados da pesquisa, adicionei, ainda na contextualização histórica, um trecho para aproximar a *práxis* da *episteme* e fazer uma referência atual das autonarrativas recolhidas nesta dissertação.

Aguassú, Estiva, Mutuca e Ximbongo (SATO *et al.*, 2010), hoje sofre com a falta de recursos hídricos causada pela degradação dos rios, pelo uso inadequado e a má distribuição da água do poço comunitário (AMORIM, 2017).

Silva e Jaber-Silva (2014, p. 10) presenciaram narrativas acerca dos conflitos com os fazendeiros, que “fizeram com que muitos quilombolas abandonassem suas terras, mesmo com um refluxo recente podemos perceber que muitos dos seus hábitos foram alterados pela privação do contato com o território”. Desta forma, observamos que:

As denúncias de negações de direitos dão pistas do caráter deformador da expropriação, que é também uma tentativa de desenraizamento cultural. Neste contexto de violações, as ações táticas encontradas nas brechas são centrais para ações de resistência, é também, no nosso entendimento, uma forma de romper com a inferiorização racial que ainda povoa o imaginário de alguns indivíduos (MOREIRA, 2017, p. 117).

Este território de lutas, com todas as dificuldades que a comunidade quilombola enfrenta, busca se fortalecer e resistir nos espaços das escolas de Mata Cavallo, onde ocorrem mobilizações, formações políticas, festas, rezas e reivindicações. Em torno do espaço escolar institucionalizado, outras educações foram construídas por meio de histórias e elementos legítimos deste grupo, fomentando a aprendizagem, a participação coletiva e o sentido crítico da escola (SENRA, 2009).

De acordo com as narrativas da comunidade acerca de sua trajetória de mobilização e luta, a construção das escolas foi fundamental para as articulações em favor das necessidades e direitos das/os quilombolas. Dentre essas aprendizagens da comunidade com grupos que valorizam a luta deste povo constituíram-se os primeiros laços de amizade e parceria entre o GPEA e Mata Cavallo. A partir deste momento floresceram muitas pesquisas, ensino, projetos de extensão e, sobretudo, a militância política, proporcionando ao grupo pesquisador uma bagagem de conhecimentos fundamentais em educação ambiental popular como um de seus princípios de atuação.

O primeiro projeto deste grupo em Mata Cavallo, denominado *Territorialidade e temporalidade na comunidade quilombola Mata Cavallo*, foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Mato Grosso (FAPEMAT) e teve início em 2006

(SATO, et al, 2008). Em busca de diagnósticos acerca dos conflitos ambientais e seus efeitos sobre este povo, foi proposta a educação ambiental no entrelace da cultura e natureza quilombola, dando visibilidade ao conceito de sustentabilidade preconizado pelo GPEA (AMORIM, 2017).

No ano de 2007, como resultado de uma importante pesquisa, foi elaborado um Laudo Pericial Histórico-Antropológico sobre o Complexo Boa Vida – Mata Cavallo, estudo que detalha a constituição do Quilombo de Mata Cavallo em sua diversidade de aspectos históricos, políticos e culturais, sob a responsabilidade da antropóloga e perita Dra. Edir Pina de Barros (BARROS, 2007). Este material tem auxiliado muitas/os pesquisadoras/es que necessitam e se interessam em pesquisar sobre este quilombo.

De acordo com os dados pesquisados por Silva e Sato (2010) junto à Fundação Cultural Palmares, só em Mato Grosso já foram reconhecidas mais de 60 comunidades quilombolas, em processo de estudo e titulação junto ao INCRA-MT. Reunindo as informações de pesquisas bibliográficas e dados secundários (sites, artigos científicos e outros) e as narrativas dos participantes do I Seminário de Mobilização e Mapeamento Social que ocorreu em 2008, as autoras afirmam que as atuais localidades das comunidades quilombolas dos dias de hoje coincidem com os locais dos antigos quilombos desta região, representando fortes evidências da veracidade da localização destes territórios. Contudo:

Apesar da situação secular e marginal das comunidades quilombolas, efetivamente, no Estado não há nenhuma comunidade de quilombo devidamente titulada. Pelo contrário, em sua maioria, estas comunidades vem enfrentando um processo longo de conflitos ambientais centrados essencialmente nas disputas pelos seus territórios e na luta pelo reconhecimento de seus direitos. Este fato nos evidencia questões emergenciais, como a necessidade de estudos que ofereçam múltiplos conhecimentos de cada comunidade e um maior empenho dos setores responsáveis em acelerar os processos de identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação dos territórios quilombolas em Mato Grosso (SILVA; SATO, 2010, p. 8).

Em 2008, inicia-se um debate fecundo do GPEA da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), que, com o apoio de parceiros, partiu para uma ousada proposta de mapeamento dos grupos sociais de Mato Grosso, com o objetivo de identificar e registrar as *identidades de resistência*, muitas vezes invisibilizadas pelas

políticas públicas e pelo ordenamento territorial de Mato Grosso. Ancorados na tríade *habitantes-hábitos-habitats*, dentro da percepção de um mosaico cultural, buscou-se compreender como as identidades destes grupos se constroem, se destroem e se reconstroem frente às alterações dos seus *habitats* (SATO; PASSOS, 2005; SILVA, 2011).

Juntamente com os mais diversos povos tradicionais e em situação de vulnerabilidade, foi possível construir o *Mapeamento das Identidades e Territórios do Estado de Mato Grosso*. Neste percurso, o GPEA-UFMT elaborou a metodologia Mapa Social, na busca da compreensão da essência das identidades que constroem diferentes significados e que atuam nos diversos biomas mato-grossenses. A valorização da existência de antigas/os e novas/os protagonistas sociais resultou na espacialização e contextualização de um importante mapa que envolveu a participação de 52 grupos sociais/comunidades/movimentos e mais 47 etnias indígenas, reunindo um prognóstico de 99 identidades mapeadas, entre estas a comunidade quilombola de Mata Cavallo (SILVA, 2011).

A elaboração do mapa dos grupos sociais foi um dos aspectos fundamentais na construção da tese de doutorado da professora Regina Aparecida da Silva, intitulada *Do invisível ao visível: o mapeamento dos grupos sociais do estado de Mato Grosso – Brasil*, um estudo que possibilitou ao GPEA novas parcerias, alianças e subsídios que também se desdobraram em outras pesquisas, projetos, mapeamentos, cadernos pedagógicos, reflexões e articulações com as comunidades e grupos sociais em situação de vulnerabilidade, em uma caminhada que valoriza a educação ambiental popular como um de seus propósitos mais significativos.

Já no ano de 2012, no GPEA, em desdobramento ao mapeamento dos grupos sociais do estado de Mato Grosso, foi elaborada a tese de doutorado da professora Michelle Tatiana Jaber da Silva, intitulada *O mapeamento dos conflitos socioambientais de Mato Grosso: denunciando injustiças ambientais e anunciando táticas de resistência* mapeou e denunciou os principais conflitos socioambientais presentes nas 12 regiões de planejamento deste Estado e suas causas propulsoras, a partir de narrativas de grupos sociais em situação de vulnerabilidade, desvelando a exposição que os ecossistemas mato-grossenses sofrem, presumindo os locais de maiores conflitos e anunciando táticas de resistência à política desenvolvimentista, violenta e desrespeitosa (JABER-SILVA, 2015), que trouxe também uma série de conflitos socioambientais existentes em Mata Cavallo.

Neste mesmo ano, foi inaugurada a Escola Estadual Professora Tereza Conceição Arruda, nome dado em homenagem à primeira professora quilombola, que foi uma forte aliada na luta pela educação em Mata Cavalo (MANFRINATE, 2011). Atualmente esta é a única escola deste quilombo. A partir da construção deste espaço, abriu-se mais um caminho para as articulações e diálogos por meio de reuniões da comunidade, nas festividades das principais datas comemorativas do currículo escolar, na Feira de Artes que acontece todos os anos, em celebração ao Dia da Consciência Negra (dia 20 de novembro), nos cursos, oficinas e processos formativos que fortalecem a luta, e motivam as/os moradoras/es da região a produzir coletivamente, fortalecendo a união.

Nesta trama de disputa territorial e conflitos socioambientais a educação escolarizada tem se constituído em forte tática de luta e resistência, que por meio das disciplinas curriculares, dos projetos escolares e do cultivo de vínculos fecundos entre escola e comunidade vem tateando caminhos possíveis para fortalecer a luta pelo território e por uma vida digna (MOREIRA, 2017, p. 8).

Em 2015, por meio de um projeto de extensão, o GPEA promoveu um processo formativo em Educação Ambiental ligado à proposta de Escolas Sustentáveis no quilombo de Mata Cavalo, que aconteceu de agosto a novembro deste mesmo ano, na associação denominada *Mata Cavalo de Baixo*, no espaço da Escola Estadual Tereza Conceição de Arruda. Contou com atividades semanais envolvendo professores, estudantes, servidores, pais e comunidade, além dos integrantes do grupo pesquisador (AMORIM, 2017). Um dos resultados foi a elaboração do Projeto Ambiental Escolar Comunitário (PAEC) em que a comunidade decidiu realizar um desejo antigo: construir um espaço educador sustentável denominado Casa da Cultura Quilombola de Mata Cavalo. Este espaço representa a valorização da riqueza cultural da comunidade, conduzindo um mergulho na compreensão dos modos de vida do quilombo, situando-os nos espaços histórico-sociais onde vivem e construindo seus significados (SILVA, 2015).

Este projeto possibilitou contemplar as dimensões do ensino, pesquisa e extensão, promovendo a participação de estudantes, educadoras/es, gestoras, funcionárias/os da escola, moradoras/es da comunidade e integrantes do GPEA (professoras da UFMT, estudantes de graduação, mestrado e doutorado) e buscou a valorização dos processos educativos, escolarizados ou não, dentro e fora da

escola. Por meio dos diálogos de saberes, proporcionou a problematização da realidade do quilombo e a valorização da cultura local, contando com palestras, oficinas e atividades de campo, mapeando os principais conflitos socioambientais (MOREIRA, 2017) e os problemas ocasionados pela falta de água em Mata Cavallo (AMORIM, 2017).

A participação da comunidade neste processo formativo fomentou um desejo de luta e de realização de sonhos, pois os temas debatidos tocaram profundamente as motivações de mudança, muitas vezes veladas ou escondidas pela invisibilidade promovida pelo descaso do poder público nesta região. Foram momentos de evidenciar um racismo ambiental que impera e impede que a luta alcance a visibilidade, percebendo que a burocracia e os interesses dos fazendeiros da região impossibilitam a posse definitiva das terras deste povo (AMORIM, 2017; MOREIRA, 2017), que, a todo instante, manifesta sua indignação frente a esta triste realidade.

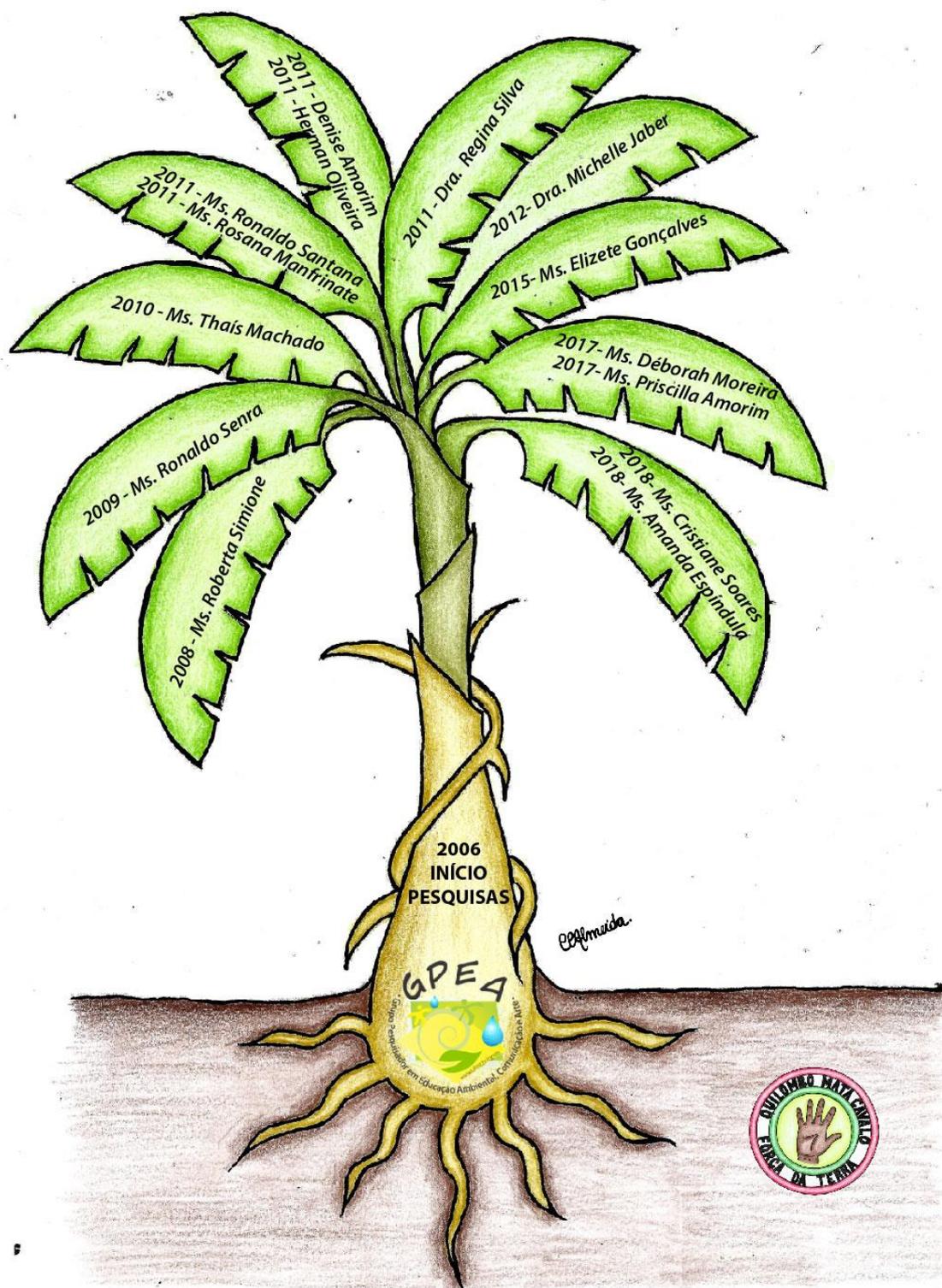
Moreira (2017) relata que nas entrevistas, nos encontros de mapeamento participativo e oficinas de Mapa Social que envolveu a construção da Casa da Cultura, houve um amplo diálogo com a comunidade, despertando o interesse pela luta em favor de seus direitos. Destarte, a educação escolarizada tem se constituído em forte tática de luta e resistência, por meio das disciplinas curriculares, dos projetos escolares e do cultivo de vínculos fecundos entre escola e comunidade.

A atual situação sociocultural de Mata Cavallo é resultante da herança histórica das imposições colonialistas, causadora do racismo ambiental, desafiando a atual hegemonia do Estado a manter este povo estacionado em um modelo de invisibilidade e exclusão. Por este motivo o GPEA tem, há tanto tempo, buscado ações, projetos e formações, que possam auxiliar na visibilidade política dessa comunidade (MOREIRA, 2017).

Desta forma, a vivência investigativa do GPEA em Mata Cavallo se deu por meio de formações e diálogos, resultando em pesquisas que originaram dissertações de Mestrado, teses de Doutorado (Figura 04), artigos publicados e projetos de extensão. No cotidiano da comunidade, circulam cadernos pedagógicos construídos de forma educacional, onde a participação das/os quilombolas exerce um papel de fundamental importância na visibilidade deste povo, que procura se consolidar nas lutas políticas, sociais e ambientais (SATO *et al.*, 2010).

Figura 04 – Pesquisas do GPEA em Mata Cavalo. Mato Grosso, 2016.

## ÁRVORE DO GPEA EM MATA CAVALO



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Arte de Cristiane C. A. Soares (2006).

Em muitos momentos, nós do GPEA estivemos presentes em Mata Cavalo, dialogando e aprendendo na posição de pesquisadoras/es, conduzindo aos saberes que se entrelaçam, de forma contínua, na produção e recepção de conhecimentos junto a essa comunidade. Durante a construção desta pesquisa, floresceram neste território outros diálogos epistemológicos igualmente valiosos no contexto de luta desta comunidade.

O ano de 2017 representou um marco histórico para este grupo pesquisador, que foi contemplado com o ingresso de duas professoras quilombolas de Mata Cavalo dentre sua equipe de pesquisadoras/es, por meio de vagas de ações afirmativas para estudantes quilombolas, negras/os e indígenas na Pós-graduação em Educação da UFMT. Assim, surgiu uma nova dimensão de pesquisa, sob os olhares das mestrandas quilombolas Adrianny de Arruda Abreu e Júnia Auxiliadora Santana, que vieram agregar ainda mais conhecimentos na diversidade das/os integrantes do GPEA. Mesmo com tantas dificuldades e ausência de oportunidades, a resistência das/os quilombolas trouxe uma perspectiva completamente nova quanto ao desafio de tomarem a posição de pesquisadoras, tendo sua própria comunidade como local de pesquisa.

O Quilombo de Mata Cavalo, um solo fecundo, carente de formação, sedento por justiça e visibilidade, amorosamente estreitou laços com este grupo pesquisador: Dentre tantos projetos, formações, vivências, estudos e militâncias que o GPEA<sup>18</sup> tem proposto neste território, justamente pelo bojo da educação ambiental popular, citamos os que têm um envolvimento mais significativo com a presente dissertação, contudo indicamos o caminho para que outros projetos que aconteceram neste local sejam acessados por meio do endereço eletrônico do grupo pesquisador.

Observamos que a dimensão da educação ambiental popular e os diálogos fecundos realizados nos projetos de extensão, pesquisas e formações fortalecem os diálogos entre cultura e natureza e a importância da educação na luta neste território, pois o espaço escolarizado mostra-se fundamental na articulação e busca pelos direitos da comunidade. Desta forma, optamos por direcionar a presente pesquisa para o mapeamento social da cultura de Mata Cavalo, que busca a

---

<sup>18</sup> Por meio do endereço eletrônico [www.gpeaufmt.blogspot.com.br](http://www.gpeaufmt.blogspot.com.br) é possível conhecer com maiores detalhes as atividades de pesquisa, ensino e projetos de extensão universitária que o GPEA-UFMT tem desenvolvido há mais de dez anos junto à Comunidade Quilombola de Mata Cavalo.

visibilidade frente ao contexto de exclusão vivenciado por esta comunidade, por meio da arte-educação-ambiental.

### 2.3 O CAMINHAR DO GPEA EM TERRITÓRIOS FECUNDOS

O GPEA-UFMT foi criado em 1997 pela professora Dra. Michèle Sato, que, também neste trabalho, proporcionou preciosas contribuições como coorientadora e, em tantos outros momentos, sempre foi uma incansável companheira de orientação e de pesquisa. Desde o princípio, este grupo pesquisador firmou o compromisso com a sociedade civil, com os povos tradicionais e com os grupos sociais (AMORIM, 2017). No sentido de fortalecer a atuação sob os preceitos de um grupo pesquisador, o GPEA não atua isoladamente, está sempre em busca de ações que só fazem sentido em comunhão entre as/os pesquisadoras/es e as comunidades pesquisadas, dialogando com respeito às diversidades.

O compromisso do GPEA não nega seu papel acadêmico enquanto produtor de conhecimentos, porém expande seus horizontes, abraçando a docência e a comunidade no bojo de suas proposições. O projeto Mata Cavalo, assim, implica em sujeitos livres que reconstruam o mundo, em suas existências inacabadas, fenomenologicamente incompletas, e por isso, vai construindo seu conhecimento significativo, conforme os limites e possibilidades do território que se propõe atuar (SATO et al., 2008, p. 15).

O grupo pesquisador do qual tenho a grata oportunidade de participar atua em um caráter dialógico, realiza um trabalho coletivo e promove trocas fecundas. De acordo com Sato et al., (2008), o GPEA alia a investigação epistemológica dos conceitos, campos e teorias, com o desafio da práxis pesquisadora, que, entre erros, acertos e aprendizagens coletivas, busca valores axiomáticos na fé, na ideologia e na ética, na construção de sonhos *para um outro mundo possível*.

Conforme Amorim (2017) descreve as três dimensões que compõem este grupo pesquisador, propostas por Sato (2011), a construção da *episteme* que buscamos tem fortes alicerces na educação ambiental popular. Estabelecemos um sentido de possibilidades destes conceitos na *práxis* das intervenções, diálogos e intercâmbio de saberes com os grupos e comunidades pesquisadas. No sentir de um grupo pesquisador que anseia por mudanças e formação política, a dimensão do *axioma* nos leva aos espaços participativos, referenciando-nos na luta pela justiça

na qual acreditamos. Permeadas/os por princípios da sociopoética em nossas pesquisas, buscamos:

[...] fazer com que três eixos conspiram na pesquisa: o da vacuidade (amorosa e transcultural), o da interdependência dos seres (dentro do grupo-pesquisador e entre esse filósofo coletivo e o universo) e o da diferenciação harmonizadora (ou melhor dizendo, harmonização criadora). Chamo a dança íntima que se estrutura a partir desses eixos de *conspiração do brincar* (GAUTHIER, 2014, p. 851).

Em um grupo pesquisador, não estamos sós na busca solidária pela ecologia: em comunhão, somos apaixonadas/os pela arte, pela mudança e pela revolução. Longe de obter produtos e resultados claros, distintos, *úteis* e quantificáveis, não temos uma definição pronta sobre como devemos atuar enquanto educadoras/es ambientais, mas sabemos que nossa dimensão de pesquisa nos possibilita misturar poesia com arte, promover a antítese de aderir o ato epistemológico ao ato poético, e assim permitir que as/os sujeitas/os de educação ambiental pensem com os corações junto à racionalidade das sensações (SATO; PASSOS, 2009).

Sempre em busca de inovações que possam agregar um sentido crítico, reflexivo e dialógico, nas abordagens e reinvenções educativas, o GPEA se propõe à interposição dos discursos hegemônicos e a superação das imposições, que muitas vezes partem da gestão e do currículo dos espaços escolarizados. Uma destas tentativas é a arte-educação-ambiental, enquanto sensibilizadora e articuladora das identidades de resistência (QUADROS, 2013).

Sato e Senra (2009) afirmam que a coletividade dos múltiplos pensares e fazeres, em perspectivas distintas – científicas, pedagógicas, técnicas, poéticas ou de resistência – partilhadas nos momentos coletivos e na solidão da leitura nos oferece uma constante aprendizagem. Esse diálogo de saberes, tomando como base o pensamento de Paulo Freire, perpassa a relação pedagógica, pressupondo um processo de *investigação científica epistemo-praxiológica*.

Em uma intensa associação entre natureza e cultura presente nas comunidades em que interagimos, procuramos conduzir os conhecimentos globais para as particularidades locais, vivenciando histórias, valores e fé, buscando o diálogo entre os conhecimentos científicos e populares e “a aliança entre o prazer acadêmico e a paixão da militância” (SATO; SENRA, 2009, p. 142).

A educação ambiental que defendemos perpassa por tramas infinitas de aprendizagens coletivas, onde o engajamento militante das comunidades pelas quais passamos fortalece os princípios da educação popular, preconizando a arte como um aspecto propulsor da visibilidade destes territórios, na minimização dos prejuízos que atingem com maior rigor as comunidades em situação de vulnerabilidade socioambiental.

Em busca das táticas de aprendizagens coletivas contra os efeitos nocivos do avanço do capitalismo, produzimos uma educação ambiental política e *não neutra*, buscando ações que possam amenizar as consequências das cercas que segregam mundos tão desiguais (SATO; SENRA, 2009).

Com financiamentos nacionais e estrangeiros, o Grupo Pesquisador em Educação Ambiental vai se consolidando na educação popular com as comunidades, especialmente as chamadas vulneráveis do ponto de vista econômico. Entretanto, também atua no sistema escolarizado, percebendo a importância da escola, principalmente nas regiões rurais, e orienta-se pelas invenções dos projetos ambientais escolares e comunitários (SATO; SENRA, 2009, p. 141-142).

A educação popular é um dos fortes preceitos do GPEA, desde sua fundação. Prezamos por um trabalho com as comunidades, construindo conhecimentos na troca de saberes, buscando a prática da liberdade, luta e resistência para que as sociedades sustentáveis sejam possíveis. Longe de seguir os formatos educacionais formais, institucionalizados no espaço escolar, a educação na qual acreditamos promove a inclusão por meio dos *coletivos educadores*, processos educativos *com o povo e para o povo*, em busca da transformação e do equilíbrio social e ambiental (SENRA, 2009). Buscamos “opor uma *Educação Popular* às outras alternativas de educação que provinham de empresas ou do governo, mesmo quando dirigidas ao povo, como as campanhas governamentais de alfabetização” (BRANDÃO, 2013, p.13).

[...] à medida que optamos pela vida e pelos “esfarrapados do mundo” a educação popular vem agregar significados às experiências de pesquisa e militância em EA [educação ambiental]. Por isso, propomos a pensar e sustentar a educação ambiental popular (MOREIRA, 2017, p. 44).

Conforme afirma Moreira (2017, p. 45) sobre o GPEA “nossa pesquisa está alicerçada nos princípios da educação ambiental e da educação popular, ou seja, nos princípios da *educação ambiental popular*”. Nossos fundamentos entrelaçam conceitos e práticas fortalecedoras da justiça social e ambiental, em favor dos movimentos sociais e dos grupos em situação de vulnerabilidade.

Os ideais da educação ambiental popular possibilitam a formação cidadã, política e social das/os sujeitas/os que vão muito além das intervenções pontuais de conservação da natureza. A investigação da transformação das relações humanas junto ao ecossistema perpassa valores que estão longe da tendência de responsabilizar as comunidades pelos efeitos da degradação ambiental, e sim constituindo premissas éticas, estéticas, afetivas e emancipatórias junto aos indivíduos (CARVALHO, 2001). Na valorização de diferentes saberes descentralizados e sem hierarquias que valorizam os aspectos sociais, buscamos justiça ambiental nos diálogos sobre cultura e ambiente, unindo política e educação (MOREIRA, 2017).

Desta forma, torna-se imprescindível nos referenciar enquanto grupo pesquisador nas práticas da educação ambiental popular, por meio dos diálogos estabelecidos com as comunidades, que vão muito além da proposta pedagógica das escolas, também na comunidade quilombola de Mata Cavalo e acerca das disciplinas estabelecidas no contexto das aulas.

[...] a Educação Ambiental Popular (EAP), fundada na práxis política, na dialogicidade, no reconhecimento dos diferentes saberes, no respeito a todas as formas de vida e no desejo de forjar táticas para construir outras sociedades, poderá ser um dos caminhos importantes para fomentar diálogos sobre racismo, justiça ambiental, e suas relações com direitos humanos e da terra (MOREIRA, 2017, p. 138).

Devido ao envolvimento político, social e ambiental com as comunidades com quem dialogamos e partilhamos conhecimentos, temos uma aproximação que nos permite a inclusão da nossa subjetividade e a abertura para considerar nosso sentir na pesquisa para além do dialogar, observar, mapear. Nesta partilha de conhecimentos que sustentamos e na qual acreditamos no GPEA, trazemos os diálogos da sociopoética, a sensibilidade e os amplos sentidos da/o pesquisador/a na imersão dos territórios de pesquisa e das comunidades que tanto nos ensinam. A

construção sensível de saberes, praticada na vivência coletiva do grupo pesquisador é o que nos referencia nesta inspiração metodológica.

Trazer a inspiração sociopoética ao campo de pesquisa nos estimula ao aprendizado coletivo, ao olhar mais atento às particularidades e saberes das comunidades pesquisadas, compreendendo sensivelmente a realidade de exclusão que sofrem, bem como suas consequências socioambientais. A sociopoética, criada por Jacques Gauthier, filósofo e pedagogo, busca a construção coletiva do conhecimento que tem como pressuposto básico a igualdade dos saberes e suas particularidades, transformando o estranhamento causado pelas culturas populares em aportes teórico-metodológicos, vinculado à educação popular, aos cuidados na pesquisa (PETIT, 2002), junto à arte-educação-ambiental.

Percebendo a necessidade de diálogos entre a epistemologia e as vivências populares, para se tornarem instrumentos de luta pelos direitos desta comunidade, optamos por mapear uma cultura popular de tamanha riqueza, tão carente de reconhecimento de seus saberes e fazeres, possibilitando que a comunidade se reconheça enquanto defensora e multiplicadora de suas próprias histórias (SILVA, 2011).

Em busca por estabelecer diálogos entre os aspectos de cultura e natureza nas relações de educação ambiental que pulsam neste território, optamos pela construção de um Mapeamento Social com ênfase na cultura, sendo uma das propostas elencadas dentro do Mapa Social (SILVA, 2011). Por meio da utilização desta metodologia coletiva de pesquisa, junto às entrevistas e oficinas fortalecidas pelos diálogos em educação ambiental popular propostas pelo GPEA e pelo cunho da Sociopoética, evidenciamos aspectos culturais, esboçando a visibilidade que a comunidade de Mata Cavallo tanto deseja.

A busca pelo reconhecimento das multiplicidades de Mata Cavallo permeia os aspectos culturais enquanto táticas de resistência para fortalecer o grupo no enfrentamento dos conflitos e na defesa do território. Buscamos a construção de um Mapa Social com ênfase na cultura que se tornasse instrumento de luta a partir do momento em que represente a retomada de memórias ancestrais e hábitos quilombolas, trazendo a reflexão sobre a interferência da degradação ambiental e suas consequências nos modos de vida e nas expressões culturais, que perpassaram os mais de cem anos de resistência deste quilombo.

Por meio das percepções e autonarrativas das/os quilombolas, mapeamos também as lutas e o sofrimento, mas também buscamos o mapear de esperanças, a arte, a tradução dos sonhos e os desejos coletivos. O lembrar das histórias, onde os principais personagens são representados pelas pessoas de referência na luta pelos direitos ancestrais, perpassam por aspectos fundamentais na representação cultural, que por sua vez legitima as raízes que permanecem latentes.

Desta forma, propomos como aspectos fundamentais desta pesquisa a reflexão e a busca pela manutenção e a legitimação dos hábitos quilombolas. A elaboração coletiva de mapas pictóricos que representassem os marcos históricos, as expressões artísticas, as comidas típicas e as festas não têm a intenção de propor a localização precisa de um mapa cartográfico. Contudo, os diálogos e as partilhas que aconteceram em todos os momentos do mapeamento são muito mais valiosos no sentido de visibilidade, reconhecimento e alteridade desta comunidade.

Neste território fecundo, perpassa-se que o diálogo de pesquisa, enriquecido pelo contar das histórias, com as recordações dos ancestrais, lembrança das pessoas de referência na luta quilombola, celebrações das festas, das/os santas/os homenageadas/os, nas artes que ficaram no passado e as que ainda tentam resistir nesta comunidade foi o maior legado desta pesquisa. Esperamos que o povo quilombola possa redesenhar seus hábitos, valorizar sua arte, concretizá-las como uma das formas de resistência, para que sua cultura perdure em todos os espaços de educação e em seus fazeres e saberes cotidianos.

### CAPÍTULO III: METODOLOGIA



#### Sentinela

[...]

Vulto negro em meu rumo vem  
Mostrar a sua dor plantada nesse chão

Seu rosto brilha em reza, brilha em faca e flor  
Histórias vêm me contar

Longe, longe, ouço essa voz  
Que o tempo não vai levar

Precisa gritar sua força  
É irmão, sobreviver, a morte ainda não vai chegar,  
Se a gente na hora de unir  
os caminhos num só, não fugir e nem se desviar

[...]

Milton Nascimento/Fernando Brant

No limiar deste terceiro capítulo, transcrevo a melodia de *Sentinela*<sup>19</sup>, música composta por Milton Nascimento e Fernando Brant, que interpretei em seus versos a riqueza das autonarrativas quilombolas. Em minha concepção, as estrofes desta canção representam o ouvir da sentinela desta comunidade, hoje com 112 anos, que histórias veio me contar, sobre *a sua dor plantada neste chão*. Para dar início a esta trajetória metodológica, desenhei Antônio Mulato e o seu olhar repleto de memórias e de profunda sabedoria popular.

### **3 MAPEANDO DIÁLOGOS DA CULTURA E NATUREZA: OS ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Nossas escolhas metodológicas vão de encontro aos aspectos que buscamos compreender na pesquisa, e aos preceitos ideológicos do grupo pesquisador a que pertencemos. Em contato com a comunidade de Mata Cavallo, visualizando seus problemas sociais, políticos e ambientais, tornou-se necessário trazer, por meio de diálogos, a valorização de seus saberes e fazeres, e também de suas lutas. Destarte, na dimensão antropológica, privilegiei as conversas, entrevistas e a oficina que foi realizada de forma coletiva, mas por mim interpretadas à luz de minhas próprias leituras, escolhas e contextos.

No desenvolver destes estudos, foi percebido que os aspectos histórico-culturais reafirmavam as lutas do passado, enquanto os espaços de articulação política representavam as labutas do tempo presente e as prospecções do futuro da comunidade. Por meio da cultura, pulsam os aspectos biorregionais quilombolas. A presença dos marcos históricos e artefatos antigos são evidências incontestáveis da cultura quilombola permeada em espaços coletivos e também dentro de fazendas, sendo que muitas delas encontram-se fora do acesso da comunidade. As expressões imateriais podem ser percebidas por meio das festas, expressões artísticas, religiosidade, comidas típicas e uma série de hábitos que vieram do tempo das/os escravas/os e que ainda perduram entre os modos de vida desta região. Vislumbrando estas dimensões, buscamos o mapeamento das dimensões que, nestes estudos, representam a cultura de Mata Cavallo: os *marcos históricos*, as *expressões artísticas*, as *comidas típicas* e as *festas*.

---

<sup>19</sup> A música *Sentinela* está disponível em vídeo no seguinte link: <https://youtu.be/pv2VBoayE3U>

Contudo, só seria possível o desenhar desta dissertação com a utilização de uma metodologia que promovesse diálogos para a concepção da imensa vivência cultural quilombola. Assim, nos guiamos pelo Mapa Social como a abordagem metodológica que sustentou nossas finalidades de pesquisa, na compreensão das características da comunidade, que mapeou e foi mapeada em seus modos de vida, buscando a relação intrínseca entre a cultura e a natureza, enquanto uma das táticas de resistência (SILVA, 2011). Sob a perspectiva da arte-educação-ambiental e no bojo das práticas da educação ambiental e educação popular, buscamos a retomada dos aspectos culturais como forma de fortalecer a luta desta comunidade.

O mapeamento participativo de uma comunidade não deve configurar um objetivo por si só; o mapeamento deve ser elaborado com e, principalmente, pelas comunidades; este é um percurso dialógico importante para a educação ambiental, peculiarmente, por trabalhar temas importantes como a sustentabilidade dos ambientes de cada comunidade (SILVA, 2011, p. 59).

Silva (2011, p. 48) afirma que “a orientação por mapear os grupos em condições de vulnerabilidade não é uma opção ao acaso e, sim, uma escolha identitária das pesquisadoras e seus parceiros”. É nosso desejo fazer uma trajetória contrária à lógica colonial, sem neutralidade política: o reconhecer do *outro* é oferecer o poder de escuta e fala destes grupos sociais, que foi negado no processo histórico de ocupação de Mato Grosso, para finalmente realçar a beleza destas/es protagonistas invisibilizadas/os, que resistem ao jogo de poder a que são vitimadas/os (SILVA, 2011).

Assim sendo, consideramos Mata Cavalo uma comunidade em situação de vulnerabilidade, evidenciando uma das interfaces da metodologia contemplada pela presente pesquisa, que busca o mapeamento de identidades e grupos sociais (SILVA, 2011), para, neste trabalho, identificar as relações culturais existentes entre a cultura e a natureza, que perfazem nos hábitos deste quilombo, bem como as perdas culturais causadas pela degradação ambiental neste território.

No sentido de retomar as práticas quilombolas trazidas pelos ancestrais, escamoteadas anteriormente pelos interesses colonialistas e atualmente pela hegemonia das classes dominantes, trouxemos o Mapa Social, para reverenciar os hábitos culturais que não foram extintos e necessitam se fortalecer na luta por reconhecimento. Utilizamos as autonarrativas das/os quilombolas, pois:

[...] ao narrar-se, evidenciando a localização de seu grupo, registrando seus modos de vida, suas lutas e formas de organização, os entrevistados reforçam suas identidades, revivem a memória e fazem-se emergir sob outros enfoques. Narrar-se é também um processo de construção identitária que revisita o pretérito ajustando a existência presente (SILVA, 2009, p. 46).

Conforme Silva (2011), o Mapa Social é uma metodologia que foi criada a partir da observação de uma grande lacuna no processo de Zoneamento Socioeconômico Ecológico do Estado de Mato Grosso (ZSEE), que limitava a dimensão social aos aspectos desenvolvimentistas e deixava de privilegiar os grupos sociais em situação de vulnerabilidade e as comunidades biorregionais, tratando seus territórios tradicionais como *espaços vazios*. Este método pesquisador foi concebido pelo GPEA na perspectiva de mapear justamente estes grupos vítimas de invisibilidade, que pouco influenciavam ou quase não eram contemplados na formação das políticas públicas, pois suas características, saberes e relações ambientais são relevantes para o processo de construção de sociedades sustentáveis possíveis.

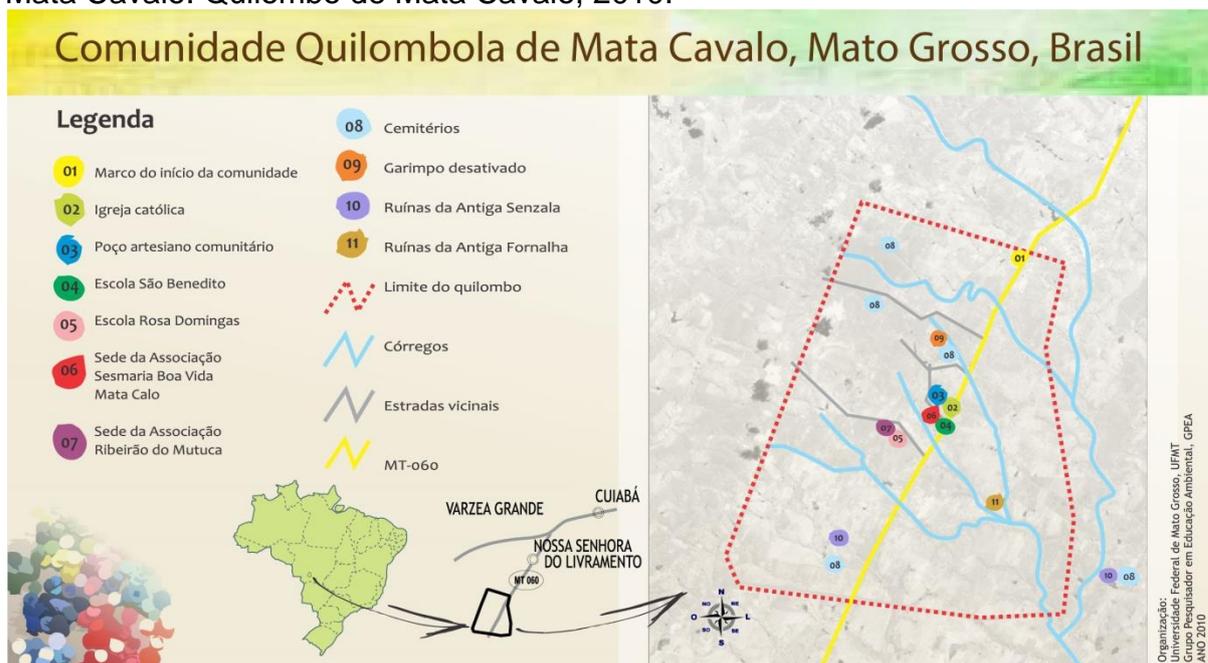
No ano de 2008, entre os dias 24 a 26 de outubro, o GPEA reuniu 250 lideranças, 65 grupos sociais/instituições para realizar estudos de campo, mapeamento dos grupos sociais e dos conflitos ambientais de Mato Grosso. Estes estudos tiveram continuidade no ano de 2010, entre os dias 6 e 9 de outubro, contando com mais de 250 participantes, sendo estes, lideranças indígenas, povos quilombolas, comunidades tradicionais, acampados, assentados, agricultores familiares, cooperativas, movimentos, sindicatos e redes, entre outros grupos sociais. Em busca de compreender identidades, modos de vida e construção de significados nos espaços de vivência, foi necessário identificar quais seriam estes grupos sociais mato-grossenses, de que forma se autodenominariam, onde se situavam, como buscavam resistir às alterações ambientais de onde viviam, quais as interferências destas mudanças em suas identidades e como procuravam resistir aos processos hegemônicos colonialistas (SILVA, 2011). Ademais:

trazemos as nossas reflexões sobre as forças motrizes (ou driving forces) que formam um ciclo vicioso de ocupação dos territórios em MT, enfatizamos ainda, o processo pelo qual as identidades mapeadas vêm se construindo, se desconstruindo e se reconstruindo frente às alterações dos *habitats* e territórios [...] partindo das seguintes indagações: as alterações nas paisagens alteram também

as culturas? Como estas mudanças têm interferido nas identidades destes grupos mapeados? De que maneira? Há identidades que surgem como consequência das chamadas *driving forces* do desenvolvimento? Quais? (SILVA, 2011, p. 27).

Dentre os estudos de caso que validaram o Mapa Social enquanto metodologia percebeu-se que um dos grupos sociais densamente alterados pelas *driving forces* do desenvolvimento seria a comunidade quilombola de Mata Cavallo. Os primeiros contatos do GPEA com este povo se deram por meio do projeto de pesquisa denominado *Territorialidade e Temporalidade da Comunidade Quilombola de Mata Cavallo*, entre os anos de 2009 e 2010. Uma expedição por este modo de vida comunitário se deu por diálogos sob a perspectiva da arte-educação ambiental, revelando identidades e territórios, que resultou também em um mapa temático socioambiental (Figura 05) e cadernos pedagógicos (SILVA, 2011).

Figura 05 – Mapa temático que consta no Caderno Pedagógico do Quilombo de Mata Cavallo. Quilombo de Mata Cavallo, 2010.



Fonte SATO *et al.*, 2010.

Nota: Organização do GPEA-UFMT (2010).

Percebeu-se, desde então, que a relação intrínseca entre a cultura e a natureza desta comunidade, apesar de invisibilizada pela hegemonia do poder desenvolvimentista, buscava a manutenção de sua identidade<sup>20</sup> e de seus modos de

<sup>20</sup> Em muitos momentos desta pesquisa, tratamos da valorização da ancestralidade e da manutenção da identidade das/os quilombolas de Mata Cavallo. Contudo, é válido ressaltar que não tratamos a

vida por meio da resistência, na defesa de seu território pela conservação ambiental e na legitimação cultural, e se fez presente a proposta da valorização das expressões artísticas desta comunidade, enquanto uma das táticas de resistência.

Figura 06 – Oficina de mapeamento social da cultura quilombola. Associação Mata Cavallo de Baixo, Quilombo de Mata Cavallo, 2017.



Fonte: Acervo da autora.

Nota: Créditos da imagem de Carolina Barros (2017).

Destarte, a abordagem epistemológica que possibilitou, na presente pesquisa, a construção dos mapas sociais com ênfase na cultura de Mata Cavallo (Figura 06), conforme Silva (2011), abrange as táticas de resistência ligadas aos aspectos culturais, que se consubstancia na organização social, no enfrentamento dos conflitos, na defesa do território, na formação política, no acesso à informação e no fortalecimento das identidades de resistência. Neste mapeamento dos saberes e fazeres ancestrais quilombolas (Figura 07), buscamos a dimensão do *Local da Cultura e Habitat*, abordagem na qual evidencia que este povo ainda depende de seu habitat, pois há uma profunda relação com sua cultura e seu território em seus modos de vida e sobrevivência.

---

identidade de forma fixa e imutável, mas na possibilidade de agregar novos elementos resultantes de transformações históricas, para que a diferença não seja fruto de uma hierarquia imposta (BHABHA, 1998), tratamos a identidade de forma dinâmica. Porém, percebemos que o acelerado avanço desenvolvimentista tem provocado mudanças drásticas e irreversíveis nas identidades e na cultura, especialmente nos grupos sociais em situação de vulnerabilidade (SILVA, 2011) e é sob esta perspectiva que defendemos a manutenção identitária destes povos.

Figura 07 – Imagens da Oficina de Mapa Social da Cultura Quilombola. Associação Mata Cavallo de Baixo, Quilombo de Mata Cavallo, 2017.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Créditos das imagens de Arquivo do GPEA-UFMT e Carolina Barros (2017).

Deste modo, o Mapa Social possibilita uma abordagem fundamental no reconhecimento dos quilombolas de Mata Cavallo como uma das *identidades de resistência*, que se encontra há mais de cem anos em constantes lutas para sair da invisibilidade, com acesso limitado ao seu território ancestral, e sem serem contemplados devidamente pelas políticas públicas de Mato Grosso (SILVA, 2011). Então podemos afirmar que:

O Mapa Social é essencialmente sinônimo de alteridade. Este estudo se faz em uma trajetória contrária à colonialidade. Desejamos reconhecer o Outro sempre negado no processo histórico de ocupação deste Estado. Buscamos reconhecer as identidades de resistência e registrar por meio das autonarrativas a existência de diversos grupos sociais historicamente inviabilizados (SILVA, 2011, p. 47).

As identidades de resistência de Mata Cavalo vêm constituindo possibilidades de trilhar um dos múltiplos caminhos para as sociedades sustentáveis possíveis (SILVA, 2011). Dentro da percepção de um mosaico cultural, nos ancoramos na tríade *habitantes-hábitos-habitats* buscando compreender como as identidades deste grupo se constroem, se destroem e se reconstroem frente às alterações dos seus *habitats* (SATO; PASSOS, 2005; SILVA, 2011).

Desta forma, o desenho temporário que concebemos nesta dissertação, por meio das autonarrativas, busca “compreender as identidades destes grupos sociais (*HABITANTES*) e seus modos de vida (*HÁBITOS*) referi-las nos espaços naturais-históricos-sociais onde vivem e constroem seus significados e seus territórios (*HABITAT*)” (SILVA, 2011, p. 22). Perpassando pelas dimensões (habitantes e habitus), ainda que compreendidas separadamente, são indissociáveis, pois na relação grupo-indivíduo, não há uma cisão, e sim uma associação do *habitus* social que constitui o habitante, no sentido de busca da coletividade como legitimação do individual (BOURDIEU, 1999), justificando assim que os interesses individuais das/os quilombolas, em grande medida, emergem em conformidade com os interesses da comunidade e suas táticas de resistência.

Há uma memória humana que provoca uma recordação de que se reconsiderar indivíduo é redesenhar a capacidade de compor a costura que supera suturas, rasgos, para que se redescubra a crença, a crença em si mesmo, em nós coletividade numa espécie de aprontamento para um renascer contínuo, espaço-tempo das reinvenções (QUADROS, 2013, p. 347).

Portanto, reafirmamos que neste caminhar pesquisador tornou-se imprescindível o compromisso em promover o diálogo e a representatividade das particularidades das/os sujeitas/os desta pesquisa. Junto às palavras proferidas, os desabaços, percebemos os olhares sofridos que lembravam os tempos ainda mais difíceis, sentimentos de indignação quanto às injustiças, relatos da falta de recursos

provenientes do racismo e, sobretudo, a intensa coragem de permanecer e lutar por espaço e visibilidade.

Figura 08 – Momentos coletivos em Mata Cavallo: Danças, oficinas e trabalhos realizados pelo GPEA e GRUCOM. Associação Mata Cavallo de Baixo, Quilombo de Mata Cavallo, 2016.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota 1: O Grupo de União e Consciência Negra do Estado de Mato Grosso (GRUCON/MT) é uma entidade de ativismo social negro, que luta contra o racismo e busca a valorização das/os negros e seus aspectos políticos e socioculturais. Para maiores informações, acesse o endereço eletrônico <http://gruconmt.blogspot.com.br>.

Nota 2: Créditos das imagens de Cristiane C. A. Soares (2016) e Maryelen Lopes (2016).

As vivências que enriqueceram o contexto desta pesquisa (Figura 08) aconteceram em situações diversas: nas visitas às associações, nos diálogos das entrevistas nas casas das/os moradoras/es da comunidade e com as/os estudantes, com as professoras e gestoras na escola, nos momentos arte-educativos, nas observações e interações em eventos, oficinas, formações, feiras e muxirum<sup>21</sup> dentro da escola. Contudo, estes acontecimentos muitas vezes espaçados, formaram aspectos isolados que fizeram maior sentido na Oficina de Mapeamento Social da Cultura quilombola, onde as discussões partiram da força da coletividade no processo formativo, com a partilha das dificuldades pretéritas, das labutas no presente e no esperança<sup>22</sup> de um futuro melhor.

Os aspectos do sentir e do ser quilombola trazidos por meio deste trabalho incorporam características próprias de um grupo pesquisador. Por isso reiteramos a sociopoética como a inspiração que nos possibilitou o caminhar coletivo nos locais de pesquisa, o olhar sensível e atento aos saberes e às práticas desta comunidade. Para Sato *et al.*, (2005), a sociopoética se pauta em cinco princípios que buscaram direcionar esta caminhada pesquisadora:

- Uma pesquisa social, orientada pela sociopoética, privilegia a atuação de um grupo pesquisador, compreendendo que a diversidade de olhares a uma mesma situação tem um poder investigativo ainda maior que apenas um/uma pesquisador/a atuando isoladamente;
- As diversas maneiras de compreender o mundo, os conhecimentos técnicos e científicos que devem ser reconhecidos como iguais por direito, com o respeito e a sensibilidade às culturas populares diversas;
- A pesquisa e a aprendizagem sensível, perpetradas com o corpo inteiro, trabalham uma infinidade de sentimentos como a razão, imaginação e Intuição, e buscam a construção de CONFETOS (CONceitos e aFETOS);

---

<sup>21</sup> De acordo com a descrição de Moreira (2017), e pela definição trazida pela comunidade de Mata Cavalu, *muxirum* significa reunião de pessoas para um trabalho coletivo e participativo. Neves et al. (2011) afirma que este tipo de trabalho fortalece as relações de parceria, de coletividade, solidariedade e amizade entre as pessoas do grupo social.

<sup>22</sup> O sentido existencial desta terminologia tem origem na Pedagogia da Esperança de Paulo Freire, ressignificada por Mario Sergio Cortella (2014) em seu livro **Educação, escola e docência: Novos tempos, novas atitudes**, as palavras de Freire: "É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...".

- A importância do uso da arte na revelação das informações do inconsciente, desprendida da exclusiva racionalidade normalmente utilizada na pesquisa;
- A valorização da diversidade, das diferenças culturais, das experiências intersubjetivas e coletivas, que rompem barreiras temporais e certezas hegemônicas.

Compreendemos que as características supracitadas, próprias de um grupo pesquisador como o GPEA, mesmo com suas particularidades, estão inseridas em um contexto acadêmico que privilegia a linguagem textual, decorrente de um cenário competitivo, onde impera a cobrança por quantidades cada vez maiores de publicações científicas. A inspiração sociopoética que permeia a construção desta pesquisa compreende a valorização de outras linguagens como as imagens que aqui proponho, sendo representadas por meio dos esboços, desenhos e mapas, permeados de sentidos, significados e sentimentos, tanto meus, enquanto pesquisadora em meu olhar, quanto a busca de representar o sentir da comunidade onde imergi, junto aos diálogos da arte-educação-ambiental concernentes a este contexto.

[...] ler o mundo e suas diferentes paisagens perpassa pela análise das formas dos elementos que compõem o espaço que vemos e vivemos, da forma como elas são desenhadas pela natureza ou pela ação humana, bem como pela interpretação que fazemos do que olhamos, ouvimos e sentimos (OLIVEIRA, 2016, p.79).

O olhar da sociopoética nesta pesquisa permeou nos diálogos acerca da relação entre a cultura, a natureza, a arte e a educação ambiental, e de que forma estes aspectos se relacionam nesta comunidade biorregional. Deste modo, pudemos conhecer as ricas referências históricas de Mata Cavalo por meio das labutas, lendas, hábitos, modos de viver, fazer, comer, festejar, de preservar memórias e de se comunicar, entre outros aspectos imateriais elencados. E, sobretudo, buscamos a valorização cultural quilombola entre os membros da comunidade, que a todo instante clamam por visibilidade e pela legitimação de seus direitos (SATO, 2005).

Por meio das autonarrativas da comunidade, este mapeamento social fez um apanhado de referências culturais nos esboços e relatos que aconteceram durante os diálogos informais, nas entrevistas e na oficina, observando também os ornamentos e desenhos das paredes da escola quilombola, para, assim, elaborar

imagens que fossem acessíveis e compreensíveis, sem a intenção da exata precisão cartográfica de cada um dos aspectos mapeados. Neste sentido:

[...] ao narrar-se, evidenciando a localização de seu grupo, registrando seus modos de vida, suas lutas e formas de organização, os entrevistados reforçam suas identidades, revivem a memória e fazem-se emergir sob outros enfoques. Narrar-se é também um processo de construção identitária que revisita o pretérito ajustando a existência presente (SILVA, 2011, p. 46).

Um mapa construído de forma participativa oferece muito mais do que a demarcação cartográfica deste território: esboça a presença de conflitos, apresenta vínculos de modos de vida, trabalho e crenças, problemas socioambientais e disputa por território, entre muitos outros aspectos que puderam ser visualizados durante esta pesquisa (GOMES, 2015). Além disso,

este tipo de representação é mais atraente (esteticamente) ao público potencial, permitindo assim alcançar melhores resultados em relação aos usuários leigos em cartografia. Desta maneira, somada a capacidade intrínseca ao mapa de fornecer fatos dispostos no espaço (auxiliando em decisões), buscou-se também evocar conotações visuais, afetivas e emoções (FIORI; ALMEIDA, 2005, p. 5189).

Por meio do mapeamento social da cultura quilombola de Mata Cavalo, buscamos uma concepção coletiva e participativa de mapas que pudessem situar as mais pulsantes manifestações culturais presentes na região. Conforme Fiori e Almeida (2005), a variedade de técnicas que envolvem a elaboração de mapas é diversa. Contudo, a constituição ideal de um mapa está sujeita ao público que irá apreciá-lo, pois a compreensão de suas informações depende da função a que se destina.

Quando nos propusemos a um mapeamento participativo que se ancorasse nas informações relatadas pelas autonarrativas e pelo conhecimento empírico da comunidade de Mata Cavalo, consideramos que os mapas poderiam ser disponibilizados para retornar ao seu território de origem, podendo também ser divulgados a outros públicos, sendo que, para tanto, seria necessária a representação simples e acessível.

Desta forma, a preocupação primordial do produtor de um mapa é pensá-lo a partir de uma situação previamente estabelecida, pois é através de um dado contexto (para quem e qual o propósito) que se determinam (codificação e confecção) às expectativas (interesse, motivação) e a capacidade (facilidade de decodificação) de assimilação da informação pelo público alvo (FIORI; ALMEIDA, 2005, p. 5190).

Para oferecer um suporte à metodologia apresentada nesta dissertação, optamos pela utilização dos mapas pictóricos<sup>23</sup>, que, conforme Fiori e Almeida (2005) oferecem uma melhor visualização por meio de representações gráficas visualmente semelhantes aos aspectos mapeados, promovendo também a valorização da arte e cultura do local onde estão inseridos, facilitando assim a comunicação com o público a que se destina. Neste sentido, “além do mapa ser um instrumento de conhecimento espacial, antes de tudo, é um produto cultural. E foi exatamente por isso que se teve como princípio a valorização da diversidade humana, histórica, cultural e paisagística” (FIORI; ALMEIDA, 2005, p. 5203).

A utilização de uma cartografia pictórica partiu da escolha de um grupo pesquisador que valoriza a arte e a imagem, sendo também uma forma de sobrepor os padrões convencionais de representação cartográfica. De acordo com os estudos de Harley (1991), a aceitação dos mapas como documentos válidos, por muito tempo se relacionou com a origem ou presença de elementos europeus. As formas de mapas que não se adequavam a estas características eram consideradas rudimentares e estranhas a uma padronização existente: “os mapas de culturas não-europeias só recebiam certa atenção por parte dos historiadores ocidentais quando apresentavam alguma semelhança com os mapas europeus” (HARLEY, 1991, p. 6). Assim sendo, privilegiamos a representação das autonarrativas quilombolas com os desenhos e mapas pictóricos, ao invés de padronizações que pudessem representar algum tipo de hierarquia cultural colonialista.

Vislumbrando também a possibilidade de utilização destes mapas como material didático na escola e na comunidade quilombola, optei pela utilização de

---

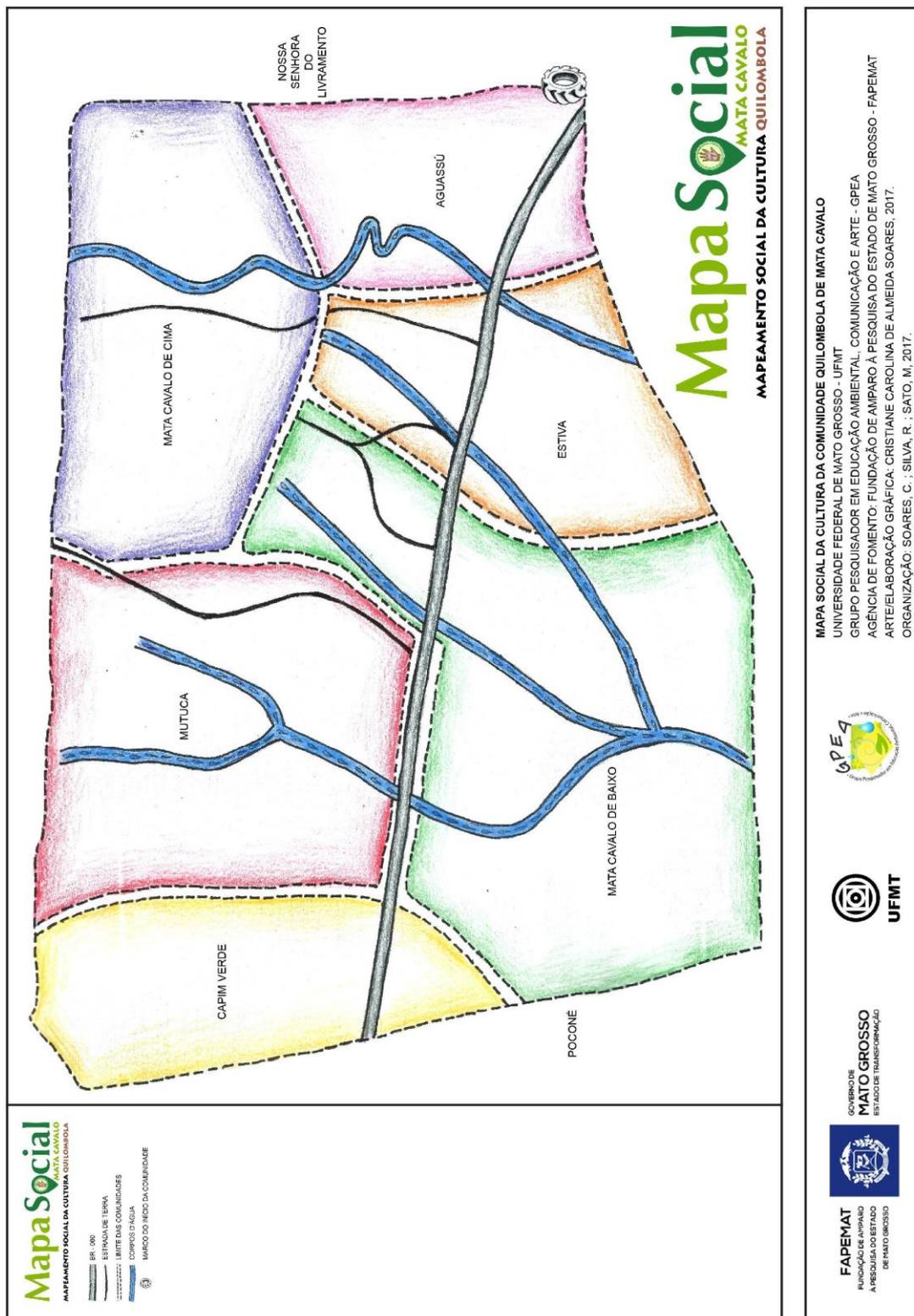
<sup>23</sup> Neste contexto de pesquisa, dispomos dos mapas pictóricos para valorizar as autonarrativas e a cultura de Mata Cavalo, os quais também se caracterizam pela utilização de desenhos de fácil compreensão. Contudo, quando buscamos a simplificação dos mapas, não estamos subestimando a capacidade de compreensão das/os quilombolas, e sim, possibilitando a amplitude da visualização a qualquer tipo de público que possa estar em outras dimensões além desta comunidade. Igualmente, compreendemos que este tipo de mapa muitas vezes é utilizado para turismo ou entretenimento, porém o fomento ao turismo se distancia do nosso objetivo enquanto grupo pesquisador, que prefere ressaltar a diversidade e a relação entre a cultura e a natureza, sob o aspecto da arte-educação-ambiental que permeia esta comunidade biorregional.

formas simples e de fácil compreensão cognitiva, me desvencilhando das convenções cartográficas de escala e localização precisa, privilegiando a representação dos aspectos culturais. Os primeiros desenhos a serem introduzidos nos mapas foram detalhadamente pesquisados junto a referências que remetem a significados no contexto do quilombo, assim como Quadros (2013) que corporificou o sentido de imagens pictóricas perpassando pelo imaginário cultural de comunidades mato-grossenses, fazendo também um percurso bibliográfico revelador, pesquisando fotografias, desenho e gravuras, aqui também desenvolvi um vasculhar imagético que floresceu em desenhos repletos de cores e significados.

Conforme afirma Oliveira (2016), o desenho é uma das primeiras linguagens simbólicas do ser humano, que representa suas observações e impressões. As crianças primeiramente desenhavam, sendo este um preparo para que posteriormente aprendam a escrever suas primeiras palavras. Para o desenvolvimento desta pesquisa, a princípio foi criado um desenho de mapa (Figura 09), com as divisões das seis associações que fazem parte do Quilombo Mata Cavallo, inspirado no mapa temático criado por SATO *et al.*, (2010) do caderno pedagógico da Comunidade Quilombola de Mata Cavallo.

A ilustração abaixo, que demarca as seis associações que compõem o complexo quilombola Mata Cavallo, foi desenhada primeiramente a lápis, em seguida, digitalizada e impressa para receber a coloração feita a lápis de cor e os contornos com a utilização de caneta nanquim. Após a finalização, o desenho foi novamente digitalizado para ser impresso e dar origem às cópias coloridas que foram preenchidas durante a oficina de Mapa Social da Cultura Quilombola. O mapa apresentado no processo formativo, longe da intenção de considerar as áreas quilombolas como *espaços vazios* (SILVA, 2011), teve a finalidade de convidar as/os participantes do mapeamento ao diálogo e representação, por meio de suas próprias autonarrativas, os *marcos históricos*, as *expressões artísticas*, as *comidas típicas* e as *festas*. Em meio aos momentos fecundos desta etapa da pesquisa, refletimos que o território quilombola “não é meramente local de trabalho, mas essencialmente território de vidas, que pulsam ao sabor das brisas, ora na aridez da alma, ora na virtude em continuar a luta sob o nome da esperança” (SILVA, 2011, p. 72).

Figura 09 – Mapa pictórico das seis associações do Quilombo de Mata Cavallo. Mato Grosso, 2017.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Arte de Cristiane C. A. Soares (2017).

Refletindo acerca das imagens que compõem a construção dos mapas pictóricos de Mata Cavallo, produzi desenhos (Figura 10) para que pudessem representar de forma clara os aspectos demarcados coletivamente, tomando como referência as autonarrativas da comunidade que também forneceu algumas fotos antigas. Utilizei também outros registros, presentes nos arquivos e nas fotografias das dissertações e teses do GPEA.

Figura 10 – Criação do desenho de representação da Comunidade Quilombola de Mata Cavallo a partir de uma placa antiga. Mato Grosso, 2017.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Créditos da imagem de Ronaldo Senra (2009); Arte de Cristiane C. A. Soares (2017).

Para facilitar a construção dos mapas e a posterior interpretação, pela comunidade e por qualquer pessoa que não tenha conhecimentos específicos em cartografia de mapas, buscamos elementos pictóricos comuns (FIORI; ALMEIDA, 2005) ao contexto quilombola, trazendo a imagem das referências que foram citadas

pelos/os próprias/os participantes do mapeamento: “as relações políticas, sociais, econômicas e culturais estão sempre a permear e influenciar de forma direta a vida das pessoas. E isto não será diferente com relação à idealização e confecção do mapa” (FIORI; ALMEIDA, 2005, p. 3).

Todos os desenhos que foram utilizados na demarcação dos mapas foram inicialmente esboçados com lápis preto, sendo digitalizados para uma nova impressão. Estas impressões, assim como procedi com o desenho inicial do mapa, foram coloridas com lápis de cor e contornadas com caneta nanquim e novamente digitalizadas no formato JPG (Figura 11). As imagens coloridas receberam recortes pelo software *Adobe Photoshop* versão CS6, formatadas na extensão PNG para serem organizadas no software *Adobe Illustrator* versão CS6, dentro das dimensões e proporções dos mapas. Cada mapa foi finalizado na extensão PDF, para garantir boa resolução de impressão, tanto para uma versão impressa em formato de papel A4, quanto para a necessidade da impressão posterior em formatos maiores como banner e pôster.

Figura 11 – Criação do desenho das ruínas da fornalha de Mata Cavallo, a partir da fotografia do local. Quilombo de Mata Cavallo, 2017.



Fonte: Acervo da autora.

Nota: Créditos da imagem de Déborah Moreira (2015); Arte de Cristiane C. A. Soares (2017).

Em grande medida, os desenhos deste trabalho são a representação das autonarrativas da comunidade de Mata Cavallo. Os mapas pictóricos que foram desenhados nestes estudos contêm uma série de aspectos referenciais que dizem respeito ao sentir desta gente e ao que vivenciaram e valorizam dentro de seus contextos socioculturais. Neste entrelace de conhecimentos epistemológicos que

fecundam nosso método investigativo, se fizeram necessário que alguns roteiros fossem utilizados para auxiliar nos diálogos estabelecidos com a comunidade.

Minhas características pessoais impressas neste trabalho compõem uma mistura de linguagens textuais e imagéticas, que provém da minha existência como artista e cientista da educação ambiental, e como arte-educadora-ambiental. Todas as ilustrações incluídas aqui foram desenhadas por mim, partindo de esboços e desenhos organizados nesta dissertação, conforme os temas propostos em cada tópico ou capítulo.

As primeiras aproximações com a comunidade de Mata Cavalo foram bastante amistosas, principalmente pela trajetória que o grupo pesquisador já estabeleceu há alguns anos com esta comunidade. Mesmo sendo um local diferente daquilo a que estávamos acostumadas/os a conviver, tínhamos alguns conhecimentos prévios de leituras e de trabalhos apresentados pelas/os companheiras/os do grupo pesquisador. Por ser um caminho investigativo habitualmente coletivo, eu e outras/os estudantes recém-chegadas/os fomos conduzidas/os pelas professoras e pelas/os colegas mais familiarizadas/os com a comunidade. Assim, trilhamos os caminhos pesquisadores com muita disposição, e mesmo com as inseguranças que ocorrem durante o processo investigativo fomos recebidos/as com muito acolhimento, tanto na Escola Estadual Tereza Conceição de Arruda quanto nas residências das/os moradoras/es.

A viagem científica empreendida partiu de uma escolha epistemológica bem desenhada, articulando Ciência e Arte através da EA e Educação Popular em busca do reconhecimento da Arte Popular como um campo epistemológico dos saberes e fazeres de pessoas de um lugar, onde transbordava localidade, atingindo a universalidade (QUADROS, 2013, p. 350).

Em meio a erros e acertos, seguimos fazendo e refazendo contornos desenhados, reunindo frases perdidas e rabiscando percepções ao longo deste caminho pesquisador. Deste modo “me lancei nesta grande aventura de tentar encontrar caminhos para esboçar um novo espírito científico [...] por isto, urge novos desenhos, outros desenhos” (QUADROS, 2013, p. 299).

O desenhar desta pesquisa foi também pensado nas inspirações que vieram dos momentos de diálogos no quilombo, sendo alguns destes rabiscados em meio a anotações de aulas. Na UFMT, observando as colegas quilombolas e seus sorrisos,

os rostos e as palavras das/os companheiras/os do GPEA, alguns esboços surgiram e foram aperfeiçoados no espaço de introspecção que busquei nas muitas horas dedicadas às leituras, desenhos e escritas. Estes momentos não mais serão apagados, pois, ao concretizar este trabalho, foi possível muito mais do que imaginei ao ingressar no Mestrado: a arte de escrever desenhando e de desenhar escrevendo!

### 3.1 OS DIÁLOGOS DAS ENTREVISTAS COM A COMUNIDADE QUILOMBOLA

Dando início às entrevistas, utilizamos um roteiro (Figura 12) para buscar a definição das informações a serem recolhidas, e com as devidas autorizações assinadas pelas/os sujeitas/os de pesquisa partimos para o conhecimento do cotidiano, hábitos, histórias, dificuldades e lutas das/os quilombolas.

Foram entrevistadas/os cinco pessoas, sendo três professoras e duas pessoas antigas da comunidade (um homem e uma mulher), utilizando um roteiro que buscou o direcionamento deste diálogo. Os questionamentos foram feitos de forma individualizada, nas residências das/os membros da comunidade e na escola do quilombo.

Quadro 01 – Roteiro das Entrevistas.

N.	Perguntas
1.	Há quanto tempo você reside em Mata Cavalo?
2.	O que é ser quilombola?
3.	O que é a cultura quilombola e o que ela representa para você?
4.	Quais são os principais aspectos da cultura de Mata Cavalo?
5.	Quais são os hábitos que devem ser repassados dos mais experientes aos mais jovens desta comunidade? Por quê? De que forma?

Fonte: Produção da autora.

Figura 12 – Roteiro de entrevistas da pesquisa. Mato Grosso, 2017.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Arte de Cristiane C. A. Soares (2017).

### 3.2 OS DIÁLOGOS NA OFICINA DE MAPA SOCIAL DA CULTURA QUILOMBOLA

Por conta de alguns imprevistos, como a greve e as férias na escola quilombola, no dia 16 de março de 2017, quase 80 pessoas se reuniram na Escola Estadual Tereza Conceição de Arruda, localizada na associação Mata Cavalo de Baixo, para revisitar a herança cultural da comunidade. Para que isto fosse possível, fizemos várias visitas prévias nas residências das/os quilombolas, convidando as/os moradoras/es e representantes das associações a participarem da oficina de mapeamento social. Contamos também com a divulgação de algumas professoras e as gestoras da escola, que se propuseram a convidar as/os estudantes e toda a comunidade.

Inicialmente, foram propostas as reflexões acerca da cultura e da identidade cultural das/os quilombolas, abrindo possibilidades de definição deste aspecto junto às/aos participantes. Realizamos uma explanação sobre a atividade do mapeamento social da cultura quilombola, com a importância da vivência coletiva em termos de

visibilidade e reconhecimento de seu povo, enquanto sujeitas/os de sua própria história.

Para facilitar o desenvolvimento desta atividade, contamos com a ajuda de facilitadoras/es do GPEA-UFMT (estudantes da graduação, Mestrado e Doutorado), que reuniram as/os quilombolas, formando quatro grupos de trabalho em quatro salas diferentes, onde as/os participantes realizaram o mapeamento dos *marcos históricos, expressões artísticas, comidas típicas e festas*. Os mapas foram elaborados seguindo um roteiro (Figura 13) de acordo com as informações colhidas junto à comunidade. Depois de um tempo determinado, os mapas foram encaminhados para ser preenchidos por outro grupo de trabalho, e assim aproveitar melhor o tempo e as narrativas acerca do mapeamento. Desta forma, os quatro grupos participaram da confecção dos quatro mapas e dos respectivos aspectos elencados.

Durante esta atividade foi relacionada uma infinidade de manifestações culturais quilombolas, devidamente sinalizadas nos mapas por meio dos desenhos feitos por mim, sugeridos pelas/os participantes. Posteriormente, estas imagens foram redesenhadas, junto a outras expressões culturais, compuseram as legendas dos mapas apresentados nos resultados desta pesquisa. Estes desenhos também foram utilizados na nominação das/os sujeitas/os pesquisadas/os, onde, no capítulo posterior, sinalizam também os trechos de suas respectivas elocuições.

Quadro 02 – Roteiro da Oficina de Mapa Social da Cultura Quilombola.

N.	Perguntas
1.	O que é ser quilombola?
2.	O que é a cultura quilombola e o que ela representa nesta comunidade?
3.	Quais são os marcos históricos de Mata Cavallo? Em que parte do quilombo se localiza?
4.	Quais são as expressões artísticas de Mata Cavallo? Acontece em que parte do quilombo?
5.	Quais são as comidas típicas de Mata Cavallo? São preparadas e consumidas em que parte do quilombo?
6.	Quais são as festas de Mata Cavallo? Em que período e em que parte do quilombo elas acontecem?

Fonte: Produção da autora.

Figura 13 – Roteiro da oficina de mapeamento social. Mato Grosso, 2017.



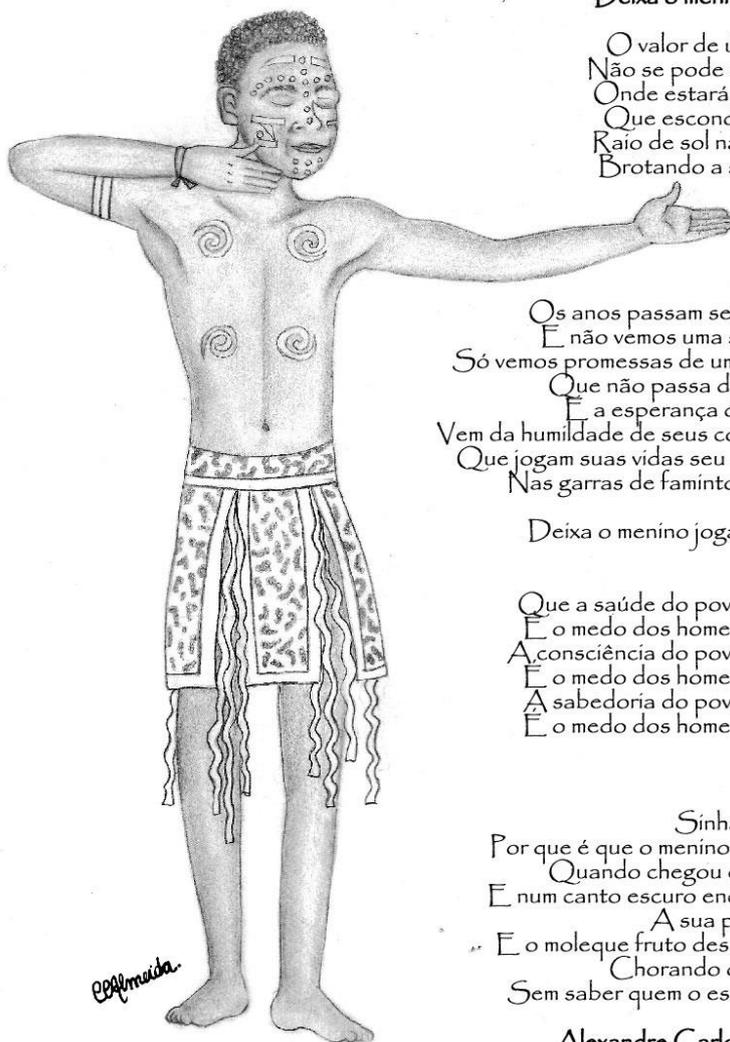
Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Arte de Cristiane C. A. Soares (2017).

Por meio do reconhecimento da ancestralidade e a valorização dos modos de vida discutidos na oficina de Mapa Social da cultura quilombola, observamos os relatos dos aspectos culturais e as táticas de resistência tão latentes nas vivências e na labuta diária deste povo. O processo de expropriação e de racismo acaba por evidenciar as memórias derradeiras de conflitos e lutas que ainda perduram neste território.

No capítulo subsequente, serão apresentados os resultados desta caminhada investigativa, onde a construção coletiva dos mapas promoveu discussões e reflexões acerca das táticas de resistências culturais desta comunidade, promovendo o enlace entre a cultura e a natureza, sob a perspectiva da arte-educação-ambiental, exaltando o desejo de visibilidade que pulsa nos corações das/os quilombolas. Trataremos, também, das considerações acerca desta pesquisa e os principais aspectos a serem ressaltados por este caminhar pesquisador.

CAPÍTULO IV:  
RESULTADOS, CONSIDERAÇÕES  
E ESPERANÇAS QUILOMBOLAS



Deixa o menino jogar

O valor de um amor  
Não se pode comprar  
Onde estará a fonte  
Que esconde a vida  
Raio de sol nascente  
Brotando a semente

Os anos passam sem parar  
E não vemos uma solução  
Só vemos promessas de um futuro  
Que não passa de ilusão  
E a esperança do povo  
Vem da humildade de seus corações  
Que jogam suas vidas seu destino  
Nas garras de famintos leões

Deixa o menino jogar ô Iaiá  
[...]

Que a saúde do povo daqui  
E o medo dos homens de lá  
A consciência do povo daqui  
E o medo dos homens de lá  
A sabedoria do povo daqui  
E o medo dos homens de lá

[...]

Sinhá me diz  
Por que é que o menino chorou  
Quando chegou em casa  
E num canto escuro encontrou  
A sua princesa  
E o moleque fruto desse amor  
Chorando de fome  
Sem saber quem o escravizou

Alexandre Carlos Cruz

Encerro esta dissertação com o quarto e último capítulo, não o denominando de *considerações finais*, pois reconheço a incompletude desta pesquisa, das minhas limitações enquanto pesquisadora, e das identidades não fixas do quilombo de Mata Cavallo. Neste último portal de imagens quilombolas, me permito homenagear Matheus Henrique, que, em meu olhar, representa os jovens e o esperar desta comunidade. Junto ao seu desenho, transcrevo a canção *Deixa o menino jogar*<sup>24</sup>, uma composição de Alexandre Carlos Cruz, interpretada pelo grupo musical Natiruts. Em minha concepção, estes versos refletem o contexto do quilombo. Em seu passado, memórias de sofrimento desde o tempo da escravidão. No presente, as dificuldades causadas pelo avanço do capitalismo junto ao descaso do poder público. Mesmo com temores e angústias com relação ao futuro, ainda assim, é um povo que sonha e valoriza a arte, a cultura, a natureza, a sabedoria e o amor.

#### **4 RESULTADOS, CONSIDERAÇÕES E ESPERANÇAS QUILOMBOLAS**

A amplitude da relação entre o ser humano e a natureza que a cultura popular nos propõe compreende as expressões culturais de Mata Cavallo com uma enorme abrangência, pois incorpora os mais diversos elementos como aspectos pulsantes na permanência da comunidade e no reconhecimento que tanto anseia, ao tentar trazer de volta o que outrora foi tradição e hoje é desconhecido por boa parte daquela gente. Sobre a cultura, discorremos:

Culturas são panelas de barro ou de alumínio, mas também receitas de culinária e sistemas sociais indicando como as pessoas de um grupo devem proceder quando comem. São vestimentas de palha ou de pano acompanhadas de preceitos e princípios sobre modos de se vestir em diferentes situações sociais e rituais. São mapas simbólicos que guiam participantes de um mundo social entre seus espaços e momentos. Nossos corpos, atos e gestos são visíveis como expressões de nossos comportamentos. Mas o sentido do que fazemos ao agir em interações com nossos outros somente é compreensível mediante as culturas de que fazemos parte (BRANDÃO, 2009, p. 719).

Assim sendo, a cultura nos ensina e com ela aprendemos, mesmo antes de preferirmos nossas primeiras palavras. Culturalmente, construímos o mundo em que

---

<sup>24</sup> A música *Deixa o menino jogar* está disponível em videoclipe no seguinte link: [https://youtu.be/B8t\\_R\\_05mSs](https://youtu.be/B8t_R_05mSs)

vivemos por meio dos objetos que criamos para utilizar em nosso cotidiano, e até mesmo a atividade que deram origem ao que produzimos. Criamos significados junto aos símbolos, cantos, contos, formas de organização social, tradições, sentidos de sacralidade, leis, normas, mitos, crenças, sensibilidades e sociabilidades que, com o passar do tempo, se recriam em novos significados (BRANDÃO, 2009). A valorização da cultura quilombola e de seus bens comuns,

[...] não se trata de uma manutenção no sentido de uma tradição que mantenha status, mas da tradição enquanto memória e uma relação temporal e territorial, ou seja, que recupere um diálogo com o ambiente e com os outros membros da comunidade (OLIVEIRA, 2011, p. 33).

Em muitos momentos pudemos observar que o esperar desta comunidade ecoa nas táticas de luta, onde a cultura exerce um importante papel articulador, em espaços escolarizados ou não, que se tornam territórios de labuta legítima dos antepassados quilombolas. Sob esta perspectiva, o diálogo promovido durante a oficina de Mapa Social foi iniciado com o debate sobre os modos de vida que se perderam no passado, mas que podem ser ressignificados e repassados das/os mais antigas/os aos mais jovens. Conforme as pesquisas de Loureiro (2006), o patrimônio cultural popular de Mato Grosso vem perdendo espaço com o processo e ocupação por meio da migração de pessoas de outros estados, em decorrência da chamada modernização mato-grossense. Sabemos que este processo não aconteceu pacificamente, e sim de forma expropriatória e violenta, especialmente em terras quilombolas.

Apesar de considerarmos o processo de transformação histórica que esta comunidade sofreu com o passar dos tempos como o resultado de uma identidade cultural em movimento, em que o hibridismo cultural se mostra presente nas novas subjetivações de identidade (BHABHA, 1998), neste estudo, buscamos também ressaltar os prejuízos causados pelas mudanças indeléveis que ocorreram em nome da política desenvolvimentista, que em muitos momentos se sobrepõem aos interesses de grupos sociais em situação de vulnerabilidade (SILVA, 2011).

A seguir, trataremos de reunir as autonarrativas que reafirmam a nossa intenção de um caminhar pesquisador na contramão da colonialidade, buscando a auteridade e o reconhecimento das/os sujeitas/os históricos, que há muito tempo foram negados pelo racismo e pela hegemonia de poder colonialista. Os registros

das falas da comunidade, que foram ouvidas por meio das entrevistas, conversas informais e na oficina de mapeamento social da cultura quilombola, nos valida as informações sobre os aspectos estudados neste contexto (SILVA, 2011).

Neste território ancestral, cicatrizes foram deixadas pela escravidão, onde muitos dos marcos históricos (como o pelourinho e a fornalha) ainda evidenciam as diversas violações de direitos e o racismo que a população do quilombo vem sofrendo historicamente por parte da sociedade mato-grossense, pelos três poderes em níveis municipal, estadual e federal, conforme ressalta Moreira (2017). Contudo, os sabores desta terra são tipicamente temperados pela labuta de um povo que anseia por visibilidade. No celebrar da vida, reúnem o que tem de mais sagrado e, de tempos em tempos, festejam a arte que não deixa de florescer, mesmo no solo árido marcado pelo racismo corrosivo. Assim, a cultura popular que atrai olhares de admiração e encanta corações ainda pulsa e resiste no território fecundo de Mata Cavallo.



**Dança Afro**  
Entrevista com  
professora

Pra mim a cultura quilombola, hoje, que eu trabalho isso com meus alunos, primeiro é a aceitação da sua origem [...] a permanência nossa no espaço nosso, no caso que uma escola na nossa comunidade defender a nossa cultura negra. É defender, é não abrir mão, é orgulho mesmo. [...] Já foi derramado muito sangue pra isso, pros nossos jovens terem esse espaço [...] é não ter vergonha da nossa cor, é não abaixar a cabeça diante de uma questão: por que comemorar só dia 20 de novembro? Por que se lembrar do negro só nessa data? Todos os dias eu falo isso na minha sala.

Neste estudo, pretendemos trazer as autonarrativas como fonte de informação para as discussões (SILVA, 2011), sem que o foco seja a denominação de quem tenha laços consanguíneos com as/os herdeiras/os das terras de Mata Cavallo, e sim na autoidentificação das/os sujeitas/os, os elementos que as/os unem na luta e na resistência quilombola. Portanto, nosso papel está além deste questionamento.

No entanto, mesmo se essas pessoas não forem quilombolas como as entidades especializadas as classificam, observamos que mais que compartilhar um pedaço de terra, elas compartilham uma identidade que é perpassada pelo tempo (NEVES et al., 2011, p. 39).

Assim sendo, estamos em busca de um desenho temporário da cultura quilombola em suas multiplicidades, e a relação de seu povo com os aspectos

ambientais. “O Quilombo Mata Cavallo é uma porção de terra que para além de territórios geográficos, inscreve-se em identidades construídas nas vivências históricas que demarcam sua temporalidade” (SILVA, 2011, p. 148).

Em muitos momentos, a cultura quilombola demonstra ser uma fusão daquilo que os negros buscaram preservar de seus ancestrais africanos junto à biodiversidade do cerrado mato-grossense e seus novos hábitos, ainda que em um processo de constante opressão, expropriação e degradação ambiental, mesmo após o regime escravista. Contudo, no processo de dominação sofrido pelas/os quilombolas, sem condições de reagir, frequentemente se conformam com a apropriação ilegítima de suas terras, arcando com as consequências nos modos de vida e nos prejuízos socioambientais:



#### **Cutelo**

Mapeamento moradora da comunidade

Dentro do complexo Mata Cavallo vive fazendeiro, sem-terra, invasor [...] quilombola é quem é cadastrado, é quem participa das reuniões, é quem faz algum contexto no quilombo [...] tem várias pessoas que moram aqui que não são quilombolas. [...] Mas é quilombola quem trabalha com parceria.

A imposição de valores, normas e conduta das culturas hegemônicas, provenientes dos senhores de engenho, e posteriores imposições de outros grupos dominantes, dos fazendeiros e do poder público, é facilmente identificada nos diálogos estabelecidos com a comunidade. Isto nos conduz à necessidade de preservar as expressões culturais ainda existentes neste território, muitas vezes negadas pelas/os próprias/os quilombolas, que temem o racismo e o preconceito ao legitimar hábitos e crenças provenientes de seus antepassados. Até mesmo no contexto do ensino escolarizado, as manifestações derivadas das matrizes africanas nem sempre são bem vistas:



#### **Capoeira**

Entrevista com professora

Essa questão da escola estar sem fala, sem poder, a gente fica até com medo de falar de religião, e sofrer uma penalidade [...] hoje se você falar de religião [...] tem que ter todo esse cuidado [...] você não pode doutrinar mas pode ensinar a diferença [...] tem muito pai evangélico, então a gente procura não puxar tanto pra religião por causa disso, entendeu?

Destarte, reconhecemos a importância da manutenção destes hábitos ancestrais e constatamos que o quilombo de hoje não mais representa as mesmas características socioculturais do período de seu surgimento (LEITE, 2000), há mais de cento e vinte e cinco anos. Outras lutas e necessidades se fazem urgentes para resguardar a permanência deste grupo social em situação de vulnerabilidade em seu espaço de direito (SILVA, 2011). Buscar a manutenção desta comunidade não é deixar que ela permaneça nas mesmas condições de exclusão e insalubridade do passado, não é minimizar seus direitos básicos de sobrevivência, e nem mesmo negar todo o direito de sua luta (LEITE, 2000; MOREIRA, 2017) e sim resguardar e valorizar tudo o que se refere à identidade cultural e a táticas de resistência deste povo.

Com o objetivo de fortalecer as alianças entre cultura e natureza, em diálogos fecundos entre a comunidade e o grupo pesquisador, emergiram múltiplas possibilidades para cativar e reforçar os laços entre as/os quilombolas e a valorização de suas vivências, hábitos e ancestralidade, que precisam ser cultivados (SILVA, 2011). Neste estudo, a abordagem que trazemos refere-se às significações culturais que as/os quilombolas trazem, sem o reducionismo de uma perspectiva folclórica<sup>25</sup> desvinculada da luta política de resistência:

A folclorização não no sentido do estudo e conhecimento das tradições de um povo expressa em suas lendas, canções e literatura, mas no sentido de simplificação através da eleição de certos estereótipos para fins de exploração comercial, turística e midiática (LEITE, 1999, p. 125).

Destarte, rememoramos que o racismo e a exclusão das/os negras/os se proliferaram desde o início da formação social brasileira. Nos idos da Abolição da Escravatura, não houve a intenção de inclusão destes por parte da elite política do nosso país. Com o passar dos tempos, por falta de formação e informação, a *folclorização* deste povo tratou de formar estereótipos que ainda tentam escamotear a discriminação racial, tratando-os como objetos de consumo, buscando uma

---

<sup>25</sup> Folclore é uma terminologia criada por William John Thoms, originária da junção das palavras Folk-Lore, que surgiu em uma carta para a revista The Atheneum, de Londres, em 1856. Logo de início, foi pouco aceita como nomenclatura e como uma nova ciência. A princípio se referia a uma análise comparativa de produções literárias de conotação popular, primitiva ou de costumes, e repertórios míticos e rituais (BRANDÃO, 1984b).

demanda turística (com o objetivo de exploração e espoliação) ao invés da busca por uma identidade política (LEITE, 1999).

Contudo, diante das demandas socioculturais, decorrentes do processo civilizatório que sofremos, há reflexos no hibridismo cultural (BHABHA, 1998) que temos percebido em nosso território de pesquisa. Ainda que a subjugação sofrida por estes povos dominados tenha o objetivo de desterritorializar hábitos, tornar-se híbrido é uma das táticas de resistência que estas comunidades têm buscado para manter viva a sua cultura (HAESBAERT; GONÇALVES, 2006).

Mesmo reconhecendo a violência e a exploração promovidas pela modernização colonial como um processo profundamente desterritorializador, especialmente no que se refere à expropriação das comunidades ameríndias e ao tráfico de escravos, profundamente desterritorializadores, ela resultou em formas de amálgama que [...] tornou-se um mecanismo eficaz de re-existência e reterritorialização (HAESBAERT; GONÇALVES, 2006, p. 90).

Embora tenhamos representado este quilombo, delimitado por associações sob a forma de mapas, estas divisões espaciais não têm intenção de fragmentar a cultura de Mata Cavallo, que provém de um intercâmbio entre os hábitos de povos diversos que ali galgaram suas raízes. Ainda que existam disparidades entre algumas áreas, é nosso objetivo considerá-lo como um todo, enquanto comunidade. Por meio desta perspectiva, pudemos perceber as particularidades culturais construídas acerca do que as/os quilombolas têm legitimado em seu território. A resistência por meio do hibridismo cultural (BHABHA, 1998) é evidente na comida do tempo dos escravos que é servida nas festas de santo, na oferenda de café para São Benedito, na tradição de homenagear as/os mortas/os rezando no cemitério, em uma série de crenças e práticas que caracterizam aspectos que, separadamente, poderiam ser comuns em outras paragens, mas em conjunto caracterizam os hábitos de Mata Cavallo.

Em busca de reconectar o elo entre a cultura e a natureza que tem se perdido com a expropriação de terras, racismo e a degradação ambiental, uma das formas que esta comunidade busca para a valorização de seus conhecimentos tradicionais são os permanentes diálogos e práticas significativos para o quilombo. Na escola acontecem festas, feiras e a introdução de disciplinas no contexto escolar que trabalham temáticas quilombolas e existem os conteúdos da educação básica,

porém, enquanto escola do quilombo, trabalha esta contextualização em aulas específicas, com algumas práticas. Dentro destes momentos, surge a sensibilização quanto às questões ambientais, por meio da arte e da cultura quilombola.

Conforme ressalta Moreira (2017), atualmente são ministradas três disciplinas que trabalham a realidade do quilombo, sendo elas: *Tecnologia Social (TS)*, que busca trazer o desenvolvimento de técnicas para resolver problemas sociais com baixo custo; as *Práticas Culturais e Artesanato Quilombola (PCAQ)* que contextualizam e ensinam o artesanato típico quilombola; e as *Práticas Agrícolas Quilombolas (PAQ)* que tratam do cultivo da terra por meio da agricultura e a valorização das ervas nativas da região.

Contudo, os esforços que a comunidade tem feito acabam restritos a ações pontuais, e este povo ainda permanece em situação de vulnerabilidade socioambiental, vítimas do descaso do poder público, da opressão e do racismo por parte das classes socioeconômicas dominantes. As/os quilombolas sofrem pelas perdas territoriais, ambientais e culturais, vivendo em intensas dificuldades para permanecerem em seus locais de origem. Sobre as perdas culturais neste quilombo, ressaltamos:

(...) ao realizarem estudos sobre a literatura africana, denunciam que a perda cultural acompanha a seca, ausência de água potável, serviços precários de saúde ou moradia. Assim como a África, nos demais continentes o cenário não muda. No Brasil, apenas por exemplo, o quilombo Mata Cavalo, localizado no estado de Mato Grosso, desvela que os impactos ambientais estão diretamente relacionados à cultura dos povos. Lesar a ecologia local é, portanto, perder também a identidade cultural (BELÉM; SATO, 2011, p. 349).

Em conformidade com os objetivos da metodologia proposta, buscamos que os integrantes desta comunidade se reconheçam enquanto protagonistas de suas próprias histórias, vivências e lutas, se situando e compreendendo seus próprios significados por meio da valorização de sua cultura e de seus modos de vida (SILVA, 2011). Sob o bojo da arte enquanto proposta de visibilidade neste contexto, desejamos que o sentido da partilha da vida não seja restrito ao convívio na escola, mas que possa se disseminar por todo este território, trazendo o passado como prática do presente e o sentido de renovação para este povo, pois, ao que nos apetece, este é o caráter de transformação do processo formativo da arte-educação.

É nesta trama basilar que a Arte/Educação/Ambiental se desenha, inaugurando uma prática arte educativa que se presta, aliás, pode e deve ser configurada, com um elemento provocador do diálogo-debate, conforme ideia de Freire, da aprendizagem sensível, crítica e criativa na perspectiva de se desenhar a cultura ambiental. A Arte/Educação/Ambiental pode ser considerada como um solo fértil para que o desejo da ação sensível-crítica-criativa com relação ao Ambiente brote, na perspectiva de contribuir para a melhoria da relação ser humano com o planeta, com a vida (QUADROS, 2011, p. 60).

Assim sendo, temos consciência de que esta pesquisa não é suficiente para retomar os vínculos entre a cultura e a natureza deste povo. Entretanto, os diálogos presentes nas entrevistas, na oficina de mapeamento, e em todas as experiências onde o caráter transformador da arte-educação-ambiental nos possibilitou vivenciar, são muito mais relevantes que os resultados apresentados nos mapas. Desta forma, também afirma Catalão (2011) que o significado do cuidado com a natureza, do pertencimento ao ambiente culturalmente estabelecido diante de tantas lutas, é a semente que pretendemos plantar. Por isso, buscamos uma pedagogia arte-educativa, pois a potência de transformação da arte possibilita o limiar de inúmeras possibilidades, entre elas a sensibilização quanto às perdas culturais decorrentes do processo de degradação ambiental, e a expressividade presente nas memórias ancestrais das/os quilombolas.

#### 4.1 MATA CAVALO: TERRITÓRIO DE CULTURA, NATUREZA E CONFLITOS

Durante o desenhar desta pesquisa, relatamos a luta dessa população que teve seus direitos e sua dignidade violados, enfrentando muitos conflitos em toda a sua história, que perduram até os dias atuais. Mesmo na insegurança fundiária, por ainda não terem a posse definitiva das terras, foi construída uma trajetória de resistência neste território ancestral, tentando repassar seus hábitos aos seus descendentes e fortalecendo a educação escolarizada como formas de luta e resistência (SANTOS *et al.*, 2015).

Moreira (2017) relata que a falta de regularização fundiária é um dos problemas atuais que ocasionam uma série de transtornos, acentuando ainda mais a condição de vulnerabilidade deste povo, também prejudicando todo o seu modo de vida, inclusive os aspectos culturais. Em muitos momentos da pesquisa e de

diálogos em Mata Cavalo, percebemos também as divergências entre algumas associações que formam este complexo quilombola.

Ainda que esta pesquisa tenha uma discussão direcionada aos aspectos etnográficos, artísticos e culturais, não há como negar um campo político de tensões e conflitos pulsantes. Somando-se ao racismo, as exclusões e todas as dificuldades que este povo enfrenta, existem também conflitos internos que muitas vezes dificultam a união e a articulação da luta, conforme relatos da própria comunidade. Em muitos momentos o convívio coletivo é permeado de disputas entre as associações que formam o complexo quilombola de Mata Cavalo, o que prejudica a luta pela efetivação dos direitos sociais e coletivos (MOREIRA, 2017).

Conforme afirma Bhabha (1998), estas disputas internas retratam que as subjetividades originárias e iniciais, resultantes de transformações históricas e hibridismos culturais, reformulam a ideia de sociedade ao perpassar novas subjetivações de identidade, colaboração e contestação. Desta forma, o autor questiona:

De que modo chegam a ser formuladas estratégias de representação ou aquisição de poder [*empowerment*] no interior das pretensões concorrentes de comunidades em que, apesar de histórias comuns de privação e discriminação, o intercâmbio de valores, significados e prioridades pode nem sempre ser colaborativo e dialógico, podendo ser profundamente antagônico, conflituoso e até incomensurável? (BHABHA, 1998, p. 20).

Da mesma forma, os momentos coletivos foram marcantes, significativos e de fundamental importância, onde a comunidade se manifestou não somente com relação aos mapas que estavam sendo construídos, como também debateram sobre as violações de direitos humanos e as insatisfações sob várias perspectivas da convivência dentro do quilombo, problemas como a privação de infraestrutura, a não efetivação de políticas públicas destinadas ao grupo, a escassez d'água e muitas outras dificuldades. Moreira (2017) ressalta que além dos problemas e impactos ambientais que este povo enfrenta em função da expropriação de seu território, o racismo estrutural os vitimiza e contribui ainda mais para a queda nas condições de vida. Neste território de excluídas/os,

A cultura, então, ganha contornos privilegiados enquanto um campo de disputas, conflitos e de aspiração dos desejos, ideais,

necessidades e protestos, protagonizando a coesão de consciências e a elaboração de saberes (SILVA; CAETANO, 2000, p. 151).

Em relatos diversos dos membros da comunidade, notamos a disputa que ocorre até mesmo para o usufruto de bens coletivos, como espaço e permanência na escola (feiras, eventos e oficinas de aprendizagem), reuniões das associações, vagas para cursos (profissionalizantes, beneficiamento de alimentos e artesanato), enfim, recursos que poderiam servir de fortalecimento da arte, da cultura e da economia popular solidária<sup>26</sup> na região, mas que infelizmente servem a uma minoria.



#### Novena

Entrevista moradora da comunidade

Artesanato aqui no colégio é muito difícil ter, e quando vem, já vem pras pessoas contado. A única coisa que eu sempre faço aí é da EMPAER. É negócio de horta, de peixe, esse eu faço, né, quando eu não vou vai meu marido, tem vez vai nós dois. Essas coisas que faz no colégio, nós não somos chamados. Tem vez faz curso de pintura, curso de bordado, não fazemos porque não chamam. Mas se chamar nós vai. [...] Aí eu fico sabendo depois que acabam as vagas. [...] Aqui eu aprendo a fazer as coisas que eu vejo na Ana Maria Braga. [...] Muitas vezes eu vendo, muitas vezes eu dou pra minhas crianças comer. [...] Mas ninguém num liga, aí fica desse jeito aqui. O que eu faço aqui, minhas crianças que levam pra Cuiabá por minha conta. [...] se tudo esses cursos que tiveram aí me chamasse [...] a gente tem vontade de aprender a fazer tanta coisa... diz que lá na Mutuca teve curso de teceção de rede, mas eu gosto de fazer rede, se eu tivesse o tear de fazer a rede, eu teria comprado muito fio pra fazer.

Por meio deste relato, percebemos a necessidade de fortalecer o sentido da arte-educação-ambiental neste território, pois o desenhar do protagonismo desta comunidade é uma urgência, pois, entre elas/es, é necessário a valorização de suas identidades, habilidades (QUADROS, 2013), estimulando o trabalho coletivo como potencialidade de resistência cultural.

Neste território quilombola, conforme alguns relatos, percebemos que em épocas passadas de intensas brigas e disputas a comunidade procurava se unir para o trabalho e estabelecer seus direitos naquele local. Hoje, nos tempos de *maior calma*, conflitos internos impedem a união entre as associações que compõem o complexo quilombola de Mata Cavallo, diminuindo deste modo a força da

<sup>26</sup> Economia popular solidária é uma alternativa que as camadas populares e comunidades buscam, por meio de práticas econômico-sociais com a valorização do saber popular e de suas experiências, fomentando a produção associada, garantindo a reprodução ampliada da vida, buscando o desenvolvimento da identidade coletiva e fortalecendo os laços sociais, propondo ações coletivas que possam gerar renda para pessoas excluídas do círculo capitalista (NEVES et al., 2011).

coletividade. Em conformidade com Silva (2012), compreendemos as relações quilombolas sob a perspectiva do local para o global. Ainda que o quilombo partilhe de características comuns e valores coletivos, está também sujeito às crises e contradições próprias da nossa civilização:

Com pensamento fragmentado e unidimensional, a ciência moderna buscou dicotomizar cultura/natureza, rico/pobre, ordem/desordem e harmonia/conflito. A modernidade buscou, sobremaneira, homogeneizar a sociedade e impor um só desejo a toda humanidade – a modernização que traz em seu bojo o desenvolvimento a qualquer custo. [...] Contudo, também significou adoção de valores e tendências que não conseguimos romper com facilidade, como a visão antropocêntrica, a crença cega nas tecnologias, as certezas absolutas, o individualismo, a homogeneização das culturas, o escamoteamento dos conflitos e outros fatores (SILVA, 2012, p. 42).

Temos percebido também as violações dos direitos humanos e as agressões ambientais que o território quilombola sofre e que estão, majoritariamente, ligadas ao racismo e às ações e atividades dos expropriadores, e acabam por afetar e modificar a relação entre cultura e natureza que esta comunidade tem estabelecido nos longos anos de resistência. Não há como negar que a restrição de acesso às áreas de referência e aos locais onde estão espécies vegetais importantes para extrativismos de produtos que têm ligação profunda com o seu modo de vida, os pequenos espaços destinados aos roçados, as dificuldades de acesso à água e às plantas medicinais são fatores que contribuem fortemente para o desaparecimento de hábitos relacionados diretamente com suas manifestações culturais (SILVA, 2011; MOREIRA, 2017).

Porém, dentre todas as adversidades e tentativas de desarticulação que estão presentes na caminhada desta comunidade, certamente a força ainda provém da labuta diária e de algumas ações coletivas, potencializadas nos muxiruns, processos formativos, reuniões, cursos, oficinas, feiras, rezas e especialmente as festas no quilombo, onde estas pessoas “reproduzem e ressignificam, pela repetição anual dos ritos, tudo aquilo que consideram valoroso à construção e lembrança do que julgam essencial em suas vidas” (KAWAHARA, 2015, p. 117).



**Capoeira**  
Entrevista com  
professora

Aí todo mundo sentava pra fazer o bolo pra essa festa [...] antigamente era tudo de graça. Você dava o almoço pra pessoa e ela ia pra sua casa e dava um jeito de buscar quem morava longe, buscar de charrete, de carro, todo mundo ajudava. Aí ia fazer bolo, ia pra semana de fazer doce, todo mundo ia ajudar a fazer doce, ralar mamão, os homens matavam a vaca [...] todo mundo trabalhava. [...] Não faz mais a semana de festa, a semana do bolo, que todo mundo ia pra casa de todo mundo, todo mundo ajudava. Ia ajudar fazer bolo, ajudava, linguiça dava, por exemplo, vai ajudar, vou dar um pedaço de linguiça pra você, dar um pedaço de doce. [...] pra toda essa cultura do quilombo, né, agora acho que tá todo mundo mais individualista.

Percebemos, então, que o ecoar da arte e da cultura quilombola, no sentido do ganho imaterial e do valor coletivo que pode ser gerado pelas festas, por vezes pode ser interrompido pela venda de produtos nas festas quilombolas, como uma rara oportunidade de geração de renda, ou ainda como afirma Silva (2012), pelos interesses individualistas provenientes do pensamento capitalista, que ocupam cada vez mais espaço em todos os segmentos da sociedade, inclusive nesta comunidade. Em ambas as possibilidades, junto às autonarrativas, a arte-educação ambiental se mostra uma possibilidade de diálogos fecundos, no sentido de unir esforços, ensinar e aprender a cultura local, valorizando todas as potencialidades de cultura e modo de vida deste povo.

Todas as manifestações culturais supracitadas se referem ao que pretendemos, quando buscamos relações com a educação popular. Desejamos, por meio do fortalecimento da arte e da cultura, uma educação que possa resistir à margem do poder hegemônico, instituída no saber da comunidade, para que este saber seja reproduzido de forma democrática, incentivando o empoderamento deste povo, de forma que possa perdurar à contramão dos conflitos pulsantes neste território.

#### 4.2 AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS QUILOMBOLAS

Neste contexto pesquisador, compilamos a aprendizagem cultural produzida pelas mãos calejadas desta comunidade, que vem das vivências e lutas das/os antigos e atuais moradoras/es. Observamos a percepção da natureza nos pequenos detalhes, nos artesanatos trançados em palha, moldados no barro e em todo lugar deste ambiente, onde se cantam e contam histórias que não podem ser esquecidas

com o passar do tempo. Vislumbramos a fé na vida, nas/os santas/os, nas/os orixás e na labuta diária, que, ao esperarçar coletivamente, busca visibilidade e respeito. “A intenção investigatória assim situada pretende propor uma tessitura dialógica entre natureza e cultura via educação, na trama entre arte, educação e ambiente” (QUADROS, 2013, p. 36).

Os aspectos que contemplam o estreitamento da relação das/os quilombolas com a natureza, muitas vezes, evidenciam expressões culturais provenientes das matrizes africanas, que conseguiram resistir por meio das adaptações ao contexto brasileiro (BELÉM; SATO, 2011) e mais adiante, no território mato-grossense a que pertence Mata Cavallo. Estas raízes são resultantes de uma miscigenação da cultura colonialista portuguesa e espanhola, que junto às/aos indígenas e negras/os deram origem aos hábitos, ainda hoje muito presentes nas festas, nos ritos *sagrados* e *profanos*, nas tradições dos mitos, lendas, danças, religiosidade e outras expressões populares. Por ser um local que se encontrava, no período colonial, isolado dos grandes centros urbanos, acabou por consolidar uma cultura singular que perdurou com mais intensidade nas comunidades *rurais* (LOUREIRO, 2006) como foi o caso dos quilombos.

Nesta tessitura de saberes, reconhecemos a importância da conservação da biodiversidade deste território, que é fundamental para não colocar em risco a riqueza cultural deste grupo. O sentido da coletividade que permeia a luta de Mata Cavallo é também primordial na resistência cultural e na conservação dos ecossistemas fragilizados pela ação das classes dominantes. Desta forma, por toda dimensão etnográfica do desenhar desta pesquisa a educação ambiental se fez presente, também fortalecendo os diálogos junto às pessoas de referência, que foram apontadas nas interações, entrevistas e construção dos mapas.

Os preceitos da educação popular, que confere liberdade aos povos e às histórias contadas por eles, possibilitaram a autonomia, a valorização de seus saberes e o interesse em multiplicá-los, além do espaço escolarizado (BRANDÃO, 1984a). De tempos e espaços privilegiados pela cultura popular, a arte brota da terra para sustentar as identidades invisibilizadas pelo poder hegemônico, ao legitimar a resistência neste território ancestral.



**Novena**  
Entrevista moradora  
da comunidade

A cultura, minha filha, aqui, é a tradição da roça. Pessoa que mexia com moagem, plantava arroz, feijão, aí colocava tudo ensacado ali, fazia aquela reunião, aquele rancho [...] A família do meu pai tudo foi escravo. Só a família da minha avó, mãe dele, que não foi, mas do meu pai foi. [...] Aqui quando foi no tempo dos quilombolas, depois que o negro acochou daqui, aqui foi no tempo de pai de papai, avô de meu pai, tudinho. Eles brigaram, lutaram aqui, por causa dessa terra. E eles morreram aqui. Quem nunca foi escravo só foi do lado da mãe dele. Mas a família de pai dele tudo foi escravo. [...] A terra é nós que brigamos por ele, a terra é nossa.

Por meio da cultura popular, que é onde se originam os primeiros conceitos e movimentos de educação popular no Brasil (BRANDÃO, 2002), propomos um processo de ruptura com as culturas hegemônicas provenientes do colonialismo e das classes dominantes, e, por meio do mapeamento participativo direcionado aos aspectos culturais, almejamos o fortalecimento da coletividade e dos conhecimentos populares. Sob o bojo da educação ambiental que acreditamos, propomos que esta comunidade retome, crie e recrie sua própria identidade cultural. Postulamos que

A educação popular não é uma atividade pedagógica para, mas um trabalho coletivo em si mesmo, ou seja, é o momento em que a vivência do *saber compartilhado* cria a experiência do *poder compartilhado* [...] a educação popular é um fim em si mesma. É uma prática de pensar a prática e é uma das situações variadamente estruturadas de produção de um conhecimento coletivo popular, mesmo que ninguém saia alfabetizado dela (BRANDÃO, 1984a, p. 50-51).

Algumas expressões culturais estão vivas na memória das/os quilombolas, porém ausentes dentre os hábitos da atualidade. O presente mapeamento ressalta as narrativas que ajudam a desenhar as nuances desta pesquisa e as reflexões acerca da vida e da cultura deste povo. Desta forma, a cultura popular de Mata Cavallo, mesmo em sua infinidade de manifestações e hibridações, aos poucos tem se tornado desconhecida entre as pessoas mais jovens ou desaparecido entre as gerações. Muito do que se perdeu da cultura quilombola não foi possível mencionar neste mapeamento participativo. As parteiras, por exemplo, que quase não foram citadas e representam um importante aspecto relacionado à saúde popular, acabaram não recebendo um mapeamento específico. Contudo, não pretendemos invisibilizar o trabalho realizado por elas e por este motivo as citamos por meio de uma autonarrativa, pois se relaciona com a comprovação da carência de recursos desta comunidade.

Durante o mapear desta pesquisa, ouvimos a história de uma das parteiras da comunidade, que contou como elas fizeram parte do cotidiano das crianças que nasciam, bem como o papel fundamental no amparo às mães do quilombo. Nos tempos idos, havia ainda menos recursos para socorrer as mulheres prestes a dar à luz. Somente uma parteira foi identificada em Mata Cavalo, que mora na associação Mutuca. Apesar de ter realizado poucos partos, ela conhece os procedimentos e relata com muita felicidade o ato de ajudar a trazer vidas ao mundo.



**Hop Quilombola**  
Mapeamento moradora  
da comunidade

Eu já fiz 3 partos, 2 aqui no sítio e 1 em Várzea Grande. [...] é muito gostoso, você não sabe como é bom você trazer uma vida, é uma emoção, é emocionante. [...] Antes aqui não tinha luz, não tinha nada, a condução era difícil, né? Aí até pra correr atrás de carro, tudo, na época não tinha carro aqui não. Aqui era até meio complicado [...] quem tinha carro morava muito longe, aí não dava tempo. [...] Deve ter as pessoas que já morreram, mais antigas.

As parteiras, antigamente, eram muito importantes no cotidiano do quilombo que, isolado dos grandes centros, contava somente com estas pessoas para curar e ajudar as mulheres a darem à luz, neste território carente de transporte e infraestrutura. Ainda que nos dias de hoje, haja o acesso a alguns recursos, as autonarrativas da comunidade nos explicitam, em muitos momentos, que a população carece de assistência médica, pois, devido ao descaso do poder público, não há hospitais ou postos de saúde dentro da área do quilombo.

Desta forma, o que pretendemos enfatizar neste estudo são as discussões e a formação dos diálogos que permeiam o enlace entre cultura e natureza como tática de resistência deste povo que, há mais de cem anos, luta pelo reconhecimento definitivo de suas terras e busca por visibilidade:

O território é fundamental para a manutenção da identidade do grupo. Em Mata Cavalo, a vivência no território fortalece o sentido de pertencimento a este local que é permeado de significados, com paisagens e histórias de um povo, que desde meados de 1700, sofre e resiste ao modelo explorador escravocrata (MOREIRA, 2017, p. 85).

Assim, as lacunas visualizadas em algumas partes deste trabalho estão longe de oferecer a conotação de *espaços vazios*, visto que este é um mapeamento aberto a novas construções, em busca da retomada dos modos de vida ancestrais (SILVA, 2011), fomentando as lutas do presente e vislumbrando as possibilidades do futuro.

A viagem científica empreendida partiu de uma escolha epistemológica bem desenhada, articulando Ciência e Arte através da EA e Educação Popular em busca do reconhecimento da Arte Popular como um campo epistemológico dos saberes e fazeres de pessoas de um lugar, onde transbordava localidade, atingindo a universalidade (QUADROS, 2013, p. 350).

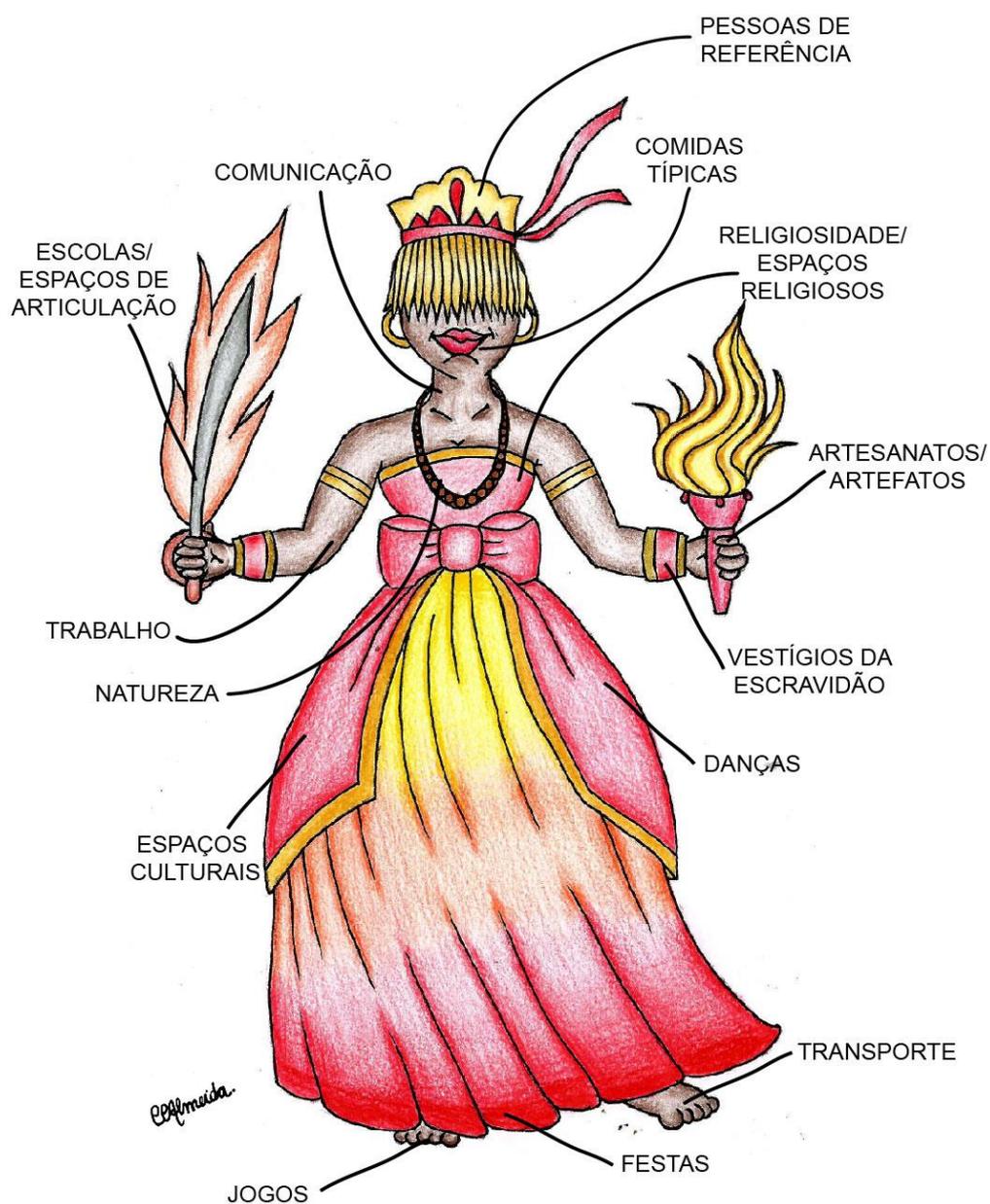
Conforme foi percebido, trouxemos os trechos de elocuições das/os sujeitas/os sendo representados por desenhos da cultura quilombola mapeados durante a construção desta pesquisa. Desta forma, promovemos as discussões pertinentes a cada um dos aspectos percebidos e evidenciados nesta trajetória que interliga o passado, o presente e o futuro desta comunidade. Seguimos a descrição etnográfica, junto aos seus sentidos e significados dentro da cultura quilombola, e trouxemos os mapas pictóricos que representam graficamente em que associações os aspectos culturais primordiais do quilombo se encontram.

Dentre tantos aspectos fundamentais de discussão, sistematizamos esta pesquisa dividindo as dimensões em quatro blocos temáticos ou *clusters*, que reuniram características semelhantes e que possibilitaram retratos temporários dos aspectos culturais próprios do quilombo. Individualmente, os clusters apresentam os elementos pesquisados com significado completo. Em conjunto, integram e complementam (SATO, 2013a) a diversidade cultural mapeada em Mata Cavalu. A breve descrição dessas representações será explicitada junto aos mapas correspondentes. Nestes clusters, a presença dos desenhos ocupa locais de destaque, pois auxilia na sistematização dos aspectos mapeados por meio da interpretação das autonarrativas da comunidade. Os conceitos de arte, neste sentido, nos ajudam a retomar as manifestações do quilombo e representá-las de forma compreensível e sucinta.

As dimensões relacionadas nos clusters estão intimamente interligadas e oferecem possibilidades de elucidar a educação ambiental no contexto do quilombo, pois apresentam profundas concatenações entre si e junto à natureza. Dentre os saberes, fazeres e sabores quilombolas, poderemos aqui apreciar e discutir as quatro dimensões culturais desenhadas: os **marcos históricos**, as **expressões artísticas**, as **comidas típicas** e as **festas**.

Figura 14 – Boneca quilombola lansã, representando os principais aspectos elencados no Mapeamento Social com ênfase na Cultura Quilombola. Mato Grosso, 2018.

## BONECA QUILOMBOLA IANSÃ



Para sistematizar os resultados e facilitar a compreensão das dimensões desta pesquisa, organizamos as manifestações culturais em mapas pictóricos, desenhados de acordo com as autonarrativas da comunidade, nos momentos de entrevistas, diálogos e oficina. Contudo, esta forma de organização não tem a intenção de segmentar a cultura quilombola, pois todos os aspectos são interligados e representam a totalidade etnográfica desta comunidade. Até mesmo na construção dos quatro mapas, procuramos aqui observar que são absolutamente relacionados e se complementam. Por isso representamos os principais aspectos mapeados por meio da Boneca quilombola Iansã (Figura 14), a “deusa dos raios e das tempestades, habita os ventos e os raios, ligada aos acidentes e catástrofes ambientais” (BELÉM, 2008, p. 83).



#### 4.2.1 Os Marcos Históricos de Mata Cavalo

Para esta comunidade, os **marcos históricos** representam as localidades que ainda guardam alguns vestígios dos tempos da escravidão (como ruínas de senzalas, pelourinhos, cemitérios), lugares que têm representatividade nas articulações do quilombo como as escolas, associações e outros que fortalecem a luta, bem como as casas de pessoas de referência, espaços culturais, religiosos e de trabalho, locais que representam conquistas como transporte coletivo, infraestrutura e comunicação, além de marcos que representam a natureza, preservada ou não, do quilombo.

Neste sentido, devemos considerar as autonarrativas quilombolas como um dos nossos principais referenciais. Conforme Silva (2011), a valorização das autonarrativas e autodenominações trazidas pela comunidade perfazem uma lógica contrária à colonialidade. Por reconhecer neste local as identidades de resistência em um grupo social invisibilizado, em situação de vulnerabilidade, procuramos valorizar seus modos de vida e aspectos culturais enquanto táticas de resistência, fortalecendo, assim, a relação intrínseca entre a cultura e a natureza deste povo.

A validação das autonarrativas das/os quilombolas também enriquece o contexto desta pesquisa, que possibilitou registros interessantes de aspectos imateriais por meio das histórias que foram contadas, dos lugares revisitados pela memória das pessoas, enfim, de particularidades de Mata Cavallo que merecem visibilidade e respeito. Contudo, durante o mapeamento observamos que a maioria das pessoas, especialmente as mais jovens, desconhece a localização e até mesmo a existência de boa parte destes locais e histórias, sendo que a demarcação majoritariamente foi conduzida pelas narrativas das/os moradoras/es mais antigas/os.

Conforme pudemos perceber, em função dos conflitos pela disputa pela terra, alguns marcos históricos estão dentro de fazendas ocupadas pelos expropriadores, que impedem que as/os quilombolas tenham acesso. Neste contexto, muitas crianças e adolescentes deixam de conhecer alguns locais significativos para a história de seu povo. De acordo com Moreira (2017), vale destacar que a morosidade do governo federal para desapropriar os fazendeiros afeta essa população que sofre com o cerceamento do direito de ir e vir em seu próprio território.

Conforme destaca Moreira (2017), neste sentido, parte da história do quilombo vem sendo negada, inacessível aos seus moradores originais. Estas provas físicas de que há apropriação indevida das terras quilombolas estão sendo, aos poucos, destruídas pela degradação ambiental que este território vem sofrendo por meio de garimpos clandestinos, desmatamento da vegetação nativa, extração ilegal de madeira, erosão do solo, queimadas constantes e o crescente avanço das monoculturas do agronegócio.

Os marcos históricos relacionados à natureza, e alguns vestígios do tempo das/os escravas/os que foram mapeados em Mata Cavallo, fazem uma relação com a cultura popular da região e, concomitantemente, retomam aspectos como territorialidade e ancestralidade. As pessoas mais antigas ou que estabeleceram contato mais próximo com elas relatam que, justamente nestes locais, onde as/os negras/os escravizados foram torturadas/os e mortas/os, surgiram também *assombrações*, que acabam por lembrar toda a crueldade da que este povo foi vítima, nos tempos idos.

São muitas as histórias contadas, recordações de sofrimento e luta, mas também de festividades e conquistas, repassadas através de gerações, que

enriquecem o imaginário coletivo do quilombo (BARCELOS, 2010) e buscam preservar os conhecimentos populares:

quando somos desapropriados de nossas origens criamos mentalmente um espaço conceitual que entra para o imaginário coletivo como um lugar ideal concebido a partir dos mecanismos da recordação, via de regra transmitido pela tradição oral entre as gerações. No mundo idealizado das comunidades do Atlântico Negro a África, desde o período da escravidão racial, constitui-se em fonte de inspiração para as culturas negras (BARCELOS, 2010, p. 02).

Nestes mitos, contos e *assombrações* presentes nos marcos históricos e na vida deste povo estabelecem um diálogo com o divino, com a natureza e com a coletividade e legitimam suas identidades (REGINA *et al.*, 2013) que resistem e fazem em seu cotidiano a educação-ambiental-popular. Para Sato e Passos (2009, p. 53) “Entre assombrações, lendas, monstros e tantos outros “seres encantados”, mitos protegem a natureza, ou explicam fenômenos sociais, tornando-se fortes aliados da educação ambiental”.

Sendo assim, estes lugares que marcaram a história do quilombo são também marcos temporais, pois representam um período de opressão que deixou vestígios físicos e também simbólicos. Originários da diáspora de negros/os africanas/os, as/os quilombolas expropriadas/os de seus territórios de direito viram-se novamente em situação de vulnerabilidade, e ainda permanecem resistindo, assim como seus ancestrais o fizeram, produzindo características culturais próprias (BARCELOS, 2010).

Dentre os marcos históricos elencados com maior ênfase pela comunidade, intimamente ligados à natureza, relacionam-se, na verdade, à escassez de um bem natural: a água. O poço artesiano que abastece grande parte da comunidade foi relacionado, pois nesta região o abastecimento de água é bastante precário. Desta forma,

compreendemos que a água é vista como um bem natural essencial à vida. Os quilombolas de Mata Cavallo exaltam a importância da água para as suas vidas ao apontarem que outras necessidades humanas como o acesso a alimentação e energia elétrica são dispensáveis, mas sem água é impossível viver (AMORIM, 2017, p. 86).

Neste mapeamento, somente o poço artesiano comunitário, em funcionamento para o uso coletivo, é que foi indicado pela comunidade. Por todo o quilombo, há alguns poços que não são mais utilizados, que foram *condenados* por estar contaminados ou ter sido construídos de forma inadequada. O poço que fica dentro da escola, por exemplo, por estar muito próximo à estrada, foi prejudicado por um processo de erosão e acabou sendo inutilizado.

Deste modo, as/os quilombolas permanecem sofrendo prejuízos com a falta d'água na escola, na labuta diária, nos momentos de lazer, na economia popular solidária e em todos os sentidos de relação com os aspectos de produção, cultura e trabalho no quilombo, relacionados com a ancestralidade deste povo. As fontes de água naturais da comunidade “remetem aos quilombolas valores que estão intimamente relacionados aos seus antepassados, que tinham nos córregos fontes de alimentos, lazer, bem-estar e sobrevivência” (AMORIM, 2017, p. 87).

Foi interessante observar a relação da natureza com os espaços de articulação da luta quilombola, por meio das autonarrativas, como, por exemplo, o pequizeiro, que faz divisa entre duas associações. Nas proximidades desta árvore típica do cerrado aconteciam reuniões e articulações da comunidade, muito antes de existirem os locais destinados a este fim. O pequizeiro que presenciou o início das lutas ainda hoje perdura e dá frutos e flores. A articulação política que acontecia embaixo da sombra desta árvore representa a contraposição à hegemonia desenvolvimentista, buscando o fortalecimento da cultura existente na busca da inclusão social.

O papel das escolas na luta do quilombo ficou bem demarcado, visto que a educação popular ajudou a fortalecer o ensino escolarizado e as reivindicações desta comunidade.

As escolas são os centros das comunidades e é o local privilegiado para a tomada de decisões a respeito da associação dos moradores, das festas, dos encontros, das celebrações, representando assim, um instrumento de luta para a causa quilombola (SENRA, 2009, p. 19).

Uma das escolas mais lembradas foi a São Benedito, que “leva o mesmo nome do padroeiro da Comunidade de Mata Cavallo” (SENRA, 2009, p. 21), conhecida como *escola de palha*. O local possuía uma estrutura muito simples, e por algum tempo dividia espaço com as missas, aos domingos. Suas condições

precárias renderam uma denúncia ao Ministério Público. Contudo, por ter sido construída pelas mãos das/os quilombolas, teve grande significado na resistência deste território, pois representou um espaço de luta política e social (SATO *et al.*, 2010). Ainda hoje se percebe a importância dos espaços escolarizados na articulação da luta quilombola, pois ainda é o espaço mais utilizado para reivindicações, formações políticas, feiras, festas, apresentações culturais, cursos e reuniões. A presença de espaços relacionados à religiosidade nas autonarrativas das/os quilombolas refletem o caráter de sinergia entre todos os aspectos que foram mapeados nestes estudos, de forma que as diferentes manifestações culturais, ainda que sistematizadas em mapas diferenciados, se entrelaçam e se complementam na complexidade cultural de Mata Cavalo.

Conforme afirma Barcelos (2010, p.11), “as manifestações religiosas constituem-se no fio condutor da tradição quilombola, junto com todas as outras formas de expressões culturais”. Devido às hibridações religiosas presentes em território brasileiros, distanciamos-nos de buscar homogeneidade nesta dimensão de pesquisa (ANDRADE JÚNIOR, 2013). A multiplicidade das interpretações das bases religiosas que compõem este quilombo na atualidade compreende a necessidade de mapearmos, enquanto marcos históricos, espaços religiosos bastante diversos, como casas de Umbanda, terreiros de Candomblé e Igrejas Católicas e Evangélicas, que configuram uma diversidade de rituais presentes neste território.

Tentar fossilizar estas manifestações é ir contra o caminho percorrido pelas religiões de matriz africana no Brasil, que por resistência ou necessidade, foram se ajustando e se mesclando a todas as outras religiões e religiosidades que tinham minimamente aproximações com seus cultos e deidades (ANDRADE JÚNIOR, 2013, p. 3).

Contudo, percebemos nos relatos da comunidade, de forma implícita e até mesmo direta, que as/os adeptos da Umbanda e do Candomblé sofrem preconceitos. Algumas pessoas evitam falar abertamente destas manifestações religiosas, inclusive no ambiente da escola. Conforme Andrade Júnior (2013); Belém e Sato (2011), a Umbanda e o Candomblé, enquanto ritos provenientes das matrizes africanas possuem raízes históricas de perseguição e exclusão social promovida pelas classes dominantes, desde suas primeiras manifestações em territórios brasileiros, justificando assim o contexto de preconceitos que perdura até os dias atuais. Ainda assim, no hibridismo religioso, presente em muitos momentos,

transparece a profunda relação da comunidade com as suas raízes afrodescendentes.

Dentre os locais elencados neste mapeamento, foram relacionados espaços de trabalho, mesmo alguns que não estão funcionando atualmente, refletindo o desejo da comunidade em produzir renda dentro do quilombo, para que não haja necessidade de buscar emprego em outras localidades. Contudo, infelizmente, alguns destes locais não possuem toda a infraestrutura necessária para a produção e beneficiamento de alimentos, conforme seria a intenção no momento em que estes espaços foram construídos. Portanto,

a necessidade de subsistência econômica obriga parte dos seus integrantes, na maioria jovens, a procurar sua inserção no mundo do trabalho, normalmente nos meios urbanos onde buscam a realização de sua independência financeira e reconhecimento social. As condições impostas pela necessidade de conquistarem seus espaços no mercado de trabalho os colocam, consciente ou inconscientemente, numa condição de instabilidade social resultante da sociedade altamente competitiva (BARCELOS, 2010, p. 10).

Assim sendo, visualizamos a necessidade de fortalecer os laços da coletividade neste território, para que este povo vislumbre possibilidades da economia popular solidária, e se fortaleça na luta contra a exclusão provocada pela hegemonia capitalista, que impulsiona as/os quilombolas a deixarem seu espaço de origem para buscar oportunidades de geração de renda em outros lugares ou se sujeitem a trabalhar nas fazendas da região, em condições muitas vezes precárias e/ou em caráter de exploração.



#### 4.2.2 As Expressões Artísticas de Mata Cavalu

A religiosidade quilombola caracteriza-se pelo hibridismo religioso que reúne aspectos de cultos de origem africana junto aos elementos do catolicismo e outros presentes nas paragens mato-grossenses. Conforme Andrade Júnior (2013), algumas tradições antigas, provenientes da África, receberam *cristianizações* em

terras brasileiras, com a incorporação de novos elementos, e alguns ritos religiosos como a Umbanda naturalmente ganharam hibridações, constantemente renovando suas práticas. Os espaços religiosos das/os negros, desde o tempo dos escravos, tornaram-se locais de aprendizagem da cultura popular, de exercício da fé e da espiritualidade, forjados como territórios de resistência e de articulação política.

Nestes terreiros, fugas foram arquitetadas, quilombos foram desejados, motins contra capitães-do-mato se concretizaram, a capoeira se estruturou com luta e não apenas como dança, os ritos se fundiram, os Orixás se encontraram e um catolicismo popular brasileiro se tornou vivo entre os negros (ANDRADE JÚNIOR, 2013, p. 6).

Junto aos aspectos relacionados à religiosidade de Mata Cavalo, foram também mapeadas as pessoas que benzem. Este costume é ainda presente na comunidade, porém em um número muito mais reduzido do que ocorria antigamente. Esta prática foi bastante lembrada entre as autonarrativas, descritas como fundamentais no combate ao *quebranto* e *mau-olhado* e até mesmo no combate a algumas doenças. Mais uma vez percebemos durante o mapeamento que muitas vezes a ausência dos recursos médicos e hospitalares, de certa forma, fortalece o imaginário popular, que busca formas de resistir e *se curar* dos males que os afligem, também como forma de resistência ao descaso do poder público em oferecer condições adequadas de saúde à população quilombola.

De acordo com Oliveira (2011), pessoas como Cesário Sarate, líder da resistência do quilombo, líder espiritual (chefe de um terreiro de Candomblé) e responsável pelo retorno da Dança do Congo em Nossa Senhora do Livramento, são fundamentais na consolidação da cultura de Mata Cavalo, assim como seu Cesário, que já é falecido, com o falecimento das rezadeiras mais antigas da comunidade, que realizavam as novenas, as rezas do cenáculo e a reza cantada. Estas expressões de religiosidade tendem a desaparecer. Algumas das Igrejas Católicas antigas já não existem mais.

Constatamos também que, historicamente, sempre houve pleno interesse das classes dominantes em aniquilar as manifestações religiosas ligadas às matrizes africanas, desde as perseguições da coroa portuguesa, em seguida os senhores de engenho, posteriormente o governo Vargas e o Golpe de 64 (ANDRADE JÚNIOR, 2013) até os dias atuais, em que os garimpeiros, fazendeiros, expropriadores de

terras e grandes agricultores investem na desarticulação da cultura afrodescendente, mesmo de forma implícita e com o preconceito velado.

Destarte, a espiritualidade ligada às matrizes africanas desse povo também tem forte ligação com a paisagem, com as águas e com as matas, intrinsecamente ligadas à dimensão ambiental. Assim, percebemos que a devastação dos componentes naturais significa, do mesmo modo, a devastação cultural. “A alteração nas paisagens tem acarretado uma descaracterização natural ligada às alterações nas identidades e nos modos de vida da comunidade de quilombolas” (SILVA, 2011, p. 148).

A cultura quilombola que permanece nas danças apresentadas nas festas e eventos culturais também se constrói em alicerces da relação com a natureza local, “ao considerar a multiplicidade artística tão vasta quanto a biodiversidade” (OLIVEIRA, 2011, p. 48). Contudo, o cururu, o siriri, a dança de São Gonçalo e a dança do Congo, em muitos momentos festivos, são realizados por grupos de fora do quilombo, pois na região não há mais a tradição de formação e manutenção de alguns destes grupos. Parte das lideranças que buscavam a continuidade destas tradições já faleceu e seus familiares não tiveram o interesse em perpetuar estes hábitos, pois hoje é muito difícil viver somente do que se cultiva no quilombo, e a busca por emprego fora de Mata Cavaló é cada vez mais constante.

Desta forma, percebemos o quão é necessária a valorização da arte e da cultura no quilombo. A retomada de expressões artísticas que as danças típicas do quilombo conseguem legitimar é um legado imaterial que não pode se perder no tempo. Neste sentido, discutir sobre a manutenção desta identidade cultural no mapeamento foi muito importante. Esperamos que estes diálogos possam fecundar a retomada das danças legítimas das festas dos santos, que significam profundamente para a cultura desta comunidade.

Os grupos de Dança Afro ainda resistem e se fortalecem nos espaços culturais e escolares, mesmo em meio a dificuldades, tentam fortalecer suas identidades de resistência e têm conquistado oportunidades de se apresentar nas festas da comunidade e em alguns eventos desta região. Fortalecido pelo vínculo com o espaço escolar, o grupo de dança Hop Quilombola tem se destacado neste contexto cultural. Um dos princípios corroborados pela arte-educação-ambiental que propomos neste caminhar pesquisador, conforme Quadros (2013) busca o empoderamento e o fortalecimento dos grupos sociais por meio da valorização da

identidade e da arte locais, pressupondo e estimulando também novos desenhos, inclusive nas políticas públicas.

Particularmente as artes e as expressões artísticas no seio desta e de outras comunidades revelam facetas identitárias, trazendo em seus sons e textos (estéticas e poéticas) aspectos territoriais reveladores da sensibilidade de seus anônimos protagonistas (OLIVEIRA, 2011, p. 11).

A capoeira, muito lembrada pelo povo quilombola, acontecia no espaço escolar, por meio de um professor que lecionava às/aos jovens os movimentos corporais e a confecção do berimbau, com materiais recolhidos na natureza. Afirma Simões (2000-2002) que esta manifestação cultural, originária no Brasil colônia em regime escravocrata, se perpetuou enquanto movimento de resistência negra, por disseminar valores de uma *luta pela liberdade*.

Por algum tempo, foi suspensa a prática de capoeira na escola quilombola, pois o projeto que fornecia os recursos destinados ao pagamento do professor havia finalizado, e por conta da falta de investimento houve uma perda cultural relevante neste contexto de resistência negra. Contudo, na Feira de Artes que aconteceu no dia 14 de novembro de 2017, pudemos presenciar uma apresentação de capoeira com participação de alguns estudantes da escola quilombola, junto aos professores e capoeiristas veteranos, que foram convidados a participar. Tivemos notícia na ocasião que as aulas de capoeira voltaram a acontecer na escola há cerca de dois meses antes desta data. Presenciamos, então, uma bela apresentação, onde todas/os que a assistiam foram contagiados por este jogo de ritmo ancestral.

Assim como as demais expressões artísticas elencadas neste mapeamento, pudemos também observar que este território quilombola é rico em artesanatos diversos, muitos deles confeccionados a partir de elementos da natureza. Em conformidade com a concepção da arte popular, a vida social está presente e a criticidade também, pois, ao se posicionar com sua produção, os grupos sociais se organizam de modo diferente do que as camadas hegemônicas tentam impor como padrão de geração de renda. “Os objetos da arte popular suscitam reflexões e discussões acerca da relação do ser humano com o meio ambiente, com o mundo do trabalho, com questões de gênero, com o sagrado, com a lei e a justiça, dentre outros” (QUADROS, 2011, p. 56).

Contudo, por meio das narrativas da comunidade, tomamos conhecimento de que a venda dos produtos de artesanato quilombola acontece com maior frequência em algumas festas e nas poucas feiras anuais que acontecem no quilombo, pois no decorrer do ano boa parte do que é produzido por ali não tem espaço para ser comercializado. O espaço do barracão da associação também não possui infraestrutura que possa agregar algum grupo ou cooperativa de artesãs e artesãos, o que afasta a possibilidade da produção coletiva, fazendo com que as pessoas produzam suas peças artesanais individualmente, em suas casas.

Mas como ficam os sonhos que se sonha junto? Sonhamos sozinhos porque sonhos individuais são necessários até para desenhar sonhos coletivos. Sonhando coletivamente se está unido no/pelo sonho, inaugurando a fortaleza do sonho, um corpo sonhante, desejoso e carregado de esperanças. [...] É preciso examinar se os sonhos não estão sendo injustos e insustentáveis, ou seja, se não estão indo além do justo socioambientalmente, e se o que se sonha é e será realmente melhor para o planeta (QUADROS, 2013, p. 343).

A cultura popular que defendemos, e que está alicerçada nos hábitos ancestrais quilombolas, depende da terra como fonte de subsistência. Neste sentido, além da desarticulação do espaço para a produção de artesanato, este povo ainda sofre com a escassez ou extinção dos produtos da natureza como matéria-prima. Este território tem sofrido a degradação da natureza e o desflorestamento do cerrado praticado principalmente pelos garimpeiros e fazendeiros que estão na área requerida pelas/os quilombolas, afetando de maneira significativa a produção de artesanatos que dependem da vegetação nativa para obter os frutos, as flores, as sementes, as fibras vegetais e as palhas para produção de sua arte popular. Desta forma, temos observado que isto tem prejudicado diretamente a produção do artesanato local, que utiliza cada vez menos os elementos da natureza como matéria-prima de produção. De acordo com relatos da comunidade, o acesso a alguns frutos do cerrado está cada vez mais difícil, o que dificulta e até mesmo impossibilita a produção de artesanatos com certas fibras vegetais e sementes, e também a preparação de doces que poderiam ser comercializados para gerar renda à comunidade.

Sobre a união das/os quilombolas em Mato Grosso, afirmam Neves et al. (2011) que quando alguém tinha dificuldades (para plantio e colheita, por exemplo), a comunidade se organizava em muxirum, e em apenas um dia efetivava o trabalho

que demoraria muitos dias para ser executado. No que se refere à importância do trabalho coletivo, desvelamos a possibilidade do fortalecimento desta comunidade no sentido de pertencimento, alteridade e visibilidade, subsidiando valores contrários ao capitalismo e ao desenvolvimentismo. “Os trabalhos coletivos visam ao bem comum; dessa forma, opõem-se à cultura hegemônica” (SILVA; CAETANO, 2000, p. 160). Conforme os relatos atuais das/os quilombolas de Mata Cavalo, o muxirum está cada vez mais difícil de acontecer, pois a coletividade tem se perdido e o pensamento individualista acaba predominando neste território. Por isso é comum a evasão em busca de remuneração, para outras regiões.



#### 4.2.3 As Comidas Típicas de Mata Cavalo

Ainda se percebe, nesta comunidade, que os frutos que nascem destas terras são fortes características da culinária da região. As variedades da banana, por exemplo, que é a base da alimentação em Mata Cavalo, por meio da economia popular solidária de algumas associações, é matéria-prima da fabricação de farinha, doces, balas, bolos, salgados e diversos derivados, fazendo parte do cardápio diário e festivo das/os quilombolas. Da bananeira também se extraem as fibras do caule e as folhas para o artesanato.

Contudo, o mapeamento das comidas típicas revelou as perdas culturais que aconteceram, pois, algumas receitas da culinária deixaram de ser feitas no quilombo. O feitiço artesanal de certos bolos e biscoitos que eram muito apreciados nas festas de santas/os, deixaram de ser feitos ou não se fazem da mesma forma, coletivamente. Em tempos idos, o grupo se reunia para o preparo de tudo o que era servido gratuitamente nestas ocasiões, onde as receitas eram repassadas dos mais velhos aos membros mais jovens da família. Neste aspecto, Kawahara e Sato (2015) afirmam a importância da *aprendizagem transgeracional* que a comida das festas possibilita aos grupos sociais, no sentido de afirmar a importância dos valores transmitidos com o passar das gerações. Porém, dentre as mudanças que aconteceram com o tempo, até mesmo a realização das festas de santas/os, para o

pagamento de promessas, muitas vezes *herdadas* dos pais ou avós, tem deixado de acontecer. Hoje, parte da tradição se perdeu, junto com o cultivo de alguns vegetais que não são mais abundantes em terras quilombolas e assim deixam de ser os ingredientes que oferecem o sabor característico desta região.

Esta perda cultural também relaciona-se com a morosidade na regularização fundiária, que afeta a autonomia alimentar das famílias quilombolas de Mata Cavalo, uma vez que muitas ainda estão confinadas em pequenos espaços, aguardando a desapropriação para que possam ocupar o espaço definitivo que pertencia ao seus ancestrais (MOREIRA, 2017). Além disto, o cerceamento do direito de ir e vir afeta a coleta e os extrativismos de diversas espécies frutíferas do cerrado que estão na área dos fazendeiros, como, por exemplo: pequi, mangaba, cumbaru e cajuzinho-do-cerrado.

Dentre os alimentos que foram citados no mapeamento, os peixes foram muito pouco lembrados. Mesmo em uma região banhada por vários rios e córregos, pudemos perceber que quase não há mais a prática da pesca, mas houve relatos de que na associação Capim Verde foi instalado um criadouro de peixes. Neste sentido, Amorim (2017) afirma que muitas das águas que perpassam este território foram contaminadas com o mercúrio dos garimpos, impossibilitando que os peixes se multipliquem como nos tempos idos, em que a natureza não recebia este tipo de malefício. Por conta da contaminação dos rios, nota-se o crescimento da instalação dos poços artesianos por famílias de melhores condições financeiras, e que muitas vezes são construídos de forma irregular, podendo até mesmo ser inutilizados posteriormente.



#### 4.2.4 As Festas de Mata Cavalo

As festas no quilombo agregam uma série de manifestações culturais que já foram citadas acima, pois reúnem apresentações de danças, envolvem o preparo prévio de comidas típicas, geralmente nas casas das pessoas de referência na luta

quilombola, nos terreiros de Candomblé, nas casas de Umbanda ou em espaços de articulação, como as escolas e associações de moradoras/es.

As festas religiosas são uma simbiose de manifestações artísticas diversas: rezas, rituais, brincadeiras, danças, comidas típicas, bebidas e artesanatos, onde a cultura popular e a religiosidade se manifestam em suas multiplicidades. Brandão (1984b) afirma que as festas são *coisas vivas* diferente das peças de museus: são linguagens que denotam modos de sentir, pensar e *festar*.

A religiosidade tem um importante valor articulador da cultura popular. As festas de santas/os das famílias são geralmente realizadas em suas residências como pagamento de promessas ou por devoção familiar. As festas de santas/os *rurais* possuem características semelhantes: normalmente a motivação é a mesma, com algumas variações, onde o nome do dono da festa acaba identificando o próprio evento (LOUREIRO, 2006). Em Mata Cavalo, é comum ouvirmos dizer *feira de São Benedito, de seo Nezinho, ou feira de São Sebastião, de dona Estevina*, entre outros eventos que mapeamos dentre os mais significativos no quilombo.

As festas acontecem em homenagem às/aos santas/os, geralmente por pagamento de promessas. Em algumas localidades, contam com o hibridismo que incorpora elementos ritualísticos da Umbanda e/ou Candomblé em homenagem às/aos santas/os católicas/os. No dia da Consciência Negra, tem festa no terreiro de seo Nezinho e na escola quilombola, onde acontece uma Feira de Artes que reúne expressões culturais das/dos estudantes, professores e de toda a comunidade, com artesanatos, comidas típicas, danças e exposição de artefatos antigos do tempo dos escravos. No dia de Finados, reza-se no cemitério, em uma bela celebração de homenagem às/aos mortas/os.

A presença da arte nos ambientes festivos é pulsante: nos adereços das/os dançarinas/os, no andor da/o santa/o, no feitio das bandeirolas e adereços, no mastro, no estandarte, no altar, no trabalho artesanal de produzir os bolos e biscoitos manualmente, nos passos das danças, nas letras das músicas e nas rezas, que contam histórias ancestrais, e no colorido das pessoas que se propõem a participar de todos estes preparativos. Todo o ritual da reza, falada ou cantada, busca na força da coletividade a visibilidade do quilombo.

Percebemos então que as festas de santas/os no quilombo, assim como em outras comunidades rurais, desde os tempos do colonialismo, são também articuladoras da resistência com seus aspectos peculiares, pois legitimam a cultura

popular, perpetuam tradições e consolidam uma transgressão aos valores instituídos pela hegemonia da Igreja Católica. Conforme Brandão (1984b), a transposição dos elementos da Igreja ortodoxa para a roça com o catolicismo popular foi para as ruas, praças e periferias e finalmente para as áreas camponesas, enquanto novos e antigos elementos se entrecruzam para festejar a cultura popular.

Para a realização das festas, existe todo um ritual de procedimentos a ser cumprido. Antes de chegar à data festiva, há muito trabalho pela frente. Na maioria das vezes as festas de santas/os rurais seguem um roteiro semelhante, que primeiramente envolve a escolha das/os festeiras/os, geralmente no final da festa anterior. Em algumas festas acontece o cortejo para a arrecadação de donativos. É comum a montagem do mastro e do altar com elementos da natureza, como taquara e palha, que também são decorados com fitas coloridas e papel de seda. São convidados os músicos e as rezadeiras e cozinheiras, sendo que estas preparam as comidas com a ajuda de voluntárias/os da comunidade (LOUREIRO, 2006). Em Mata Cavallo, desde o plantio das iguarias que serão servidas na festa, e até mesmo a confecção da decoração e de todos os detalhes é planejada para garantir momentos de devoção e alegria à comunidade.

No dia da festa, após a saudação do altar do santo homenageado, geralmente acontece o levantamento do mastro, as danças típicas (como cururu e siriri), e o grande momento das rezas e ladainhas. A comida normalmente é cortesia da organização do evento. Somente depois vem o grande baile, sendo que o desmanche da festa acontece normalmente com um procedimento definido, que, entre outros, compreende a descida do mastro e o desmanche do altar (LOUREIRO, 2006). Estas festas de santas/os buscam trazer para a comunidade o fortalecimento da fé e legitimam as manifestações culturais.

Conforme os relatos da comunidade, o preparo das festas tem se modificado com o passar do tempo, e até mesmo as datas vêm sofrendo alterações. Com o falecimento das/os devotas/os mais antigas/os, as tradições das festas acabam se perdendo, como a ausência das danças típicas regionais, a venda de grande parte das refeições, a minimização da importância da reza ao santo padroeiro e outras modificações apontadas como desarticuladoras deste momento coletivo, que muitas vezes sobrepõe o lucro ao comprometimento da promessa herdada no seio familiar.

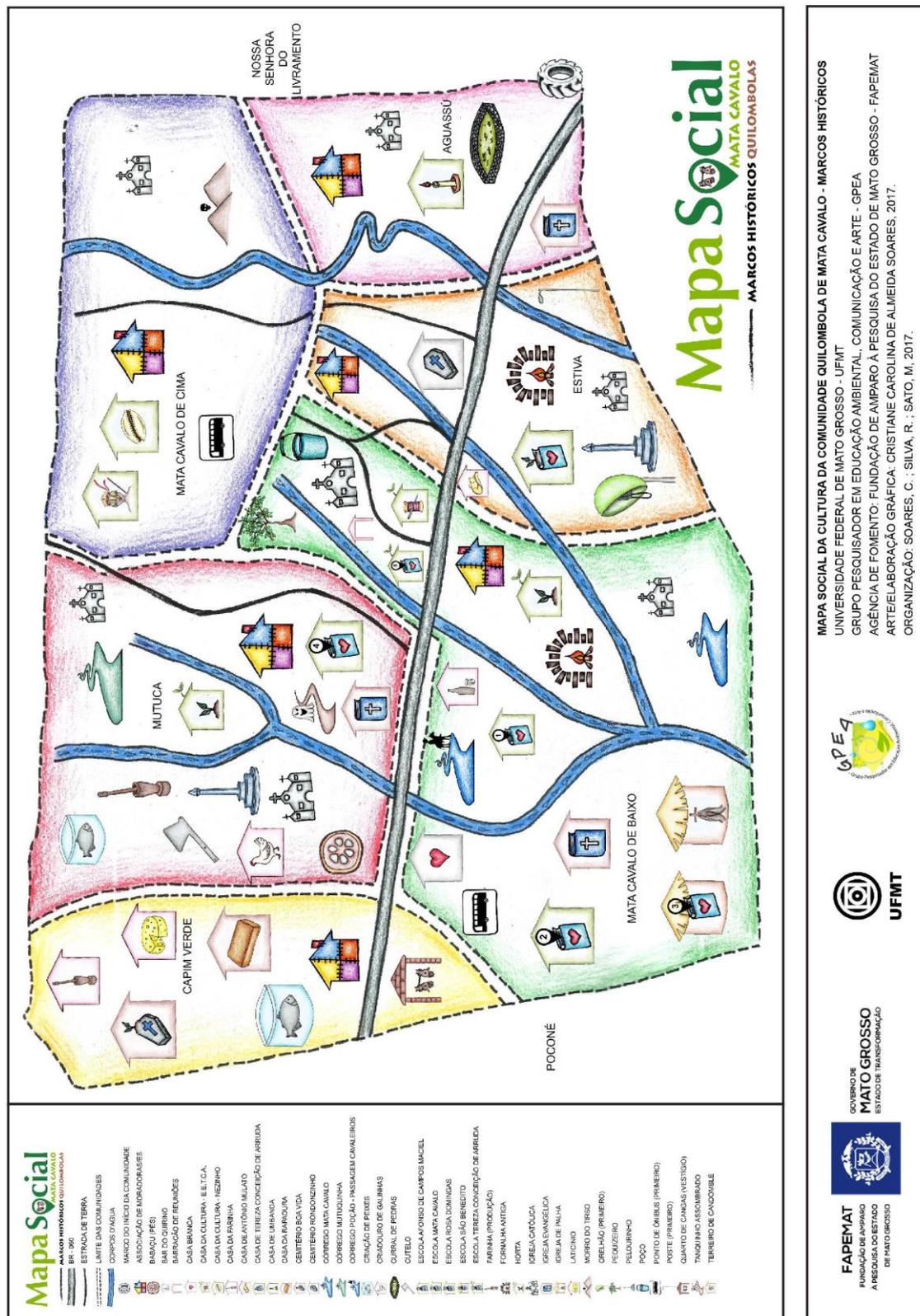
As novas gerações parecem ter perdido o vínculo com a religiosidade que movimentava os rituais festivos e a natureza local, por sua vez também prejudicada

pelas ações da devastação ambiental, não mais oferece o mesmo ciclo da vida, que orientava os plantios, as colheitas e as chuvas, responsáveis pelo cultivo natural dos alimentos. Neste sentido, é perceptível que a utilização de algumas festas de santo para arrecadar dinheiro reflete as poucas alternativas de geração de renda deste povo, que se sente prejudicado pela privação do acesso e usufruto de seu próprio território. Contudo, normalmente aquilo que é produzido e destinado para um lucro individual não tem a mesma força do trabalho coletivo. Neste sentido,

a identificação como quilombola está ligada à ancestralidade, à memória e ao percurso histórico da comunidade em que está inserido, identificam-se pelo direito coletivo e lutam pelo território ancestral para a continuidade de seus modos de vida (SILVA, 2011, p. 121).

A seguir, iremos apresentar os mapas confeccionados no desenvolver desta dissertação, e a descrição dos aspectos culturais mapeados no desenhar desta pesquisa. Iniciamos abaixo esta trajetória investigativa com os marcos históricos, posteriormente as expressões artísticas, seguindo para as comidas típicas e finalizando com as festas. Reiteramos que a apresentação dos mapas de forma separada não significa que são elementos quilombolas que atuam separadamente, mas que serão, neste momento, sistematizados para que ofereça maior visualização de suas particularidades que tem todo um sentido maior, quando intrinsecamente interligadas ao complexo contexto cultural e artístico de Mata Cavallo.

Figura 15 – Mapa social da cultura de Mata Cavallo – Marcos Históricos. Mato Grosso, 2017.



Fonte: Acervo da autora.  
Nota: Arte de Cristiane C. A. Soares (2017).

### 4.3 OS MARCOS HISTÓRICOS DE MATA CAVALO

O *Mapa Social da Cultura Quilombola de Mata Cavalo – Marcos Históricos* (Figura 15) refere-se aos marcos históricos que ainda guardam alguns vestígios dos tempos da escravidão. Foram considerados importantes na região por ter grande representatividade na luta quilombola. O mapa dos marcos históricos elaborado a partir das narrativas quilombolas, revela a importância da recordação trazida pela comunidade, onde a metodologia privilegiada por esta pesquisa (SILVA, 2011) trata de validar a herança cultural das histórias contadas que perpassam gerações, enfatizando o inestimável valor da coletividade, do pertencimento e da manutenção da identidade quilombola. Neste sentido, nos eximimos das comprovações oficiais e antropológicas já feitas neste território.

Conforme as autodenominações e autonarrativas da comunidade, neste cluster também foram mapeados os locais que tiveram e outros que ainda têm representatividade nas articulações do quilombo como as escolas, associações e outros que fortalecem a luta, bem como as casas de pessoas de referência, espaços culturais, religiosos e de trabalho e localidades que representam conquistas como transporte coletivo, infraestrutura e comunicação, além de marcos que representam a natureza do quilombo.

#### 4.3.1 Locais onde há vestígios da escravidão

##### 4.3.1.1 Casa Branca

De acordo com relatos da comunidade, há pouco tempo, a Casa Branca era habitada pela senhora Ana Paula, que faleceu em 2017 e foi uma das moradoras mais antigas da região. Antigamente, este local foi esconderijo de escravas/os fugidas/os. Ali era um local de *senhores*, mas as/os negras/os permaneciam ali para ser protegidas/os, não apanhar e não ser mortas/os. Encontra-se na associação Mata Cavalo de Baixo.

Este cemitério recebeu o nome da sesmaria que deu origem a Mata Cavalo. Conforme relata Manfrinate (2011), a expressão *boa vida* neste quilombo procurava manter uma falsa imagem de que ali as/os escravas/os eram bem tratadas/os. O relato abaixo, da entrevistada que alucinamos de *cururu*, representa bem a imagem

que se pretendia demonstrar deste lugar, que, assim como outros quilombos, eram repletos de todas as formas de violência.



**Cururu**  
Mapeamento com  
professora

A casa branca era dos senhores mas era utilizada pra refúgio. [...] Existiam também os senhores que eram contra. Revendo detalhes de algum filme, ou alguma novela, pode parecer contraditório [...] mas existiam alguns senhores que tratavam dos seus escravos [...] eles tinham alimentação, vestuário, eles tinham respeito, não gostavam que os capangas batessem nos escravos [...] por que os escravos de outras regiões gostavam daqueles senhores? Porque eles sabiam que os escravos de lá eram bem tratados. Então pode ser o caso da Casa Branca.

#### 4.3.1.2 Cemitério Boa Vida

Conforme as narrativas das/os quilombolas, o Cemitério Boa vida é o mais antigo de Mata Cavalu. Conhecido como *cemitério dos escravos*, localiza-se na associação Capim Verde, e atualmente se encontra trancado dentro de uma fazenda. Muitas pessoas da associação Mutuca foram enterradas lá. O cemitério Boa Vida é uma evidência histórica da invasão dos fazendeiros a terras quilombolas, o que muitas vezes impede que as/os moradoras/es da região tenham acesso a um precioso bem cultural desta comunidade.



**Congo**  
Mapeamento moradora  
da comunidade

Cemitério Boa Vida tem um monte de gente meu enterrado ali. [...] Eu sou a favor de que a gente conheça. [...] na fazenda da colônia do meu avô existia toda uma colônia de negros e tem até hoje lá ainda. Hoje a fazenda não tá na mão da família, mas tá bem em cima da divisa. E está hoje em terras quilombolas. Por isso que eu conheço, porque eu procurei estudar.

Conforme outros estudos e relatos da comunidade acerca deste local, o sofrimento das/os negras/os escravizadas/os perdurou em perseguições pelos fazendeiros. Mesmo após o fim da escravidão, até hoje este povo não conseguiu ter uma *boa vida* por conta do descaso do poder público e da expropriação dos fazendeiros da região. Moreira (2017) relata uma série de conflitos que provém de tempos coloniais e que até os dias de hoje provocam intensos prejuízos ambientais e culturais neste território.

#### *4.3.1.3 Cemitério Rondonzinho*

Localizado na associação Estiva, este cemitério é mais recente e também foi relacionado como um dos principais marcos históricos desta comunidade. Vale ressaltar que os cemitérios são bastante valorizados, e pudemos notar que ainda existe a tradição do Dia de finados (celebrado na data de 2 de novembro), onde as/os moradoras/es de Mata Cavalo realizam um ritual de homenagem às/aos mortas/os. Reúnem-se nos cemitérios, levam água, acendem velas e dedicam este dia aos familiares que já se foram. Barcelos (2011) relata que as relações entre as/os quilombolas falecidas/os e seus familiares permanecem e são reforçadas nas visitas aos cemitérios onde estas/es foram enterradas/os, em um profundo respeito à ancestralidade.

#### *4.3.1.4 Curral de Pedras*

Os membros mais antigos da comunidade relatam que, neste local, as/os escravas/os eram amarradas/os para ser torturadas/os. Até hoje, é cheio de vestígios da escravidão, pois ainda há troncos e argolas antigas, que prendiam as pernas e os braços das/os escravas/os. Encontra-se na associação Estiva.

#### *4.3.1.5 Cutelo*

Não há muitas narrativas a respeito deste artefato histórico, mas as/os poucas/os quilombolas que o conhecem sabem que era utilizado para torturar e matar escravas/os, realizando cortes na área do pescoço. Localiza-se na associação Mutuca, junto a outros artefatos de tortura bastante utilizados, quando havia muitas/os negras/os escravizados naquela região. Este artefato de tortura e de morte representa uma série de crueldades que foram praticadas contras as/os negras/os, e que, mesmo com todas estas evidências, ainda não adquiriram a posse definitiva de seu território ancestral.

Percebemos indignados, na falta de outra expressão mais adequada, que a história da cadeia dominial do imóvel da [antiga] Sesmaria Boa Vida, por si só constitui documento irrefutável na comprovação da

legitimidade da propriedade daquelas terras, e que por uma grande ironia ainda hoje não foi efetivada (BARCELOS, 2011, p. 171).

#### 4.3.1.6 Fornalha antiga

De acordo com relatos das/os quilombolas, este artefato localiza-se na associação Mata Cavallo de Baixo, e ainda possui vestígios na região. As/os escravos a utilizavam para trabalhar para seus senhores, na queima de objetos utilitários moldados em barro. De acordo com as pesquisas de Barcelos (2011) a fornalha, entre outros artefatos e locais de trabalho, registra a predominância da agro manufatura no local, a partir do ano de 1790.

#### 4.3.1.7 Morro do Tirso

É um local bastante citado pela comunidade: simboliza muito sofrimento, por isso é *mal-assombrado*, com relatos de aparições de entidades misteriosas, como o *homem de fogo*. Em Mata Cavallo de Cima, o Morro do Tirso é lembrado como um dos locais marcados pela crueldade do regime escravocrata, pois, além dos artefatos de tortura das/os escravas/os, nos períodos de seca, conforme afirma *Novena* é possível ver os vestígios das ossadas provenientes dos cadáveres daquelas/es que morreram no local.



**Novena**

Entrevista moradora da comunidade

Aqui tem um lugar, que vai na estrada que vai pra Mata Cavallo de Cima, [...] lá é uma baía, um poço, que tem um pilar no meio. Lá tem corrente, tudo de quando eles amarravam os escravos. Lá quando é tempo da seca, [...] você vê aquele monte de osso, de todo tamanho, de criança...em agosto a gente vê tudo, naquele pilar tem corrente, tinha gente enganchada no pilar, amarrado no pilar lá. [...] aí teve uma vez nós fomos, o padre de Livramento queria ir lá. Ninguém teve coragem de ir lá com o padre [...] É a coisa mais triste de ver, o que faziam com os escravos ali. A malvadeza que eles faziam, matavam, lá tem cabeça, tem braços, no lugar onde tá jogado seca, o poço seca, aí se você chega no barranco, você vê [...] da dó de ver. Cabecinha de nenezinho, [...] lá dentro do buraco, matavam e jogavam lá.

Sobre o abuso do poder público, que muitas vezes pretende esconder esta evidência do tempo das/os escravas/os:



**Novena**  
Entrevista moradorada  
comunidade

Teve tempo que o prefeito queria mandar enterrar, pra sumir, porque o povo tava indo muito lá, pra tirar foto, fazer estudo. [...] Tão querendo entupir o buraco que tá a fatura dos escravos, lá no Mata Cavallo. [...] Esse aí ficou de lembrança de nosso povo [...] Esses novos que tão vindo agora, tá estudando a respeito de Mata Cavallo e reconhecer como que foi a malvadeza [...].

Além destes, outros marcos históricos de Mata Cavallo foram destruídos pelos fazendeiros e outros grupos hegemônicos, que até hoje pretendem aniquilar as provas de que estas áreas são de direito das/os quilombolas (MANFRINATE, 2011; MOREIRA, 2017). Contudo, sabemos da necessidade da conservação, tanto dos vestígios materiais, quanto das narrativas que simbolicamente refletem os saberes que são contados nos *causos populares* (BRANDÃO, 1985b).

#### 4.3.1.8 Pelourinho

Localizado na associação Mutuca, é onde se localizam alguns artefatos do tempo das/os escravas/os. Ali se encontra o cutelo e outros apetrechos de tortura e de morte que legitimam as narrativas quilombolas de Mata Cavallo.

#### 4.3.1.9 Quarto de Cangas

A comunidade descreve este local como uma espécie de senzala, onde há as camas feitas de pedra canga. Encontra-se na associação Capim Verde e possui vestígios de um passado de escravidão e maus tratos das/os negros.

#### 4.3.1.10 Tanquinho assombrado

Localizado na associação Mutuca, neste local já houve muita tortura e sofrimento. A comunidade relata que ali surgem *assombrações*, com a aparição dos espíritos de pessoas que morreram ali.



**Reza cantada**  
Mapeamento  
moradora da  
comunidade

O pessoal chama de passagem feia, aí eu fiquei intrigada...por que passagem feia? Achei que fosse porque era difícil passar. Porque era uma ninha, aí era difícil de passar [...] Na estrada da Mutuca, bem na baixada, na descida [...] a mulher que aparecia [...] lá onde ninguém consegue morar.

#### 4.3.2 Casa das pessoas de referência na luta quilombola

##### 4.3.2.1 Casa de Antônio Mulato

O ancião mais antigo de Mata Cavallo (Figura 16) mora na associação Ponte da Estiva. Com seus 112 anos, ainda lembra-se de muitas histórias de luta e sofrimento nesta comunidade. Segundo seus próprios relatos, reivindicou melhores condições de trabalho e se mobilizou para que as/os quilombolas tivessem acesso ao ensino escolarizado. Em muitos momentos foi vítima de racismo, violência e expropriação, porém continua resistindo com suas histórias que ajudam a construir o patrimônio cultural deste quilombo. É pai de dona Tereza Conceição de Arruda, outra importante liderança, já falecida.

Figura 16 – Antônio Mulato, o ancião mais velho de Mata Cavallo. Associação Mata Cavallo de Baixo, Quilombo de Mata Cavallo, 2017.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Créditos da imagem de Cristiane C. A. Soares (2017).

#### 4.3.2.2 Casa de Tereza Conceição de Arruda

Localiza-se na associação Ponte da Estiva. Segundo os relatos das/os familiares, neste local aconteceram as primeiras mobilizações do ensino escolarizado em Mata Cavalo, além de muitas reuniões, rezas e confraternizações. Dona Tereza Conceição de Arruda (Figura 17), filha de Antônio Mulato, foi a primeira professora do quilombo. Desde muito jovem, lutou pela educação escolarizada, dando aulas para as crianças no quintal de sua casa. Foi uma importante liderança feminina, na cultura e na educação quilombola. “Dona Tereza é importante não só pela afirmação de gênero, mas também pela afirmação da identidade e a conquista da territorialidade como quilombola que luta pelo seu direito de herança e pela conservação de sua cultura” (MANFRINATE, 2011, p. 95). A única escola que o quilombo possui atualmente recebeu seu nome como homenagem, mas infelizmente dona Tereza já havia falecido no momento em que a escola foi inaugurada.

Figura 17 – A professora Tereza Conceição de Arruda. Quilombo de Mata Cavalo, ano desconhecido.



Fonte: Acervo da comunidade.

### 4.3.3 Escolas e espaços de articulação da luta quilombola

#### 4.3.3.1 Sedes das associações de moradoras/es

Em cada uma das associações que compõem o quilombo Mata Cavallo acontecem as reuniões, que debatem questões sociais, políticas e também as datas das festas quilombolas. Em Mata Cavallo de Baixo, estas reuniões acontecem na escola. Conforme Senra (2009), em muitos momentos da história, o espaço escolarizado tem um papel articulador na luta e na resistência deste povo.

#### 4.3.3.2 Barracão da associação Mata Cavallo de Baixo

Inicialmente destinada a sediar reuniões, feiras e festas da associação Mata Cavallo de Baixo, este espaço não está sendo utilizado por falta de infraestrutura. Não há energia elétrica nem água encanada (torneiras), o local é aberto (Figura 18) e o calor excessivo dificulta sua utilização para cursos e eventos. Por conta disso, atualmente as reuniões desta associação acontecem na escola. Conforme Moreira (2017) a construção precária da sede desta associação se dá pelo descaso do poder público em atender às reivindicações deste povo. Há relatos de que a falta de espaço adequado interfere no andamento das atividades da associação, visto que as instalações da escola nem sempre estão disponíveis para as práticas da comunidade.



#### **Novena**

Entrevista moradora da comunidade

Aquele barracão tiraram a tabua dele, ficou tudo aberto. Nós fizemos o curso de sabão lá, teve que fazer no aberto, no sol quente, e aí foram falar por causa da água, porque a água tava pouco, que não podia ficar puxando a água direto, aí a moça não veio mais, o hambúrguer do peixe também, que veio, não deu mais de continuar porque tavam renegando água, aí acabou o curso.

Figura 18 – Barracão da associação de Mata Cavallo de Baixo. Associação Mata Cavallo de Baixo, Quilombo de Mata Cavallo, 2017.



Fonte: Acervo da autora.

Nota: Créditos da imagem de Cristiane C. A. Soares (2017).

#### 4.3.3.3 Escola Mata Cavallo - 1944

No ano de 1944 foi fundada a primeira escola de Mata Cavallo, na associação Mata Cavallo de Baixo, em resposta às reivindicações de uma das lideranças da comunidade, que se preocupava com o futuro de suas/seus filhas/os e gostaria que elas/es estudassem. Foram tempos difíceis, onde o preconceito e a violência imperavam naquela região, e tentaram impedir as crianças negras de estudar naquela escola:

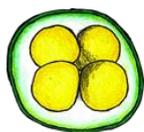


**Feijoada**  
Entrevista com  
morador da  
comunidade

[...] quando deu um mês [...] meu filho chegou em casa. Você não brigou lá, porque não teve escola pra você? Não, não briguei. Porque você não estudou? A professora mandou eu ir embora. Montei no cavalo e fui lá [...] o que foi que meus filhos não têm escola pra eles? É a professora que sabe [...] Agora essa escola com esse monte de criança [...] ela e eu, botou no papel [...] não tinha nenhum preto no papel. Eu falei, eu sendo dono da escola, a senhora quer tirar meus filhos, hoje mesmo eu vou dar parte pro prefeito que a senhora tá escolhendo [...] aí reuniram os pretos de novo.

#### 4.3.3.4 Escola Afonso de Campos Maciel - 1983

Nomeada com a alcunha de um fazendeiro, esta escola foi fundada no ano de 1983, na associação Mata Cavallo de Baixo, contando com professoras que, na maioria, vinham de Nossa Senhora do Livramento. Com muito sacrifício, o ensino escolarizado foi sendo instaurado na comunidade, com a ajuda das/dos que tinham poucos recursos e boa vontade.



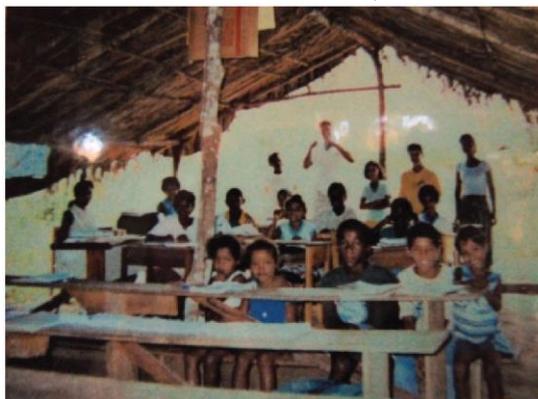
**Pequi**  
Entrevista com  
moradora da  
comunidade

Mas eu sofri, menina, vou falar procê. Eu dava aula debaixo do barraco de palha, eu que era merendeira, eu que era limpadeira, tudo. Aí com o passar do tempo, cresceu o movimento, entendeu? Aí fizeram um barracão de palha aqui, eu dava aula. Vinha de lá pra dar aula aqui.

#### 4.3.3.5 Escola Estadual São Benedito - 1996

Conhecida na comunidade como a *escola de palha* (Figura 19), foi fundada em 1996 na associação Mata Cavallo de Baixo, culminando com a diáspora das/os quilombolas ao seu território de origem. Este espaço escolarizado foi fundamental nas articulações políticas daquele período, sendo também um espaço de resistência, que fortaleceu o ensino escolarizado da região (SILVA, 2011). “Mesmo a Escola São Benedito sendo feita de palha, ela representa a força e a identidade daquelas pessoas, como forma de resistência e luta” (SENRA, 2009, p. 116).

Figura 19 – Escola Estadual São Benedito. Associação Mata Cavallo de Baixo, Quilombo de Mata Cavallo, 2009.

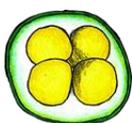


Fonte: Acervo da comunidade e do GPEA-UFMT.

Nota: Créditos da imagem do arquivo da comunidade e Ronaldo Senra (2009).

#### 4.3.3.6 Escola Rosa Domingas – 2002

Instalada na Mutuca no ano de 2002, com muitas dificuldades, esta escola deu continuidade à resistência do ensino escolarizado em Mata Cavallo, e seu nome representa uma das lideranças desta associação. “Na Comunidade de Mutuca a família da Rosa Domingas foi uma das poucas que resistiram as inúmeras invasões e ameaças de fazendeiros e jagunços” (SENRA, 2009, p. 20). Junto a este espaço escolar, há um barracão de reuniões, também destinado à produção de artesanato (Figura 20). Atualmente o espaço da escola abriga as reuniões e cursos que acontecem na Mutuca.



**Pequi**  
Entrevista  
moradora da  
comunidade

Lá a estrutura era melhor, já não fazia mais merenda, já não limpava mais chão, pra mim melhorou um pouco. Mas quando antes, meu Deus, dava aula aqui, morava ali, eu e minha filha [...] meu marido que fazia merenda pra nós, sem ganhar nada. Porque tinha bastante criança [...] ai ele que fazia merenda, todos os dias.

Figura 20 – Escola Estadual Rosa Domingas e barracão da associação Mutuca. Associação Mutuca, Quilombo de Mata Cavallo, 2009 e 2016.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Créditos da imagem de Ronaldo Senra (2009) e Giseli Dalla Nora (2016).

#### 4.3.3.7 Escola Tereza Conceição de Arruda - 2012

Recentemente fundada no ano de 2012 na associação Mata Cavallo de Baixo, atualmente é a única escola deste quilombo (Figura 21), onde as reuniões da associação acontecem. É o local das festas, feiras culturais, apresentações de dança, oficinas de artes, artesanato e de beneficiamento de alimento, formações

políticas, pedagógicas e profissionalizantes. Tem papel fundamental na articulação e na resistência da comunidade e recebeu este nome em homenagem a uma das mais importantes lideranças do quilombo.

Figura 21 – Escola Estadual Tereza Conceição de Arruda. Associação Mata Cavallo de Baixo, Quilombo de Mata Cavallo, 2017.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Créditos da imagem de Cristiane C. A. Soares (2017).

#### 4.3.4 Espaços da cultura e do trabalho no quilombo

##### 4.3.4.1 Casa da Cultura Quilombola de Mata Cavallo

A Casa da Cultura (Figura 22) foi inaugurada em 2015, dentro do espaço da Escola Estadual Tereza Conceição de Arruda, na associação Mata Cavallo de Baixo, construída em parceria entre a comunidade do quilombo junto ao GPEA e com financiamento do *World Wide Fund for Nature* (WWF). Foi uma das ações desenvolvidas pelo projeto Escolas Sustentáveis, edificada da forma como as casas das/os escravas/os se constituíam antigamente: chão batido de cupim, paredes de adobe, e como uma casa-museu, conta com artefatos de trabalho antigos, artesanatos e fotos que representam parte da história do quilombo. Com uma cisterna que recolhe a água da chuva para manter seu telhado verde, esta casa busca a sustentabilidade e a valorização dos aspectos culturais de Mata Cavallo (SILVA, 2015).

Figura 22 – Casa da Cultura Quilombola de Mata Cavallo. Associação Mata Cavallo de Baixo, Quilombo de Mata Cavallo, 2017.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Créditos da imagem de Cristiane C. A. Soares (2017).

#### 4.3.4.2 Casa da Cultura de Mata Cavallo de Cima

Localizada na associação Mata Cavallo de Cima, este espaço cultural traz muitos elementos quilombolas, especialmente com relação à religiosidade das matrizes africanas, pois está junto a um terreiro de Candomblé bastante conhecido em toda esta região, liderado por Seo Nezinho.

#### 4.3.4.3 Casa da Farinha

Encontra-se na associação Mutuca um local onde se produz a farinha artesanal, não mais como era feita antigamente pelas/os quilombolas, mas que ajuda a manter o costume de consumir este produto e gerar renda. Atualmente a produção não acontece, pois falta uma *farinheira* para a fabricação da farinha.

#### 4.3.4.4 Casa da Rapadura

Neste local, se produz o melado da cana e todo o processo que envolve a produção das rapaduras, em pequena escala. Localiza-se no Capim Verde.

#### *4.3.4.5 Criação de Peixes*

Alguns tanques de criação de peixes foram localizados na associação Capim Verde. Conforme explicitamos anteriormente, a poluição dos rios e córregos da região interfere diretamente nos hábitos de consumo e de cultura das/os quilombolas, surgindo a necessidade da criação de peixes nestes espaços artificiais.

#### *4.3.4.6 Criadouro de galinhas*

De acordo com as autonarrativas, na associação Mutuca há um criadouro de galinhas, mas não foi citado se este é de propriedade particular ou se pertence à subsistência coletiva desta associação.

#### *4.3.4.7 Horta*

Estes espaços de cultivo de hortaliças e verduras estão presentes nas associações Mutuca e em Mata Cavalo de Cima (dentro da Escola Estadual Tereza Conceição Arruda). A horta da escola está sendo reconstruída, pois padeceu com a falta d'água na região. Destinam-se à produção em pequena escala e acabam por não conseguir atender toda a demanda interna de Mata Cavalo, restringindo-se a pequenas vendas nas circunvizinhanças.

#### *4.3.4.8 Laticínio*

Este local encontra-se no Capim Verde. Algumas pessoas relatam que o laticínio não está mais em funcionamento, por falta de infraestrutura do imóvel. Neste local, existia a intenção da produção, porém não há estrutura e nem incentivo financeiro para que este projeto possa ser colocado em prática. Este e outros locais relacionados à economia popular solidária da região, presentes nesta mesma associação, são a esperança de gerar renda à comunidade. Contudo, a falta de estrutura destes locais impede que isto aconteça.

#### 4.3.5 Espaços religiosos

##### 4.3.5.1 *Casa de Umbanda*

Durante os momentos de diálogos, entrevistas e mapeamento, só foi possível identificar a localização da Casa de Umbanda Nossa Senhora Aparecida, que se situa na associação Aguassú. Conforme Andrade Júnior (2013), a umbanda abarca os ritos das culturas indígena e afrodescendente, com alguns elementos do catolicismo e do kardecismo, sendo discriminada desde suas primeiras manifestações. Percebemos, então, que, apesar de o quilombo ser um território do hibridismo de várias religiões, alguns membros da comunidade se intimidam em dizer até mesmo onde ficam as Casas de Umbanda e Candomblé de Mata Cavallo.

##### 4.3.5.2 *Igreja Católica*

Conforme Brandão (1985b), as comunidades rurais se distanciaram dos preceitos do catolicismo ortodoxo e se consolidaram culturalmente no catolicismo popular. As tradições das rezas católicas populares em Mata Cavallo foram apontadas pela comunidade com muita força, por meio de novenas, cenáculos, rezas cantadas, missas e festas de santas/os católicas/os. Ao reunir as informações desta pesquisa, localizamos Igrejas Católicas que se encontram nas associações Mata Cavallo de Baixo, Mata Cavallo de Cima, Ponte da Estiva, Aguassú e Mutuca.

##### 4.3.5.3 *Igreja de palha*

Localiza-se na associação Mata Cavallo de Baixo e foi uma das primeiras igrejas católicas de Mata Cavallo. É bastante lembrada pela comunidade. Provavelmente funcionou no mesmo local denominado como *escola de palha*: a Escola São Benedito.

##### 4.3.5.4 *Igreja Evangélica*

Há Igrejas Evangélicas Nas associações Mutuca, Mata Cavallo de Baixo e Aguassú. Existem alguns conflitos entre as/os adeptas/os mais fervorosas/os desta

religião e os membros da comunidade, que buscam a manutenção cultural das raízes africanas.

#### 4.3.5.5 *Terreiro de Candomblé*

Situado em Mata Cavallo de Cima, o terreiro de Candomblé mais conhecido da região é liderado por seo Nezinho, o presidente desta associação, que organiza manifestações culturais afrodescendentes há muitos anos no quilombo. Conforme Belém e Sato (2011), o Candomblé estabelece relação de respeito com a natureza, por meio do culto aos orixás, em que a educação ambiental se faz presente. Negar esta expressão da religiosidade quilombola é negar parte da cultura deste povo.

A mitologia dos Orixás distancia-se da mitologia cristã, pois as divindades estão num território natural e próximo aos humanos, ainda que esse espaço seja correspondente ao “céu”. [...] O diálogo entre os devotos e os deuses ocorre, primeiramente, pela afinidade da ancestralidade e a descendência (BELÉM; SATO, 2011, p. 346).

#### 4.3.6 Elementos da Natureza

##### 4.3.6.1 *Córrego Mata Cavallo*

Nos córregos desta região, nascem histórias da vida e da luta deste povo. Este local, conhecido pela comunidade como *Passagem dos Cavaleiros*, situa-se na associação Mata Cavallo de Baixo. Ali, havia uma ponte, onde se faziam as travessias. Acredita-se que ali surgiu o nome Mata Cavallo. Conforme Moreira (2017) e Amorim (2017), este córrego, assim como outros mapeados, sofreu as consequências da poluição ambiental causada pelos garimpos, e a população tem seu abastecimento de água comprometido.



**Benzedeira**  
Mapeamento Moradora  
da comunidade

E tem a passagem onde morreram os cavaleiros e os cavalos que é aqui no poção, pra baixo dele que é a passagem. [...] aqui, onde tem a lenda do Mata Cavallo, porque ficou esse nome Mata Cavallo. Antigamente a estrada passava por lá, que era uma ponte, a ponte caiu. Vocês sabem por que é esse nome, Mata Cavallo? Porque os cavaleiros caíram, a ponte encheu e daí foi na enxurrada muitos cavalos.

#### 4.3.6.2 *Córrego do Poção*

Ainda na região da associação Mata Cavallo de Baixo se localiza bem na beira da estrada, junto ao Córrego Mata Cavallo, muito importante para a manutenção dos modos de vida no quilombo. Amorim (2017) afirma que os poços artificiais estão tomando o lugar dos córregos, e assim as percepções e valores têm se perdido, pois a água carrega uma simbologia própria e reflete toda uma história neste contexto de luta.

#### 4.3.6.3 *Córrego Mutuquinha*

Assim como outros córregos da região, encontra-se comprometido pelas ações dos garimpos e do desmatamento (AMORIM, 2017). Este se encontra na associação Mutuca.

#### 4.3.6.4 *Pés de babaçu*

Os pés de babaçu, que ainda estão presentes na associação Mutuca, foram considerados marcos históricos dentro da comunidade, por se tratar de uma espécie vegetal praticamente inexistente em outras áreas do quilombo, que poderiam oferecer produtos para a região. Conforme descreve Manfrinate (2011), além do uso e beneficiamento de seus frutos, a palha do babaçu também fornece uma cobertura espessa e resistente que serve para ser utilizada como telhado das casas do quilombo. Contudo, a extinção desta variedade vegetal tem dificultado a produção de artesanato com suas fibras, e a dificuldade em colher seus frutos também interfere nos aspectos que envolvem a alimentação típica desta região.

#### 4.3.6.5 *Pequizeiro*

Logo no início das mobilizações políticas de Mata Cavallo não havia sedes de associações para as/os quilombolas se reunirem. De acordo com os relatos da comunidade, há um pequizeiro entre as associações Mata Cavallo de Cima e Mata Cavallo de Baixo, onde as pessoas se reuniam nos momentos de decisões, discussões e acordos coletivos, para fortalecer a resistência deste povo. O

pequizeiro que um dia ofereceu sombra e abrigo para as primeiras articulações políticas e reuniões no quilombo continua a florescer e dar frutos neste território ancestral. Ainda que hoje represente um marco de localização geográfica em meio a tantos outros que se interligam, suas raízes conquistaram o respeito da comunidade, sendo uma referência histórica que alimentará as novas gerações.



**Banana**  
Mapeamento com  
mulher estudante

O pequizeiro é o lugar onde o povo se juntava pra fazer as reuniões. Bem no começo não tinha nada. Aí usava o pé do pequizeiro pra sentar e fazer as reuniões antigamente.

#### 4.3.6.6 Poço

Mapeado como uma das principais fontes de água de Mata Cavallo, este é o poço artesiano comunitário (Figura 23) que se localiza na associação Mata Cavallo de Baixo. Apesar de esta região ser banhada por alguns córregos, o abastecimento de água e o saneamento básico são bastante ineficientes, como consequência da poluição dos rios e córregos e pelo processo de exclusão pelo poder público. Conforme Amorim (2017), a falta d'água na comunidade interfere diretamente nas atividades domésticas, no trabalho e até mesmo no bom andamento da rotina escolar.

Figura 23 – Poço artesiano da comunidade de Mata Cavallo. Associação Mata Cavallo de Baixo, Quilombo de Mata Cavallo, 2017.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Créditos da imagem de Cristiane C. A. Soares (2017).

#### 4.3.7 Marcos na comunicação e transporte da comunidade

##### *4.3.7.1 Pontos de ônibus*

As narrativas da comunidade permitiram que fossem sinalizados neste mapeamento os primeiros pontos de ônibus que surgiram neste quilombo, localizado nas proximidades da associação Mata Cavalo de Cima. Para as/os quilombolas, são conquistas da comunidade que merecem ser lembradas como marcos históricos, devido ao contexto de exclusão em que se encontram há tantos anos.

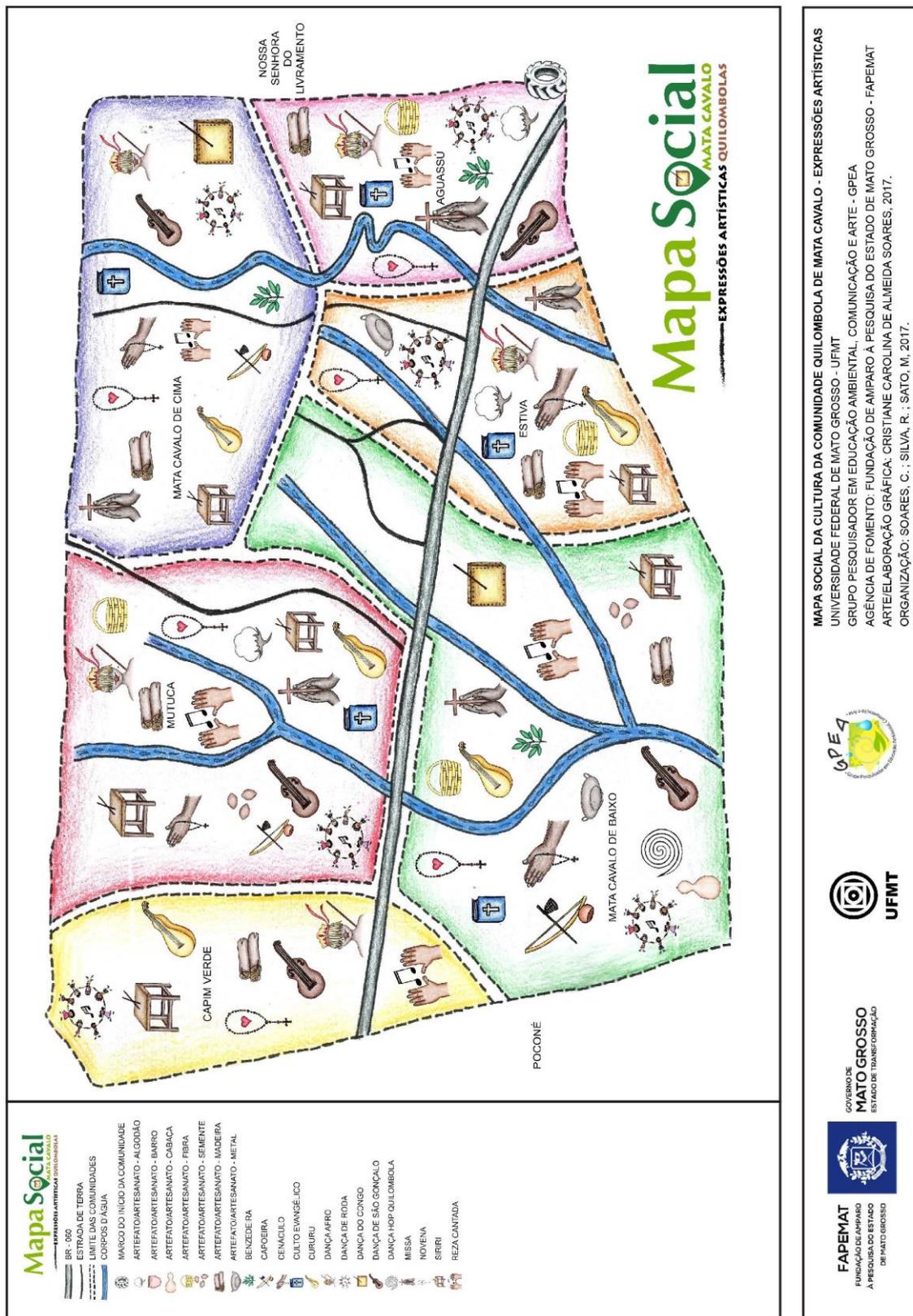
##### *4.3.7.2 Primeiro orelhão (telefone público)*

Mais um marco histórico que é narrado pela comunidade com grande apreço, por representar uma conquista muito importante para a comunicação desta região. O primeiro orelhão de Mata Cavalo foi instalado na associação Ponte da Estiva, em frente à casa de dona Tereza Conceição de Arruda, uma das grandes lideranças da comunidade.

##### *4.3.7.3 Primeiro poste de luz*

Em uma localidade que sofre pelo descaso do poder público e anseia por infraestrutura, a instalação do primeiro poste de luz representa uma conquista, um marco histórico para esta comunidade. Foi instalado na associação Ponte da Estiva.

Figura 24 – Mapa social da cultura de Mata Cavallo – Expressões Artísticas



Fonte: Acervo da autora.  
Nota: Arte de Cristiane C. A. Soares (2017).

## 4.4 AS EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DE MATA CAVALO

O *Mapa Social da Cultura Quilombola de Mata Cavalo – Expressões Artísticas* (Figura 24) refere-se, conforme as autonarrativas quilombolas de Mata Cavalo, aos artesanatos produzidos pelo povo do quilombo, o jogo da capoeira, as danças da tradição local, a espiritualidade e a fé das rezas feitas desde o tempo das/os escravas/os até os dias atuais. Neste cluster, especificamente, se solidifica a importância da abordagem da arte-educação-ambiental no quilombo, tanto como formas de resistir neste contexto de exclusão e preconceitos quanto na manifestação das belezas da arte, que potencializam características culturais e artísticas próprias deste território ancestral, que tanto anseia por visibilidade e reconhecimento.

### 4.4.1 Religiosidade

Este aspecto permeia por toda a cultura de Mata Cavalo, pois está presente nas festas, nas danças, no feitiço da comida, nos contos, na agricultura e por todos os conhecimentos populares quilombolas.

#### 4.4.1.1 Benzeção

Por ser uma tradição cultural muito forte, as/os quilombolas ressaltam que este aprendizado espiritual deveria ser repassado das/os mais velhas/os aos mais jovens da comunidade. A prática de benzer vem se tornando cada vez mais rara em Mata Cavalo, atualmente nas associações Mata Cavalo de Baixo, Mata Cavalo de Cima e Aguassú. Há tempos atrás era muito comum a benzeção, para curar diversos tipos de males espirituais e físicos, em um território distante dos recursos médicos e hospitalares.

A figura do benzedor é marcante nas estruturas sociais desta comunidade revelando uma reconfiguração das práticas do catolicismo, herança do Brasil Colonial, da sabedoria indígena e da necessidade de assistência aos males do corpo e da mente em regiões pouco assistidas pelo serviço de saúde pública institucional (BARCELOS, 2011, p. 137).

#### 4.4.1.2 *Cenáculo*

De acordo com as autonarrativas da comunidade, o cenáculo é a reza do rosário em dias e locais diferenciados, se comparados com a sequência de orações realizadas na novena (nove dias consecutivos, no mesmo local). Esta prática está presente nas associações Mata Cavalo de Baixo, Mata Cavalo de Cima, Ponte da Estiva e Mutuca e tem se tornado cada vez menos frequente entre as manifestações religiosas da comunidade, pois a maioria das pessoas mais jovens não sabe dar continuidade a esta tradição.

#### 4.4.1.3 *Missas*

As missas são realizadas nas Igrejas Católicas das associações Mata Cavalo de Baixo, Mata Cavalo de Cima, Ponte da Estiva, Aguassú e Mutuca. Com o crescimento da religião evangélica no quilombo, a frequência das pessoas da comunidade nestas igrejas tem diminuído, e a participação das/os quilombolas no acompanhamento das missas tem se reduzido.

#### 4.4.1.4 *Novena*

As novenas, que são rezadas sempre por um período de nove dias, acontecem nas associações Mata Cavalo de Baixo, Mata Cavalo de Cima, Ponte da Estiva, Capim Verde, Aguassú e Mutuca. A perda desta tradição religiosa de Mata Cavalo tem acontecido gradativamente. As senhoras mais antigas, que valorizam e creem na religião católica, relatam que as/os mais jovens não sabem *puxar o terço* e a tradição da novena nas casas do quilombo tem se comprometido.



**Capoeira**  
Entrevista com  
professora

Tinha muito costume de fazer novena aqui, eu ia muito. [...] antes tinha mais católicos, né? Agora a comunidade evangélica cresceu muito. [...] Eu não sei puxar o terço. Ave-Maria a gente sabe, porque a gente escuta. Minha avó brigava com a minha mãe: olha como que você deixa sua filha não saber nada. Minha avó era aquela católica fervorosa e sempre dizia: obrigada São Benedito, obrigada Nossa Senhora. Ela tinha altar de santo, colocava café para o santo, não podia brincar na sala do santo.

#### 4.4.1.5 Reza cantada

Esta prática é um cântico de fé que está presente em muitas das festas de Mata Cavalo. Acontecem nas associações Mata Cavalo de Baixo, Mata Cavalo de Cima, Ponte da Estiva, Aguassú, Capim Verde e Mutuca. Contudo, esta manifestação cultural, entre outras relacionadas à religiosidade, tende a desaparecer, pois ela já não acontece mais em algumas festas e somente os membros mais antigos da comunidade sabem *tirar* a reza cantada.



Congo

Eu diria que não seja só a dificuldade de fazer as festas. É que se tá perdendo a identidade porque os jovens de hoje já não têm mais essa devoção com os santos que tinha antigamente. Como a reza cantada, hoje já poucas pessoas sabe tirar a reza cantada, que faz parte desse processo de festa de santo.

#### 4.4.2 Artesanatos

A presença da produção de artesanato na comunidade de Mata Cavalo foi sinalizada nas associações Mata Cavalo de Baixo, Mata Cavalo de Cima, Ponte da Estiva, Aguassú e Mutuca. Os produtos artesanais relacionam diretamente a cultura e a natureza desta região e, deste modo, é necessário valorizar as mãos que constroem estas artes e os elementos que os constituem enquanto matéria-prima.

Conforme Quadros (2011), o artista popular, por meio da educação e da cultura popular, já sabe sem ter aprendido na escola, pois aprende nas experiências da vida e na resolução de seus problemas cotidianos. Seus mestres foram os seus pares, pais, mães, amigos/os e membros da comunidade. Assim, a arte popular carrega a resistência em seus formatos, cores e modos de produção, por se oporem aos sistemas econômicos hegemônicos.

Se a educação é dimensão cultural, então a escolha pela artesanaria da\na formação dos seres humanos é uma boa escolha sem saudosismos, sem nostalgias.... Uma livre e feliz escolha! (QUADROS, 2013, p. 64).

Contudo, a ausência da matéria-prima proveniente de prejuízos no ecossistema interfere diretamente na produção artesanal do quilombo, impedindo

que algumas práticas ancestrais sejam repassadas dos mais velhos aos mais jovens e de certa forma prejudicam a economia popular solidária, deixando de gerar renda para as artesãs e artesãos da comunidade. Desta forma, é necessário buscar a conservação da natureza no território quilombola, pois são de grande valor para a produção da arte e da cultura deste povo. Negar o direito do acesso aos bens naturais do quilombo é negar as possibilidades de produção de uma das maiores riquezas desta comunidade: a arte popular.

Buscando uma relação com a educação popular ambiental e a arte-educação-ambiental, relacionamos os aspectos elencados neste mapeamento, selecionando os artesanatos da região, conforme os elementos da natureza utilizados como matéria-prima. São estes:

#### 4.4.2.1 Algodão

Os artesanatos à base de algodão (Figura 25) representam a produção em tecido ou fios de algodão: as camisetas bordadas com temas quilombolas e diversos, e as bonecas feitas de pano, os panos de cozinha, os cadernos em tecido e colares feitos de malha de algodão, as redes e tapetes (estes últimos, produzidos por meio do tear manual). As bonecas de pano são muito presentes nos ornamentos da escola do quilombo, porém são vendidas majoritariamente nos eventos culturais que acontecem anualmente. Alguns panos de prato são produzidos, mas em quantidade pouco significativos, também geralmente voltados a atender a venda nos eventos da comunidade.

O *tear* é um tipo de produção artesanal que foi bastante lembrado durante o mapeamento, em diálogos com a comunidade, por ter origem ancestral e significar uma riqueza cultural no quilombo. Conforme Loureiro (2006), a tradição da tecelagem em algodão em Mato Grosso começa no século XVIII com o plantio algodoeiro. As redes tecidas neste material se destacam por sua forma de produção ser inspirada nas redes indígenas produzidas com tucum.

No passado, havia muitas *redeiras* nesta região (o trabalho de tecer normalmente era reservado às mulheres), mas atualmente há poucas que ainda produzem redes e tapetes (que também são produzidos a partir de retalhos de tecido). A comunidade manifesta constantemente a vontade de retomar esta prática artesanal, para ser partilhada no quilombo e não se perca no tempo. Este artesanato

ainda é produzido nas associações Mata Cavallo de Baixo, Aguassú e Ponte da Estiva.

Figura 25 – Artesanatos produzidos com tecidos de algodão. Associação Mata Cavallo de Baixo, Quilombo de Mata Cavallo, 2017.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Créditos da imagem de Cristiane C. A. Soares (2017).



**Capoeira**  
Entrevista com  
professora

Tinha gente que fazia rede. Tear, a Valentina, eu até já comprei uma rede dela. A Valentina é uma senhora [...] que mora perto lá de casa [...] ela fazia rede. Então esse pessoal tinha esse processo, quem mexia mais em artesanato era Dona Preta [...] ela fazia os tapetes aqui na comunidade [...] hoje em dia está fraco, o pessoal não interessa muito. O pessoal não tem mais paciência de aprender.

A maior parte da produção artesanal do quilombo está voltada a atender as festas e feiras culturais. Durante o ano, muito pouco é produzido, pois a comunidade relata que não há demanda para venda e, conseqüentemente, para a produção de

artesanatos. As camisetas, bonecas e panos de prato normalmente são produzidos na associação Mata Cavallo de Baixo. Há que se fomentar a produção permanente do artesanato em Mata Cavallo, pois a arte popular é a forma de resistência de um povo discriminado pelo racismo e marginalizado pelas classes dominantes, que precisa contar sua história por meio da habilidade de suas mãos.

Mesmo na ausência de uma produção e comercialização regular dos artesanatos quilombolas, pudemos perceber, por meio das autonarrativas, que a comunidade conhece as pessoas que sabem produzir tipos de artesanatos que configuram características peculiares da cultura do quilombo, e em grande maioria são mulheres mais antigas da comunidade. Contudo, há o difícil acesso destas pessoas, que com seus poucos recursos não conseguem reunir um grupo de interessadas/os em aprender seus ofícios ancestrais. Foi percebido, também, que os conflitos internos e as divergências entre as associações que formam este complexo quilombola acabam por desarticular até mesmo a produção artística da comunidade. Desta forma, reiteramos a importância da valorização da coletividade, que facilitaria até mesmo a articulação de soluções que contribuiriam para a melhoria de diversas necessidades deste povo.

#### *4.4.2.2 Barro*

A confecção de peças utilitárias de barro, ainda nos tempos atuais, é fruto da resistência da cultura popular mato-grossense. Conforme Loureiro (2006), em Mato Grosso, até a década de 1950, era muito comum os utensílios em cerâmica nas casas das pessoas, com formas simples como moringas, potes e filtros. Os artesanatos de cerâmica eram muito apreciados para enfeitar os diversos ambientes domésticos, e também as/os santas/os de barro, que ocupavam espaço de destaque nos lares dos devotos do Catolicismo.

De acordo com os relatos da comunidade, em algumas regiões, ainda é possível a extração do barro para a confecção de utensílios domésticos e artesanatos e na construção de casas, da forma como era feito antigamente (paredes de pau a pique). Contudo, pouco se observa este material entre os artesanatos produzidos no quilombo. Somente na associação Mata Cavallo de Baixo, na escola e na Casa da Cultura, observamos ornamentos feitos com telhas, reaproveitadas e pintadas para serem penduradas na parede, como quadros (Figura

26). Neste espaço cultural, há também um pequeno presépio e o busto de um preto velho<sup>27</sup>, feitos de barro.

Figura 26 – Artesanatos produzidos com a utilização de barro. Associação Mata Cavallo de Baixo, Quilombo de Mata Cavallo, 2017.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Créditos da imagem de Cristiane C. A. Soares (2017).

Em algumas residências quilombolas e na Casa da Cultura de Mata Cavallo, observamos que ainda existem alguns artefatos de barro para uso cotidiano, como fogões a lenha, filtros, panelas e vasos (Figura 27). Ao visitar algumas casas de moradoras/es, também visualizamos santas/os de barro nos nichos dos primeiros cômodos, onde há maior circulação de pessoas.

Figura 27 – Artefatos e construções produzidos com a utilização de barro. Associação Mata Cavallo de Baixo, Quilombo de Mata Cavallo, 2015 e 2017.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Créditos das imagens de Cristiane C. A. Soares (2017) e Regina Silva (2015).

<sup>27</sup> O preto velho, ou a preta velha, para os seguidores das religiões de matrizes africanas, são os espíritos das/dos, mentoras/es espirituais que consolam, aconselham e curam a todas/os as/as que as/os procurarem, sem distinção. Andrade Júnior afirma que os pretos velhos “são os homens ou mulheres africanos ou afro-brasileiros que ao viverem nas senzalas as mazelas da empresa escravocrata eram os conselheiros e curandeiros [...] evoluíram através da dor, do sofrimento e do trabalho forçado. Ao mesmo tempo em que sofria, resignava-se” (2013, p. 4-8).

#### 4.4.2.3 Cabaça

A cabaça é um fruto muito conhecido da região do quilombo. A casca dura permite a produção de utensílios domésticos, sendo muito utilizada por seu formato de cuia, arredondado e oco (Figura 28). Suas características permitem a produção artesanal diversa. Em Mata Cavalo se produzem bonecas, galinhas e quadros de cabaças. Porém, atualmente, quase não há utensílios domésticos utilizando-as como matéria-prima. Para a confecção dos berimbaus elas também são utilizadas, pois confere a originalidade do som produzido com o bater das cordas, na capoeira, que também é uma importante expressão artística quilombola.

Figura 28 – Artesanatos produzidos com a utilização de cabaça. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2017.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Créditos da imagem de Cristiane C. A. Soares (2016; 2017).

#### 4.4.2.4 Fibras naturais

A utilização das fibras naturais no artesanato quilombola é bastante comum nas associações Mata Cavalo de Baixo, Estiva, Aguassú e principalmente na Mutuca, onde até a embalagem do doce de banana é feita da folha da bananeira. Outras espécies de fibras vegetais, como babaçu, coqueiro, bambu, cipó e caule de mamoeiro são a matéria-prima de artesanatos (Figura 29) e artefatos utilizados no passado, estando alguns ainda presentes no cotidiano das/os quilombolas.

Figura 29 – Artesanatos produzidos com a utilização de fibras vegetais. Associação Mata Cavallo de Baixo, Quilombo de Mata Cavallo, 2017.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Créditos da imagem de Cristiane C. A. Soares (2017).



Capoeira  
Entrevista com  
professora

Até os instrumentos, era mais artesanal [...] até mesmo o borná, meu avô, tinha esse negócio da fazer borná de palha. Você queria ver meu avô bravo, mexe no borná dele. Borná era uma bolsinha que ele fazia e deixava o fumo, o guaraná, tipo uma cestinha de palha, esse era o borná dele ir pra roça, ninguém mexia no borná dele. Tinha a palha, tinha o fumo, tinha tudo, né?

Na Casa da Cultura Quilombola de Mata Cavallo foram encontradas muitas peças artesanais confeccionadas com a utilização das fibras naturais, e que também costumam ser expostas na Feira de Artes. Conforme Loureiro (2006), a presença de artesanatos trançados em fibras naturais remete a uma aprendizagem adquirida e influenciada pela cultura indígena, ainda presente com muita força nas comunidades de Mato Grosso. No cotidiano escolar de Mata Cavallo é comum visualizar as

máscaras africanas, de forma permanente ornamentando a escola, que são confeccionadas em fibras de coqueiro, e este artesanato característico auxilia na identificação de que ali é um território quilombola. Por toda a comunidade temos percebido que o conhecimento empírico do trançado das palhas nas casas é de grande utilidade neste território, tanto para artefatos de uso cotidiano, como por exemplo, o sucuri<sup>28</sup> e o borná<sup>29</sup> (Figura 30), quanto para a confecção dos artesanatos que possuem uma identidade quilombola.

Figura 30 – Artefatos e construção produzidos com a utilização de fibras vegetais. Associação Mata Cavalinho de Baixo, Quilombo de Mata Cavalinho, 2017.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Créditos da imagem de Cristiane C. A. Soares (2017).

<sup>28</sup> As/os quilombolas relatam que o “sucuri” era feito de fibras vegetais (geralmente de palhas de coqueiro) e foi muito utilizado para produzir a farinha de mandioca, retirando o excesso de água da massa.

<sup>29</sup> De acordo com os relatos da comunidade, o borná é um artefato fabricados com folhas de coqueiro, onde se guardava objetos de uso pessoal (fumo, palha de milho e outros) e era levado para o trabalho na lavoura ou serviços mais distantes dos lares das/os quilombolas.

#### 4.4.2.5 Sementes

Neste mapeamento, foi possível identificar o artesanato com a utilização de sementes (Figura 31) da região nas associações Mata Cavallo de Baixo e Mutuca, em bijuterias (brincos e colares) e na confecção de outras peças artesanais, sendo comercializadas na Feira de Artes. Os colares, em geral, são utilizados pelas/os quilombolas que frequentam a escola. Desta forma, a preservação das sementes desta região representa também a conservação dos ecossistemas que ali resistem, e a necessidade da utilização como matérias-primas, tanto para o plantio das espécies vegetais quanto para o artesanato das/os quilombolas. Assim, a arte-educação-ambiental se faz insurgente, no sentido de promover práticas de conservação ambiental relacionadas aos aspectos culturais e manifestações artísticas que necessitam ser preservadas.

Em um dos diálogos que aconteceram no mapeamento, uma moradora da comunidade relatou sobre a importância das sementes crioulas na conservação das espécies vegetais nativas. Em Nossa Senhora do Livramento há uma feira que realiza a troca destas sementes, mas em Mata Cavallo isto não acontece. Contudo, a educação ambiental não se resume a isto, pois envolve a necessidade de formação política que fomente a proteção das áreas quilombolas que foram e ainda são degradadas em grande medida pela poluição proveniente dos garimpos e pelo desmatamento oriundo da expansão do agronegócio. Além disso, as/os quilombolas sofrem pela instabilidade de não ter ainda a documentação de posse definitiva de suas terras, o que muitas vezes impossibilita que possam resistir em seu território ancestral e estabelecer práticas que possam fortalecer os laços entre a cultura e a natureza, como por exemplo o plantio de espécies nativas.

Figura 31 – Artesanatos produzidos com a utilização de sementes. Associação Mata Cavallo de Baixo, Quilombo de Mata Cavallo, 2017.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Créditos da imagem de Cristiane C. A. Soares (2017).

#### 4.4.2.6 Madeira

Por toda a extensão do quilombo, nota-se a utilização da madeira nos artefatos de utilização doméstica, na construção das casas, nas carroças, em instrumentos de trabalho, como o pilão e a enxada (Figura 32). Observamos artefatos em madeira, expostos na Casa da Cultura Quilombola, em Mata Cavallo de Cima e na construção de grande parte das casas da comunidade. Nas apresentações de danças típicas, a madeira é esculpida para dar forma às violas de cocho, mochos, ganzás e outros.

Com a devastação ambiental causada pelo desmatamento, o uso doméstico da madeira tem sido comprometido com a extinção de algumas árvores do cerrado. Artefatos como o pilão necessitam de tipos específicos de madeira para oferecer durabilidade. A estrutura das casas também carece de um madeiramento durável para suportar as ações do tempo, do calor excessivo e das chuvas. Neste sentido, a ausência deste aspecto relacionado à natureza interfere também na manutenção da identidade cultural desta comunidade.

Figura 32 – Artesanatos e artefatos produzidos com a utilização de madeira. Associação Mata Cavallo de Baixo, Quilombo de Mata Cavallo, 2017.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Créditos da imagem de Cristiane C. A. Soares (2017).

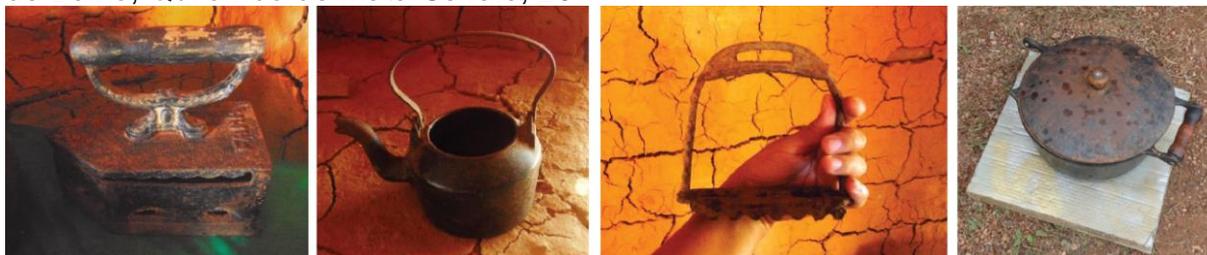
#### 4.4.2.7 Metal

Dentre os artefatos confeccionados em metal (Figura 33) mapeados em Mata Cavallo, poucos foram identificados. Somente na Casa da Cultura Quilombola, que se localiza na associação Mata Cavallo de Baixo foram encontradas miniaturas de panelas, feitas com latas de alumínio reaproveitadas. Esta pequena representação de um artefato antigo em metal utilizada no quilombo até os dias atuais nos remete aos tachos, chaleiras e panelas de ferro que ainda são preservadas e estão expostas neste espaço cultural. Há relatos de que existem artefatos antigos na

Ponte da Estiva, nas casas das/os moradoras/es mais antigas/os da comunidade, sendo, na grande maioria, instrumentos de trabalho e de uso doméstico.

Conforme Chagas (2010), os africanos tinham habilidade em metalurgia, na confecção de artefatos domésticos e até mesmo instrumentos como facas e armas. Contudo, o que pudemos mapear dentro do quilombo somente diz respeito a poucos utensílios de uso do cotidiano e de trabalho. Os relatos mais marcantes e ricos em detalhes foram os que se referiam aos instrumentos de prisão, tortura e morte das/os escravas/os, identificados e citados anteriormente, no cluster que se refere aos marcos históricos.

Figura 33 – Artefatos produzidos com a utilização de ferro. Associação Mata Cavalão de Baixo, Quilombo de Mata Cavalão, 2017.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Créditos da imagem de Cristiane C. A. Soares (2017).

No decorrer do mapeamento desta etapa foram identificados produtos artesanais que utilizam materiais sintéticos, bem como outros que não estão diretamente relacionados com a cultura quilombola e por este motivo não serão apresentados entre os clusters desta pesquisa. Não temos o objetivo de desvalorizar outros artesanatos que não se originem de matérias-primas da natureza, mas o foco deste trabalho é relacionar os aspectos culturais entrelaçados com a educação ambiental e a relação intrínseca entre a cultura e a natureza, neste quilombo.

Percebemos que alguns artesanatos mais antigos, de grande valor cultural e até mesmo econômico, têm se perdido no tempo e deixam de ser produzidos pela falta das matérias-primas causada pela degradação ambiental, pelo desinteresse das novas gerações em dar continuidade à produção artesanal e também pela falta da demanda para a comercialização dos produtos, com a produção reduzida, voltada somente para atender aos poucos eventos comerciais de Mata Cavalão, como a Feira de Artes e a Festa da Banana. Por meio da sensibilização e fortalecimento da produção artística no quilombo, também é possível fortalecer entre

este povo a necessidade de resguardar a natureza de seu território, também como forma de preservar sua cultura ancestral.

Desta forma, percebemos a importância de criar subsídios para fortalecer a cultura quilombola, como uma tática de resistência da comunidade, como fortalecimento da economia popular solidária, para geração de renda e valorização da arte popular quilombola, “uma vez que suas vidas estão arraigadas na necessidade de resistir, constituem uma cultura de resistência” (SILVA; CAETANO, 2000, p. 160).

#### 4.4.3 Danças

Dentre as mais significativas manifestações culturais de Mata Cavalo estão as danças. Elas remetem a tradições ancestrais que vêm da África, das/os escravas/os, que remontam a um tempo de lutas ainda mais intensas na memória deste povo. Algumas das danças que ainda resistem neste território atravessaram gerações, mas sofrem ameaças de ser esquecidas pelos mais jovens. A retomada dos aspectos ancestrais é tão importante quanto a conservação das atuais danças que vêm sendo praticadas, porque preservam características culturais das/os quilombola. Preservar e estimular a produção da arte quilombola é também oferecer novos ares para a visibilidade deste povo.

Quiçá este clima ameaçado possa esmerar seu oculto lado belo, pois tocando as pessoas com um simples suspiro da arte, talvez possamos gerar uma criação pedagógica que se inscreva na capacidade infinita em se acreditar na beleza da Terra (SATO; PASSOS, 2009, p. 58).

A Dança do Congo, que segundo Oliveira (2011) tem forte representação na identidade e na territorialidade de Mata Cavalo, é relatada pela comunidade como uma das que correm o risco de *morrer* no pretérito, pois atualmente se restringe a ser dançada somente em alguns eventos da comunidade. O Hop Quilombola, por sua vez, integrado por jovens que estudam ou que estudaram na escola de Mata Cavalo, tenta resistir à falta de recursos, de oportunidades e da evasão dos componentes que terminaram o ensino médio, alguns buscando novas oportunidades de trabalho e estudos fora do quilombo. Perpassando aspectos do passado e do presente de lutas, estas e outras danças são primordiais na

manutenção da cultura popular. Dentro dos aspectos elencados neste mapeamento, citamos aqui as danças mais importantes no quilombo Mata Cavalo.

#### *4.4.3.1 Cururu*

Composto somente de homens, o Cururu é uma mistura de dança e música, das mais importantes expressões culturais de Mato Grosso. No tempo dos jesuítas, o cururu era dançado nas igrejas católicas, e posteriormente passou a ser dançado nas festas de família e nas festas de santo das comunidades rurais. Utilizando instrumentos como o ganzá e a viola de cocho, produz um ritmo simples e de poucas notas, em que as letras das músicas abordam assuntos como religião, cotidiano e ritos sagrados (LOUREIRO, 2006).

Esta manifestação cultural corre o risco de ser esquecida pelas novas gerações quilombolas, já que não há um grupo formado com atividades e ensaios permanentes. Alguns membros da comunidade afirmam que, atualmente, nas festas quilombolas, a dança é realizada por pessoas de fora, pois em Mata Cavalo não há um grupo constituído que realize ensaios, que se reúna, que procure participar dos eventos culturais e religiosos. Atualmente, as apresentações de cururu acontecem nas associações Mata Cavalo de Cima, Mata Cavalo de Baixo, Ponte da Estiva e Mutuca, onde acontecem as festas que caracterizam esta dança, no quilombo. Há ainda registros de que esta dança costuma ser apresentada também nas associações Aguassú e Capim Verde.

#### *4.4.3.2 Dança Afro*

Em Mata Cavalo, acontece nas associações Mutuca, Estiva, Capim Verde, Mata Cavalo de Cima e Aguassú. Em Mata Cavalo de Baixo, a dança afro é denominada de Hop Quilombola e tem características específicas próprias de uma concepção gerida por esta associação, que difere das demais que praticam a Dança Afro. Esta expressão cultural busca a retomada das raízes afro-brasileiras reunindo coreografias de dança, indumentárias, ritmo e sonoridades características da cultura africana, porém com elementos específicos do quilombo e suas particularidades. Conforme Moreira (2017), os grupos de dança têm fomentado a valorização da

cultura e da arte com a oportunidade de contar a história das/os negras/os, ajudando no combate ao racismo.

#### 4.4.3.3 Dança de roda

Conforme as narrativas da comunidade, a Dança de Roda acontece nas associações Mutuca, Ponte da Estiva, Mata Cavallo de Baixo, Mata Cavallo de Cima, Capim Verde e Aguassú, em algumas festas de santo. Esta manifestação tem relação profunda com a cultura local.

#### 4.4.3.4 Dança do Congo

O Congo é uma dança que homenageia São Benedito. É realizada por homens, com a dramatização de uma luta simbólica entre o Rei do Congo e o Rei Monarca, que sempre vence a disputa e concede paz ao rei vencido, onde todos comemoram no final. Os participantes vestem indumentárias com cores específicas (Figura 34) para representar cada reinado, criando a sonoridade por meio de instrumentos de origem africana, como marimba, o tamborete e o ganzá (LOUREIRO, 2006).

Figura 34 – Homens realizando a Dança do Congo, nas ruas de Nossa Senhora do Livramento. Nossa Senhora do Livramento, 2010.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Créditos da imagem de Herman Hudson Oliveira (2010).

A Dança do Congo, de origem Africana, é uma das mais expressivas manifestações culturais de origem Africana no Brasil. Em Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, a Dança do Congo foi uma tradição importada da antiga “comunidade dos pretos” do Mata Cavallo. Essa dança, ensinada e praticada na Casa São Benedito em Livramento, assume dimensão educacional empírica na medida em que resgata valores afro-referenciados do universo quilombola (BARCELOS, 2010, p. 10-11).

Conforme os relatos da comunidade, a Dança do Congo ainda acontece em Mata Cavallo de Baixo e em Mata Cavallo de Cima. Oliveira (2011) afirma que, antigamente, esta dança era liderada por Cesáreo Sarate, que teve grande importância no contexto político do quilombo, como pai de santo, por ter resistido na resistência de religiões de matrizes africanas, por ter unificado o grupo de dança do Congo em Nossa Senhora do Livramento e por ter articulado a diáspora das/os quilombolas às suas terras de origem. Após o seu falecimento, tanto os familiares quanto a comunidade sentem a ausência desta liderança que preservava as expressões religiosas e culturais tão importantes para este quilombo e para Mato Grosso.

#### 4.4.3.5 Dança de São Gonçalo

Esta dança é como uma oferenda religiosa ao santo que a denomina. Inicialmente era feita dentro das Igrejas Católicas, depois foi proibida nestes locais, e passou a ser dançada nas comunidades. Por mais que esta dança tenha voltado às estas igrejas, não pode atingir a nave principal delas, mas resistiu nas ruas, nas praças e nas casas das comunidades (LOUREIRO, 2006). Em Mata Cavallo, esta dança acontece nas associações Mutuca, Mata Cavallo de Cima, Mata Cavallo de Baixo, Aguassú e Capim Verde. A comunidade relata que esta é uma forte expressão cultural do quilombo, que tende a se perder entre as gerações mais jovens da comunidade.



**Cururu**  
Mapeamento com  
professora

Cadê a reza e a dança de São Gonçalo? Tem que ter reza e depois a dança. A dança é o principal. Não existe mais a dança. A dança é só aquela rodada, né? que acontece entre família, se você entra você não pode sair, você tem que ir até o final e são 7 ou nove rodadas, né? Não existe mais.

#### 4.4.3.6 Dança Hop Quilombola

Esta dança se originou em Mata Cavalo, liderado pela professora quilombola Lucilene Pinho, junto a um grupo de alunas/os da escola. Com um ritmo forte e marcante, tem influência das matrizes africanas e representa uma inovação da comunidade de Mata Cavalo de Baixo. Este grupo (Figura 35) tem se apresentado por toda a região de Mata Cavalo e Baixada Cuiabana. Embora não tenha muitos recursos, tenta resistir e se consolidar no cenário cultural do quilombo, tendo o apoio da escola e da comunidade, como uma das formas de valorização dos saberes das/os negras/os em um contexto de racismo e exclusão, e conta com a participação das/os jovens no esperar de dias melhores. No Hop Quilombola, a arte perpassa muito além dos muros da escola, pelos mais diversos espaços do quilombo e além dele. Em exercício de aprender e ensinar, seus passos, indumentárias, musicalidade, ritmo e concepção artística estão em constante aprimoramento e se caracteriza pela originalidade de sua concepção, em uma das mais belas e significativas formas de resistência cultural de Mata Cavalo.

Figura 35 – Apresentação do grupo de dança Hop Quilombola na Feira de Artes. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2017.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Créditos da imagem de Célia Soares (2017).



**Cururu**  
Mapeamento com  
professora

A dança afro-brasileira, que é um contexto nós viemos trabalhando, que a gente vem buscando, pra não deixar que essa crença se perca, foi criado o Hop Quilombola, para estar trabalhando as manifestações da dança afrobrasileira, buscando um pouquinho do contexto da dança afro mesmo, pra fazer esse resgate.

#### 4.4.3.7 Siriri

Esta dança reúne elementos africanos, portugueses e espanhóis, com uma bela coreografia que pode ser dançada tanto por homens quanto por mulheres, sem a necessidade do uso de alguma indumentária específica. O siriri pode estar presente não só nas festas de santo, como em qualquer outra festividade. Com viola de cocho, ganzá e o mocho, os tocadores que participam da dança tocam e cantam temas regionais, muitas vezes compostos pela comunidade (LOUREIRO, 2006). Em Mata Cavalo, o siriri é dançado nas associações Mata Cavalo de Baixo, Mata Cavalo de Cima, Mutuca e Ponte da Estiva, majoritariamente por pessoas de fora, pois neste quilombo não há um grupo formado para este fim. Existe um grupo de siriri em Mata Cavalo de Cima, liderado por seo Nezinho, o presidente desta associação, e se apresenta dentro e fora do quilombo, preferencialmente nas festas de santas/os.



**Cururu**  
Mapeamento com  
professora

Pro siriri não tem uma divisão. Ele é compartilhado por todos, né? Aqui nós podemos colocar todos. Essa manifestação, ela é geral aqui nessas comunidades. Se for optar por grupo, tem o de Mata Cavalo de Cima, Mutuca, o de Mata Cavalo é nosso. [...] Pro siriri não tem grupo formado. Quando acontecem as festas vem grupos de fora.

#### 4.4.4 Jogos

##### 4.4.4.1 Capoeira

É uma expressão cultural brasileira que carrega uma forte ancestralidade africana, tem a musicalidade e o ritmo que vêm do tempo das/os escravas/os, que tentavam se defender da opressão de seus senhores. Conforme Simões (2000-2002), seus movimentos corporais, juntamente com as melodias e instrumentos

musicais, representam a espiritualidade do Candomblé e a resistência que tem marcado as lutas das/os quilombolas.

Em Mata Cavalo, a comunidade relata com pesar que por muito tempo não houve nenhum grupo que pudesse ensinar esta arte. Na escola do quilombo havia um projeto que ensinava os movimentos corporais, mostrava como tocar os instrumentos e ensinava a fabricação do berimbau. Quando os recursos para este projeto findaram, a comunidade ficou sem a capoeira. Contudo, no fim do ano de 2017 a prática da capoeira na escola foi retomada e foram mapeadas as associações Mata Cavalo de Baixo, Mata Cavalo de Cima e Mutuca, como os locais que a praticam.



#### 4.5 AS COMIDAS TÍPICAS DE MATA CAVALO

O *Mapa Social da Cultura Quilombola de Mata Cavalo – Comidas Típicas* (Figura 36) refere-se à alimentação consumida no quilombo, que utiliza principalmente a coleta e o cultivo de vegetais na região, sendo também os principais ingredientes dos doces e sobremesas, bastante apreciados pela comunidade (Figura 37). Por todo o Mato Grosso, a variedade de alimentos provenientes do cerrado possibilita um cardápio regional rico em sabores. Os povos que ajudaram a formar a diversidade da nossa cultura influenciaram diretamente no feito das comidas típicas.

Figura 37 – Doces e alimentos vendidos na Feira de Artes do ano de 2016. Associação Mata Cavalo de Baixo, Quilombo de Mata Cavalo, 2016.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Créditos da imagem de Cristiane C. A. Soares (2017).

O *fazer* da comida em nosso Estado tem uma atenção especial e as cozinhas remetem a um espaço sagrado. Entre os séculos XIX e XX, as carnes, peixes e vegetais eram fartos e a alimentação tinha baixo custo (LOUREIRO, 2006). Contudo, entendemos que a degradação ambiental tem interferido na produção dos alimentos, ocasionando extinção de espécies nativas (animais e vegetais), a poluição dos rios tem minimizado drasticamente a pesca e os grupos em situação de vulnerabilidade têm sofrido ainda mais por estas perdas ecossistêmicas. Percebemos, então, as consequências em nosso território de pesquisa, que depende muito da natureza

para a manutenção da sua sobrevivência e da legitimação de seus aspectos culturais. Sob este aspecto, citaremos neste cluster somente o mapeamento de elementos da natureza, enquanto espécies vegetais que alimentam as famílias de Mata Cavalo.

#### 4.5.1 Doces e pratos típicos

Os pratos típicos quilombolas estão presentes no cotidiano, na merenda escolar e em ocasiões festivas, onde se podem notar os principais ingredientes que são cultivados naquela região. Existem também os doces, que são feitos nas casas das pessoas da comunidade, comercializados em festas, feiras e eventos de Mata Cavalo e nas circunvizinhanças.

##### 4.5.1.1 *Abóbora*

É utilizada no feitio de sopas, caldos e também com carne. O doce de abóbora é bastante consumido em Mata Cavalo, sendo que o seu cultivo e consumo foi mapeado pela comunidade nas associações Mata Cavalo de Baixo, Ponte da Estiva e Aguassú.

##### 4.5.1.2 *Arroz*

O arroz é uma das bases da alimentação no quilombo. Um dos pratos típicos mais apreciados é a *maria-izabel*, onde o arroz é preparado com carne seca. A costelinha de porco com arroz e a galinha com arroz são também bastante servidos nas ocasiões festivas, especialmente nas associações Mata Cavalo de Cima, Mata Cavalo de Baixo, Mutuca, Ponte da Estiva e Aguassú. Contudo, no mapeamento, não houve registros sobre se ainda existe cultivo de arroz nesta região.

##### 4.5.1.3 *Banana madura e verde*

O cultivo e consumo da banana em Mata Cavalo, desde o tempo da escravidão até os dias atuais, é bastante comum. Da bananeira, se aproveita quase tudo. No feitio dos pratos típicos, a banana verde é apreciada frita ou cozida com

carne seca, carne de porco e costela bovina ou suína, por meio de ensopados muito saborosos, frequentemente servidos nas festas quilombolas, feiras e outras ocasiões.

A banana madura, cozida, também serve para compor estes pratos, além de servir para o preparo dos doces. Além da farofa feita com a banana, até mesmo a farinha pode ser feita de seu processamento. Na associação Mutuca, onde anualmente acontece a Festa da Banana, já famosa na região, a banana é a matéria-prima de muitos produtos da economia popular solidária. O consumo da fruta *in natura* também é bastante comum.

Existem também os doces de banana, geleias, bolos, balas ou rapadura, muito comuns nesta comunidade, sendo fabricados nas associações Mata Cavalo de Cima, Mata Cavalo de Baixo, Ponte da Estiva, Aguassú e Mutuca. Esta última possui uma produção artesanal significativa, por comercializar derivados da banana em feiras e em algumas regiões da Baixada Cuiabana.

#### 4.5.1.4 Cana de açúcar

Desde o tempo doas/os escravas/os, a cana de açúcar é um dos principais ingredientes cultivados nesta região quilombola, na fabricação de açúcar, doces e das tão apreciadas rapaduras *simples*. Atualmente, mapeamos que as rapaduras de cana de açúcar são fabricadas somente na associação Mutuca.

#### 4.5.1.5 Caju

A fabricação do doce de caju em calda, sob a forma de rapadura ou cristalizado foi identificada somente na associação Mata Cavalo de Baixo. Porém, o produto é bastante apreciado por todo o quilombo.

#### 4.5.1.6 Cará

Esta raiz também é bastante utilizada na culinária de Mata Cavalo, em ensopados com carne seca, carne de porco ou costela bovina, sendo bastante cultivada nas associações Mutuca, Mata Cavalo de Cima, Mata Cavalo de Baixo, Ponte da Estiva e Aguassú.

#### 4.5.1.7 *Cumbaru*

Embora os relatos da comunidade apontem que os pés de cumbaru estão cada vez mais raros no quilombo, pudemos identificar a presença dos derivados deste fruto sendo comercializados na Feira de Artes de Mata Cavalo de Baixo, sob a forma de semente salgada, doce e farinha. O cultivo do cumbaru foi apontado somente na associação Mutuca.

#### 4.5.1.8 *Feijão*

O feijão está presente no dia a dia da alimentação de todo o quilombo e nas ocasiões especiais, como as festas de santas/os, feiras e momentos festivos. A feijoada é servida em algumas festas de Umbanda, Candomblé ou em homenagem aos orixás, pois tem uma forte relação com a alimentação das/os escravas/os. Este prato típico é também relacionado às matrizes africanas, ainda presentes em alguns locais do quilombo, como Mata Cavalo de Cima e Aguassú, que ainda preservam os terreiros de Umbanda e candomblé. Nas autonarrativas, identificou-se somente onde se consome o feijão, mas não foi mapeado se esta variedade vegetal é cultivada em terras quilombolas.

#### 4.5.1.9 *Mamão*

O doce de mamão, sob a forma de furrundu<sup>30</sup> ou enroladinho, em calda, é também bastante apreciado nesta região. É fabricado com maior significância na associação Mata Cavalo de Baixo.

#### 4.5.1.10 *Mandioca*

A mandioca é bastante presente nas refeições desta comunidade, por meio de ensopados com carne (seca, de porco, ou costela bovina ou de porco), com peixe, na fabricação da farinha nos bolos e biscoitos. Identificou-se o cultivo da

---

<sup>30</sup> O furrundu é um doce típico mato-grossense, feito basicamente com mamão verde e rapadura, entre outros ingredientes (LOUREIRO, 2006).

mandioca nas associações Mata Cavalo de Cima, Mata Cavalo de Baixo, Ponte da Estiva e Aguassú, e o consumo também nessas localidades.

#### *4.5.1.11 Maxixe*

É bastante apreciado com peixe e com carne moída, sendo o cultivo e consumo mapeados na associação Aguassú.

#### *4.5.1.12 Milho*

O milho também é um vegetal bastante presente na base da alimentação do quilombo. Com ele, são fabricados bolos, pães, pamonhas e curau, além do consumo do milho assado e cozido, e dos ensopados com costela bovina ou carnes diversas. O cultivo do milho foi mapeado nas associações Mata Cavalo de Baixo e Ponte da Estiva.

#### *4.5.1.13 Pequi*

Os pés de pequi, muito presentes na comunidade de Mata Cavalo, também são tipicamente consumidos em forma de licor, com arroz, galinha ou costelinha suína, podendo se armazenados em conserva e oferecendo sabor ao óleo e à farinha. O pequi foi mapeado nas associações Mata Cavalo de Baixo, Mata Cavalo de Cima, Mutuca e Ponte da Estiva.

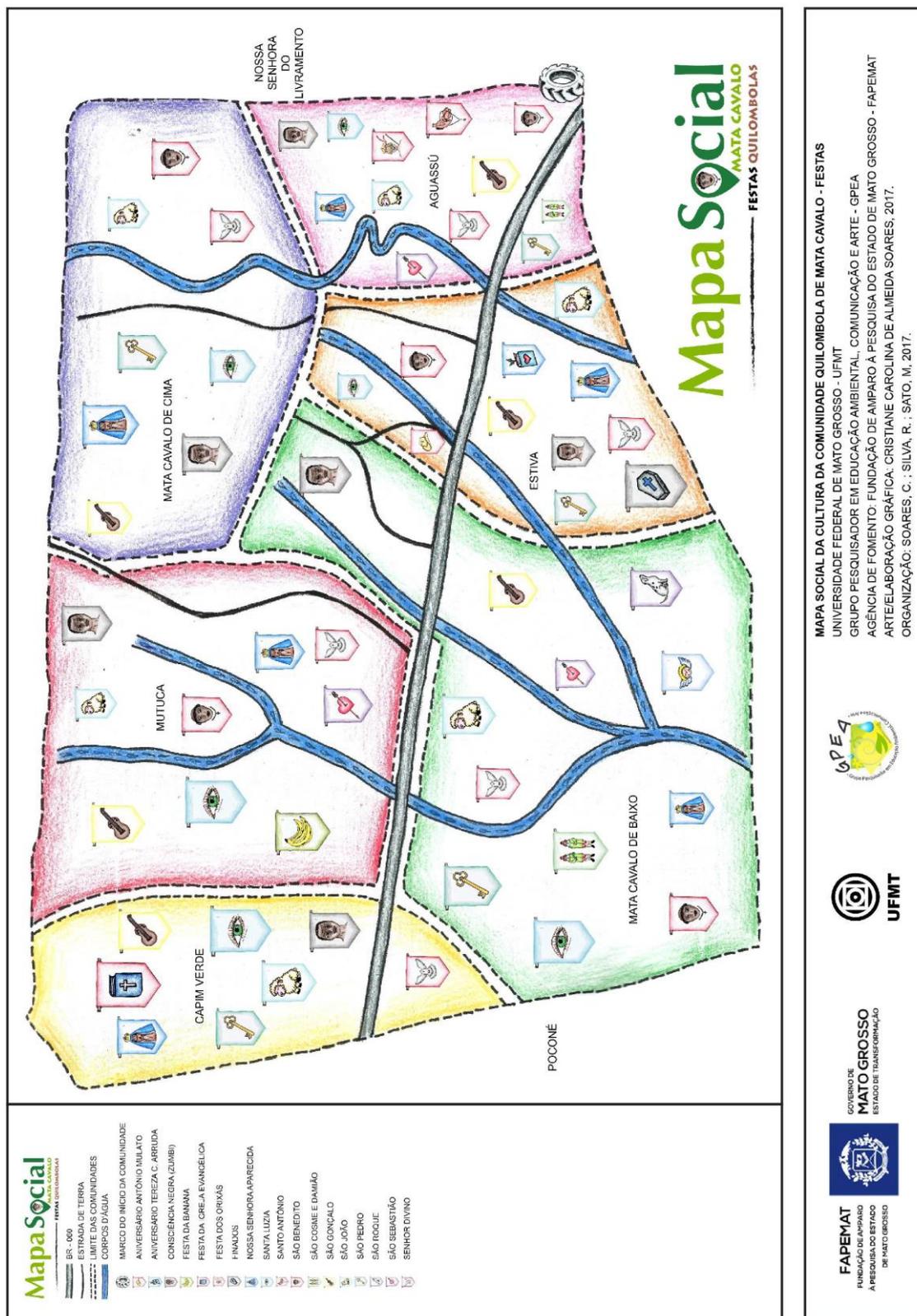
#### *4.5.1.14 Peixe*

Em contradição ao mapa do quilombo, que indica a presença de muitos rios por toda esta região, quase não foram mapeadas comidas típicas com a utilização de peixes. Somente na associação Aguassú foi citado o peixe como um prato típico do quilombo. Podemos então observar, conforme descrevem Amorim (2017) e Moreira (2017), que os garimpos contaminaram significativamente as águas dos rios e, conseqüentemente, há ausência dos peixes como base da alimentação do quilombo.

#### 4.5.1.15 Quiabo

A comunidade relata a presença do quiabo em pratos típicos muito apreciados entre as/os quilombolas. Ele geralmente é preparado com carne bovina ou com frango. Mapeamos, junto à comunidade, o cultivo e consumo do quiabo nas associações Mata Cavalo de Cima, Mata Cavalo de Baixo, Ponte da Estiva e Mutuca.

Figura 38 – Mapa social da cultura de Mata Cavallo – Festas. Mato Grosso, 2017.



Fonte: Acervo da autora.  
Nota: Arte de Cristiane C. A. Soares (2017).

#### 4.6 AS FESTAS DE MATA CAVALO

O *Mapa Social da Cultura Quilombola de Mata Cavalo - Festas* (Figura 38) refere-se aos períodos em que se realizam festividades de santas/os, e outras comemorações importantes, como os aniversários de algumas pessoas de referência, e as feiras anuais. Conforme Loureiro (2006), muitas festas religiosas são heranças dos hábitos que os jesuítas instituíram junto ao povo indígena no território mato-grossense. Quando as portas das Igrejas Católicas ortodoxas se fecharam para estas celebrações, o Catolicismo Popular as incorporou especialmente nas comunidades *rurais*, e esta tradição tomou novos ares.

As festividades são situações muito marcantes e consideradas de grande importância entre as narrativas da comunidade. São períodos “de trocas entre pessoas através de símbolos e sentidos, que a vida sabe, a fé relembra, a cultura escreve e a festa canta, dança e diz a quem venha ver e ouvir” (BRANDÃO, 2010, p. 28). As festas são consideradas tempos de transgressão à rotina do labor diário, rompendo a calma e o silêncio habituais, pela demonstração de generosidade, de alegria e de união (BRANDÃO, 1989).

Esta manifestação cultural agrega uma infinidade de outras expressões já citadas anteriormente: revive a memória, conta histórias dos antepassados e suas origens africanas, dos tempos sofridos da escravidão, da resistência dos quilombos e das lutas para a sobrevivência. O sabor das festas, cultivado em território ancestral, preparadas em muxirum, é dignamente compartilhada com as/os participantes. A devoção às/aos santas/os e orixás se renova em promessas de tempos de dias melhores, fartura e conciliação. Por meio das festas quilombolas, a arte se potencializa de várias formas, cores e sons. Desta forma,

as festas tradicionais possibilitam o fortalecimento da coletividade, pois pela prática do trabalho comunitário e solidário da organização e realização das festas observamos o prevalecimento do coletivo sobre o individualismo - tão fortemente disseminado nos moldes do mundo capitalista (KAWAHARA, 2015, p. 247-248)

Conforme Brandão (2010), as festas são grandes mutirões, que estabelecem relações sociais e simbólicas entre as/os participantes, tanto os que são membros da mesma família quanto vizinhas/os, amigas/os e outras/os envolvidas/os. Quando são festas religiosas, motivadas pelo pagamento de promessas, normalmente

recebem dádivas em dinheiro ou produtos da terra. O trabalho coletivo acontece tanto nos preparos que antecedem o momento festivo quanto nos ritos de devoção e diversão, nas datas de realização da festividade em si. Todas estas funções são organizadas por pessoas que articulam e ordenam, sendo normalmente os membros mais antigos da família ou especialistas em determinadas tarefas, encarregados de repassar procedimentos e ritos aos mais jovens ou menos experientes:

O saber migra de uma geração à outra entre parentes [...] o aprendizado do repertório, da doutrina e do costume circula entre parentes consanguíneos ou afins [...]. Sabemos todos que o sistema de compatrio reforça laços familiares e estabelece trocas simbólicas e sociais intensas entre vizinhos e companheiros de trabalho (BRANDÃO, 2010, p. 103).

O preparo das festas é sempre feito com meses de antecedência, incluindo até mesmo o plantio e cultivo de vegetais que são a base dos alimentos servidos nas datas festivas. Os momentos de trabalho proporcionados pelas festas realizam um contraponto ao sistema capitalista vigente, pois procuram prevalecer os interesses coletivos em detrimento do individualismo (KAWAHARA, 2015). Em Mata Cavalu, muitas perdas culturais vêm acontecendo, especialmente com relação às festas religiosas.

As festas de santo normalmente são o pagamento de promessas, que muitas vezes são repassadas de pais ou mães para as/os filhas/os, e várias gerações as seguem para manter a tradição familiar. Contudo, nos diálogos, pudemos perceber que algumas das festas que eram motivadas pela devoção às/aos santas/os, hoje comercializam alimentos que outrora eram servidos gratuitamente para a comunidade, como os bolos e alguns pratos típicos, desapegando-se das tradições das/os festeiras/os mais antigas/os.



**Cururu**  
Mapeamento com  
professora

Quando a festa ainda é puxada pelos antigos, acontece. Mas quando as festas são feitas por sobrinhos e alguns parentes mais distantes que ficaram, eles já realizam a festa, mas são completamente diferentes. Realizam por realizar ou por bens financeiros.

Neste sentido, reiteramos que as autonarrativas da comunidade refletem a ausência da continuidade de muitos rituais que envolvem o feitio das festas, como o

trabalho coletivo e desprovido de geração de renda. Algumas tradições festivas têm desaparecido com as gerações mais antigas, pois

as equipes de trabalho ritual desaparecem ou reaprendem a conviver com um novo contexto [...]. Incorporam não-parentes ou sobrevivem com dois ou três familiares. Filhos não demonstram mais qualquer interesse pelo ofício dos pais, e os velhos mestres, quando não encontram discípulos que aprendam com eles, silenciam com a morte ou a aposentadoria do ofício o saber que um dia trouxeram de longe, de outros tempos (BRANDÃO, 2010, p. 103).

A confecção dos mapas das expressões culturais de Mata Cavalo nos conferiu muitas aprendizagens no sentido do caminhar coletivo de um grupo pesquisador, e a mim enquanto pesquisadora e arte-educadora-ambiental. Sem dúvidas, o maior aprendizado aconteceu no caminho percorrido, na trilha desenhada. Em cada memória revelada, em cada esboço feito e refeito, a cada frase lida ou digitada, senti que o entrelace entre a cultura e a natureza que tanto percebemos neste quilombo acontece realmente no conhecimento empírico do preparo das festas, onde os verdadeiros mestres são os que conduzem essas manifestações culturais também como aspectos de resistência das memórias do seu território e de seu ambiente:

Nas festas das comunidades tradicionais existe um campo de força maior em conjunto com os grupos de afetos e afetados, onde a relação direta com a cultura local possibilita a reelaboração da responsabilidade ambiental e o sentimento de pertencimento para compreensão do mundo que precisa ser repensado (KAWAHARA, 2015, p. 248).

Durante o mapeamento das festas quilombolas, por meio das autonarrativas da comunidade nos variados momentos desta pesquisa, constatamos que o calendário festivo normalmente é definido entre as famílias que as realizam, sendo que muitas das festas de santas/os diferem das datas oficiais que a tradição da Igreja Católica instituiu. As que já tinham datas definidas há muito tempo entre as/os realizadoras/es vêm sofrendo constantes mudanças. Acontecimentos como falecimentos ou choques com datas de outras festas no quilombo acabam sendo os motivos destas alterações.



### Siriri

Mapeamento moradora  
da comunidade

Primeiro quem fazia festa era aqui na Mutuca, lá no Laura. Aí já tinha a data, que era esse mês agora. Antes era em janeiro. Mas agora já mudou, vai ser este mês agora. Nossa senhora Aparecida, São Benedito, Nossa Senhora Conceição, São Sebastião, assim, tinha data certinho. Por exemplo, [...] mamãe fazia festa em setembro, ninguém fazia festa em setembro. Minha mãe fazia [...] todo mundo respeitava, não tinha aquele calendário. [...] Agora não, o pessoal faz festa aqui, faz festa ali, não respeita mais.

A elaboração do mapa e do calendário de festas quilombolas surgiu das narrativas desta comunidade, provenientes do momento atual desta pesquisa, respeitando a memória oral, bastante comum em comunidades tradicionais (KAWAHARA, 2015). Abaixo, apresentamos um calendário de festas referentes ao ano de 2010 (Figura 39), em que algumas datas são divergentes ou não são citadas em nossos registros, por se tratar de outros tempos. No calendário de festas atual (Figura 40), relacionaremos as datas das festividades atuais de Mata Cavalo, descrevendo cada uma das festas que acontecem nesta comunidade.

Figura 39 – Calendário das festas de Mata Cavallo, elaborado pela comunidade no ano de 2010. Quilombo de Mata Cavallo, 2010.

**Calendários das festas na comunidade:**

MÊS	DIAS	FESTAS	FESTEIROS / FESTEIRAS
JANEIRO	1	SR MENINO /BOM JESUS	
	6	SANTO REIS	
	10	SÃO GONÇALO	ANA MARIA
	20	SÃO SEBASTIÃO	ESTEVINA
FEVEREIRO	2	SANTA ESCANDELÁRIA	JOSÉ CLEÓFILO
MARÇO	19	SÃO JOSÉ	JOSÉ CLEÓFILO
	21	SÃO BENTO	
MAIO	3	FESTA NO/DO CEMITÉRIO	
	30	DIVINO ESPÍRITO SANTO SANTA CATARINA	ALICE
JUNHO	12	SANTO ANTÔNIO	BENEDITA E FRANCISCO
	24	SÃO JOÃO	LÚCIA DE SEU JOÃO
	26	SENHORA SANTANA SÃO BENEDITO	NEZINHO
JULHO	2	SÃO BENEDITO	
SETEMBRO	11/12/13	NOSSA SENHORA APARECIDA SÃO BENEDITO	TEREZA
OUTUBRO	12	SENHORA APARECIDA	LUIZA
NOVEMBRO	20	ZUMBI	FEIRA CULTURAL - SEDE DAS ASSOCIAÇÕES
DEZEMBRO	8	NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	AURÍLIA

Fonte: SATO et al. (2010).



#### 4.6.1 Aniversário de Antônio Mulato

Antônio Mulato é uma das principais lideranças do quilombo. Sua mãe foi escravizada e seu pai, nascido após a *Lei do Ventre Livre* (BARCELOS, 2010). Este quilombola atualmente é o morador mais antigo da comunidade e está com 112 anos de idade. Em sua existência, presenciou as lutas, o sofrimento, as perdas ambientais, culturais e as conquistas da comunidade. Em seu aniversário, acontece uma grande festa em celebração à vida deste grande símbolo da resistência quilombola. Seu Antônio Mulato mora atualmente na associação Ponte da Estiva e seus familiares e amigas/os cuidam da preparação deste evento.

#### 4.6.2 Aniversário de Tereza Conceição de Arruda

Conforme Manfrinate (2011), dona Tereza foi uma liderança que se tornou um símbolo de emancipação feminina em Mata Cavallo. É uma referência que simboliza a luta da comunidade pela educação escolarizada. Foi uma das primeiras professoras desta comunidade, sendo também uma das presidentes da associação de moradoras/es. De acordo com relatos de entrevistas, ela acompanhou a disputa pelo território quilombola, sempre ajudando a acolher as famílias que sofriam despejos, em tempos de maiores conflitos. Mesmo após o falecimento seu aniversário ainda costuma ser comemorado no mês de setembro, pois a sua memória permanece viva no quilombo.

#### 4.6.3 Consciência Negra (Festa do Zumbi)

Estas comemorações acontecem geralmente no mês de novembro, nas associações Mata Cavallo de Cima (promovido por seu Nezinho, líder do terreiro de Umbanda e Candomblé e desta associação), Mata Cavallo de Baixo, Ponte da Estiva e Aguassú. Em Mata Cavallo de Baixo, esta data comemorativa atualmente acontece por meio da Feira de Artes (Figura 41), todos os anos, na Escola Estadual Tereza Conceição de Arruda, organizada por Eliane Arruda, diretora da escola, onde se apresentam trabalhos das/os estudantes. Com o apoio das/os professoras/es, procuram mostrar um pouco da história, da arte e da cultura quilombola.

Este evento conta também com a venda de comidas típicas, artesanatos confeccionados pelos membros da comunidade, apresentações do grupo de dança Hop Quilombola, Siriri, Cururu e a exposição de artefatos históricos que vêm do tempo das/os escravas/os. Neste momento, a arte reverbera em suas mais diversas manifestações. Toda a comunidade se mobiliza para participar deste importante acontecimento que promove a visibilidade da comunidade, e que também movimentava o comércio local, com a geração de renda para as famílias. Há também registros da comemoração do Dia da Consciência Negra em Capim Verde e Mutuca.

Figura 41 – Imagens da Feira Cultural do ano 2000 e da Feira de Artes em 2016. Quilombo de Mata Cavallo, 2000 e 2016.



Fonte: Acervo da comunidade de Mata Cavallo (2000); Acervo da autora (2016).

#### 4.6.4 Dia de Finados

As celebrações do Dia de Finados acontecem por todo o quilombo no dia dois de novembro, mas na associação Ponte da Estiva há uma celebração ancestral, que remete ao tempo das/os escravas/os. Acontecem a reza e a lavagem dos túmulos no cemitério Rondozinho, pelas/os quilombolas, em uma homenagem ao povo que padeceu naquela região, por conta da violência sofrida na escravidão.

Contudo, o cemitério mais antigo da comunidade é o chamado *Boa Vida*, que não foi citado como local de celebração do Dia de Finados. Sabemos, por relatos locais, que este cemitério se encontra, atualmente, em terras de fazendeiros, o que possivelmente dificulta o acesso das/os quilombolas neste evento tão importante para o povo de Mata Cavallo.

#### 4.6.5 Festa da banana

Este evento cultural acontece na associação Mutuca, geralmente no primeiro domingo de julho, todos os anos. Nesta ocasião, acontece a venda de alimentos e artesanatos, com apresentações de danças, que atrai o público do quilombo e da Baixada Cuiabana. Este evento representa muito da potencialidade da economia solidária em Mata Cavalo, pois a qualidade e variedade dos produtos que são expostos são bastante significativas. Contudo, se restringe a exposição maioritariamente do que é produzido na associação Mutuca. A festa é promovida por Laura, a vice-presidente desta associação.

#### 4.6.6 Festa da Igreja Evangélica

De acordo com os relatos da comunidade, são realizadas festas de Igreja Evangélica na associação Capim Verde, com a participação de muitos jovens da comunidade, adeptos desta religião. Não foram citadas as datas em que estas festas acontecem, em um território de origem quilombola que de certa forma está ligado a religiões de matrizes africanas ou afro-brasileiras. Mata Cavalo conseguiu agregar alguns templos religiosos de origem protestante, mais especificamente Igrejas Evangélicas, dando origem a uma diversidade e um hibridismo peculiares desta comunidade.

#### 4.6.7 Festa dos Orixás

Na associação Aguassú acontece a Festa dos Orixás, sempre realizada em uma sexta-feira, na Casa de Umbanda Nossa Senhora Aparecida. Conta com toda a religiosidade de matriz africana, que ajuda a fortalecer a cultura quilombola, enquanto proveniente de africanas/os que foram escravizadas/os. Ainda que as autonarrativas quilombolas pouco relatem a relação que estas pessoas têm com os orixás, devido à sua representatividade ancestral, conforme Oliveira (2011), estas divindades têm correspondências diretas com os santas/os católicas/os homenageados nas festas, como, por exemplo, o orixá Ogum, que corresponde ao São Benedito no Catolicismo Popular.

#### 4.6.8 Festa de Nossa Senhora Aparecida

Conforme pudemos observar na descrição acima, Nossa Senhora Aparecida é muito lembrada por todo o quilombo não só entre as pessoas católicas, mas também como divindade de proteção de uma casa de Umbanda em Aguassú, que recebeu o seu nome. Nos relatos da comunidade, esta santa é de origem negra, e se relaciona à abundância e protege as famílias. Conforme Albuquerque e Brandão (2009), Nossa Senhora Aparecida se popularizou a partir do momento em que surgiu, aparentemente, como uma imagem da Virgem Maria de cor negra e se tornou a padroeira do Brasil.

As festividades que homenageiam esta santa perpassam por todas as associações de Mata Cavallo. As datas costumam ser diferentes do calendário católico, pois várias famílias homenageiam Nossa Senhora Aparecida. Em Mata Cavallo de Baixo, quem promove esta festa é dona Lúcia, junto com a de São João, no mês de julho, e há outra festividade desta santa em outubro. Na Mutuca é dona Idelfôncia, também no mês de outubro. Na Ponte da Estiva, quem promove é dona Tereza, junto com a festa de São Benedito, em setembro, e seo Miguel também promove festa a Nossa Senhora. Também na Estiva tem a festa da mãe de Juju, que celebra esta santa junto com São Benedito. Em Mata Cavallo de Cima, a festa é da dona Ana. Há também registros da festa desta santa em Capim Verde e Aguassú.

#### 4.6.9 Festa de Nossa Senhora Conceição

A devoção a Nossa Senhora Conceição provém da colonização portuguesa, e esta santa foi padroeira do Brasil até o surgimento de Nossa Senhora Aparecida, sendo homenageada em alguns monumentos e festas em diversas partes do país, conhecida por curar doenças (ALBUQUERQUE; BRANDÃO, 2009). Em Mata Cavallo de Baixo, dona Aunira oferece a festa, no mês de setembro ou dezembro. Em Mata Cavallo de Cima, quem promove é dona Ana.

#### 4.6.10 Festa de Santa Luzia

O nome de Santa Luzia sugere luz, sendo popularmente conhecida por curar doenças dos olhos ou da visão (ATTWATER, 1965). Em Mata Cavalão de Baixo e na Mutuca acontecem festas em homenagem a esta santa, sendo nesta última associação promovida pela dona Idelfôncia. Há também registros em Mata Cavalão de Cima, Capim Verde, Estiva e Aguassú.

#### 4.6.11 Festa de Santo Antônio

As festas de Santo Antônio são bastante concorridas, especialmente para as moças que querem se casar, já que este santo é conhecido como casamenteiro. Além das comidas, bebidas, guloseimas, brincadeiras e rezas neste festejo, é comum que se façam promessas ou simpatias nesta ocasião (LOUREIRO, 2006). A comunidade relata, que na Aguassú, dona Erotildes oferece a festa a este santo, junto com São João e São Pedro.

#### 4.6.12 Festa de São Benedito

Conforme Senra (2009) e os relatos da comunidade, São Benedito é o santo padroeiro de Mata Cavalão, que ainda hoje possui muitas/os devotas/os, especialmente pessoas mais antigas. A tradição do culto a este santo provém das/os escravas/os, pois o *santo preto* oferece cura e proteção aos que creem em seus milagres. “Outros santos católicos foram apreendidos pelos escravos como próximos a eles e que ajudavam a superar as vicissitudes do cativeiro. Entre eles, podemos citar São Benedito” (ANDRADE JÚNIOR, 2013, p. 7). Oliveira (2011) nos relata sobre o local que foi construído em Nossa Senhora do Livramento, a *Casa São Benedito*, que representa uma parte significativa da tradição das/os escravas/os de Mata Cavalão, fundada por um quilombola importante na resistência no quilombo, o seo Cesário Sarate. Por todo o contexto de Mata Cavalão, encontramos referências deste santo, e neste território, São Benedito representa Ogum.

Na Mutuca, seo Clemêncio oferece festa a São Benedito. Em Mata Cavalão de Cima, quem promove é seo Nezinho (no terreiro de Candomblé) e seo Valdemiro. Na Estiva tem a festa de mãe de Juju, que celebra este santo junto com Nossa

Senhora Aparecida. Dona Tereza realiza festa de São Benedito junto com Nossa Senhora Aparecida, e em setembro é celebrada por seo Miguel. Há também registros da festa deste santo em Mata Cavallo de Baixo, Capim Verde e Aguassú.

#### 4.6.13 Festa de Cosme e Damião

Em setembro, dona Lucilene oferece uma festa a estes santos, que são correspondentes ao hibridismo religioso junto às matrizes africanas, pois fazem parte de sua crença religiosa. Conforme Andrade Júnior (2013), os gêmeos Cosme e Damião correspondem a Ebejis (deuses crianças e irmãos), que são divindades do Candomblé. Portanto, esta festividade reafirma o respeito e a fé aos orixás que fazem parte da ancestralidade quilombola.

#### 4.6.14 Festa de São Gonçalo

Este santo é “considerado fazedor de milagres relacionados a problemas nos ossos, machucaduras, enfermidades nas articulações, fertilidade e casamentos e reconhecido como padroeiro dos violeiros” (LOUREIRO, 2006, p. 92). Em Mata Cavallo de Baixo, seo Gonçalo promove a festa de São Gonçalo, no mês de junho, e dona Guilhermina, em janeiro. Dona Estevina também promove a festa deste santo junto com São Sebastião, da promessa que herdou de seu pai (seo Cesário) em janeiro. Na Mutuca, a dona Coca também oferece festa a São Gonçalo. Em Mata Cavallo de Cima, quem promove é seo Valdemiro. Há também registros da festa deste santo em Capim Verde, Aguassú e Estiva. Dentre os rituais festivos que envolvem a celebração de São Gonçalo, algumas etapas têm se perdido com o passar dos tempos e as/os quilombolas que os conhecem, acabam se sentindo prejudicadas/os por estas perdas culturais.



**Cururu**  
Mapeamento com  
professora

As famílias não fazem mais a festa de santo como era antigamente. Tanto é que você vê, quando eu fui numa festa de são Gonçalo, chegou lá o pessoal estava fazendo a festa de são Gonçalo, mas as manifestações não existiam.

#### 4.6.15 Festa de São João

A festa deste santo também tem relação com promessas de casamento, em que as simpatias e rezas são feitas com esta intenção. Existe todo um ritual de rezas, ladainhas e o momento especial da *lavagem do santo* que se relaciona ao batismo de Jesus (LOUREIRO, 2006). Alguns relatos da comunidade apontam que existe um hibridismo entre São João Batista e Xangô, um orixá do Candomblé que tem o poder de limpeza e transmutação.

Em Mata Cavallo de Baixo, dona Lúcia promove a festa de São João junto com Nossa Senhora Aparecida, no mês de julho. Em Capim Verde, seo João Marinho também oferece festa. Na Aguassú, dona Erotildes oferece festa a este santo, junto com São Pedro e Santo Antônio. Em Mata Cavallo de Cima, seo Nezinho promove a festa de São João e São Benedito, em julho. Há também registros da festa deste santo em Estiva e Mutuca.

#### 4.6.16 Festa de São Pedro

São Pedro recebe a fama de ser um santo milagreiro, comumente relacionado às chuvas, tão esperadas em tempos de plantio, sendo também protetor das viúvas e dos pescadores (LOUREIRO, 2006). Na Aguassú, dona Erotildes oferece festa a este santo, junto com São João e Santo Antônio. Há também registros desta festa em Mata Cavallo de Baixo, Mata Cavallo de Cima, Capim Verde e Estiva.

#### 4.6.17 Festa de São Roque

São Roque é responsável pela cura de doenças e feridas. Sua imagem sempre está relacionada a um cão que lambe o seu ferimento (ATTWATER, 1965). No mês de agosto (16/09), em Mata Cavallo de Baixo, acontece a festa de São Roque.

#### 4.6.18 Festa de São Sebastião

São Sebastião é considerado mártir, tendo sido um soldado que foi sacrificado por pertencer ao Cristianismo (ATTWATER, 1965). Existe um hibridismo

religioso deste santo com Oxóssi (deus da caça) no candomblé, por conta das flechas, que são o seu símbolo (ANDRADE JÚNIOR, 2013). No dia 20 de janeiro, se comemora o dia de São Sebastião, e a Mutuca promove uma festa, neste mês. Em Mata Cavallo de Baixo, dona Estevina também promove a festa de São Sebastião junto com São Gonçalo.

#### 4.6.19 Festa do Senhor Divino

A tradição desta festa tem origem em Portugal e veio junto com a Coroa nos idos da colonização de Mato Grosso. Utilizando o simbolismo de uma pomba em suas insígnias, esta festividade conta com cortejos para arrecadação de recursos e tem participação popular efetiva (LOUREIRO, 2016). Em Mata Cavallo de Baixo, dona Paulina realiza esta festa em setembro, e dona Alice em maio. Na Aguassú, seo Arnaldo oferece festa ao Senhor Divino. Há também registros desta festa em Mata Cavallo de Cima, Capim Verde, Estiva e Mutuca.

#### 4.7 A TRAVESSIA DO SENTIR DE UMA ARTISTA QUE FAZ CIÊNCIA

O sentido de realizar um mapeamento social quilombola não se limita a uma descrição etnográfica dos aspectos culturais e artísticos de Mata Cavallo. A relevância deste estudo está em promover debates sobre suas identidades de resistência, de forma que a cultura possa promover diálogos e a arte seja uma das sensibilizadoras no que se refere à conservação ambiental deste território ancestral (SATO; PASSOS, 2009).

Sobretudo, este mapeamento teve a intenção de reverberar em visibilidade e valorização cultural como táticas de resistência de Mata Cavallo. A sistematização dos mapas e a descrição dos aspectos culturais mapeados, concebidos a partir das autonarrativas desta comunidade, retornarão ao seu território de origem, podendo servir como apoio pedagógico na escola, para posteriormente receber contribuições, atualizações e questionamentos.

Enfim, chegou o momento de refletir, reafirmar e transcrever sobre os caminhos percorridos nesta pesquisa. Cada detalhe a ser planejado, executado e ajustado constituiu um valor imensurável em minha formação acadêmica e pessoal. Trilhar este caminho junto ao GPEA foi ainda mais compensador. Caminhar de

mãos dadas possui outro sentido, nos CONFETOS sentidos em um grupo pesquisador. A partilha dos diferentes olhares acerca dos objetivos de pesquisa foi, sobremaneira, enriquecedor, sob todos os aspectos. Mesmo nos momentos de discordância, as diferentes discussões apreendidas possibilitaram uma potência investigativa ainda mais significativa e abrangente (SATO et al., 2005). O campo de pesquisa, quando partilhado, amplia horizontes, adensa os diálogos!

Quanto à caminhada individual, foram muitos os aprendizados, em meio às tantas dificuldades. Discorrer conceitos de arte e incluir desenhos em um trabalho científico me causaram anseios e inseguranças, talvez próprias de uma artista que faz ciência, ou de uma cientista que faz arte. No ambiente acadêmico que eu acreditava conhecer, repleto de relatórios, dados quantitativos, informações precisas e mensuráveis, referências bibliográficas comprovadas cientificamente, encontrei formas de fazer ciência com poesia e arte. Conforme Sato e Passos (2009), um dos caminhos para despertar a sensibilidade quanto aos impactos ambientais é a utilização da imagética e da subjetividade presente na arte, e não somente por meio dos conhecimentos racionais.

Em meio à compreensão de novos conceitos acerca de antigas concepções que eu tinha sobre educação ambiental, foi necessário me desvencilhar de abordagens, metodologias e práticas provenientes da falta de conhecimento epistemológico, e também das concepções teóricas oriundas da Comunicação Social, que estudei em minha primeira formação acadêmica e onde atuei profissionalmente por alguns anos. Trilhando novos caminhos junto ao Mestrado, concomitantemente aos meus estudos da Licenciatura em Educação Artística, foi possível relacionar a arte-educação com o sentido da conservação ambiental, e prosseguir com a pesquisa, respirando outros ares que me transformaram significativamente.

Carrego comigo há muito tempo a ousadia de buscar na arte o sentido da educação e transpor em toda e qualquer aprendizagem os elementos e a presença de imagens pictóricas. Ao me encantar com o sentido poético e artístico que a educação ambiental possibilitaria junto ao GPEA, em conformidade com a minha paixão pela arte popular, entrelacei todos estes afetos e os lancei como o conceito que me guiou por toda esta pesquisa: a arte-educação-ambiental (QUADROS, 2013). Diante do saber popular que pulsa no território fecundo de Mata Cavalo, observando e mapeando as memórias e as manifestações culturais, foi possível o

entrelace entre a cultura e a natureza (SILVA, 2011), fazendo com que a arte fosse capaz de dialogar com a educação, em busca da conservação ambiental.

Assim, vivenciei que fazer ciência é também dar voz aos grupos em situação de vulnerabilidade, para que eles possam resistir e valorizar sua construção coletiva e identitária, tendo o poder de fala e de escuta (SILVA, 2011). Foi uma longa caminhada investigativa, onde a arte ofereceu os contornos necessários para um mapear sensível, considerando cuidadosamente as autonarrativas e autodenominações das/os quilombolas de Mata Cavaló.

A escolha de produzir um mapa pictórico (FIORI; ALMEIDA, 2005) para elencar os aspectos desta pesquisa não surgiu ao acaso. Lancei mão da arte para representar as imagens capturadas atentamente no território quilombola, inspirando-me na sociopoética que entrelaça o GPEA junto à comunidade de Mata Cavaló (SATO *et al.*, 2005). Envolvida pelas identidades de resistência em suas lutas e belezas culturais, busquei uma sistematização de resultados que fosse atraente esteticamente, e pudesse ser facilmente decodificada, tanto pela comunidade quanto por qualquer outra pessoa que não fizesse parte deste contexto. Junto ao grupo pesquisador que acredita na arte e na criatividade para sensibilizar quanto às questões de conservação ambiental (SATO; PASSOS, 2009), me debrucei no desenhar conceitual e imagético dos mapas que aqui apresentei.

Nos momentos de sistematização das informações recolhidas nesta pesquisa, pude perceber o quão a natureza está completamente relacionada com as manifestações culturais quilombolas, e como a falta de acesso ou degradação ambiental corrobora em perdas culturais irreparáveis. Nas comidas típicas do quilombo, estão cada vez mais ausentes os frutos da terra e os peixes. Em uma região de cerrado que deveria ser abundante em espécies vegetais nativas, são alvo do desmatamento ou se encontram sem acesso das/os quilombolas por se encontrar nas áreas de fazendas (MOREIRA, 2017). Toda a extensão desta comunidade é banhada por rios e córregos que não oferecem mais a fartura dos peixes, por conta da erosão e poluição causadas pelos garimpos (AMORIM, 2017).

O sentido da coletividade das festas de santas/os tem se perdido por conta dos interesses individuais do lucro e da falta de oportunidades de geração de renda, se tornando uma alternativa de comércio. Juntamente com as tradições ancestrais, que têm se perdido no tempo, os rituais do feitio das festas também têm desaparecido. Até mesmo as danças e as rezas já não acontecem mais como

antigamente, da forma como os mais antigas/os da comunidade relatam. Assim, pude perceber onde reside a urgência e a importância de resistir por meio da cultura e da conservação do ambiente natural deste quilombo.

Aprendi que o conhecimento empírico também pode ser ciência, e que as múltiplas sensibilidades que reverberam na arte e na cultura se ancoram na natureza e fazem parte de uma luta socioambiental que não começou hoje e que não finalizará com a conclusão desta pesquisa. Há muito que lutar, resistir e conquistar, mas há também muita história para ouvir e contar, quitutes para saborear e motivos para festejar, cantar e dançar. Há que se ter fé, acreditar, e conforme Paulo Freire é necessário *esperançar*.

Ao sistematizar as manifestações que foram mapeadas em campo de pesquisa, especificados nos clusters *marcos históricos, comidas típicas, expressões artísticas e festas*, não houve a intenção de segmentar a cultura de Mata Cavalo, e sim facilitar a compreensão dos aspectos que foram mapeados *com e pela* comunidade, por meio de suas memórias e referências especificadas nas autonarrativas (SILVA, 2011). Os aspectos culturais, inclusive os mais peculiares, foram devidamente desenhados e mapeados, em total respeito aos conhecimentos empíricos das pessoas que forneceram as informações. Durante o desenhar pesquisador, foi percebido que as manifestações culturais estavam totalmente entrelaçadas umas às outras, formando uma complexidade etnográfica tão rica e detalhada, muito mais do que poderíamos imaginar. Os resultados deste mapeamento, ainda que não possam retratar toda a dimensão cultural desta comunidade, conseguiram fornecer um retrato temporário do que parece ser mais significativo para as/os quilombolas de Mata Cavalo, no momento atual.

Entendi que, para produzir conhecimento é preciso também estar em paz... Ter *paz-ciência*. Ao longo destes dois anos de estudos, em muitas situações a impaciência e a ansiedade tornaram mais tortuosos os meus caminhos. Especialmente comigo mesma, minhas exigências e perfeccionismo, minhas cobranças internas, exigi de mim mesma um rigor além de minhas possibilidades de tempo e de experiência acadêmica durante o Mestrado. Fiz muitas exigências a mim mesma, com relação aos desenhos da dissertação, primando por padrões estéticos, simétricos, formas fidedignas e detalhes criteriosos, por não saber delimitar o excesso de detalhes das estruturas imagéticas. Apesar destes conflitos que residiram dentro de mim, os momentos de desenho e pintura me acalentavam. O

exercício inquietante da arte me acalmava e momentaneamente me deixa em paz. Muitas vezes, até mesmo a escolha das cores foi motivo de indecisão, mas os desenhos, mesmo aparentando nunca estarem prontos, após a finalização me traziam imensa satisfação.

Nos momentos de leitura, por vezes debruçando-me criteriosamente sobre determinados conceitos, me senti em paz. Flagrava-me em sorrisos solitários. Quando eu olhava pela janela, via o entardecer de mais um dia que se passava. Contudo, ao aprofundar os estudos, recordando as vivências junto à comunidade, isso me levou a refletir: como é possível estar em paz, em meio a tantas injustiças e conflitos? Quantas vidas sacrificadas em nome do chamado desenvolvimento, que acumula riquezas para algumas pessoas, em detrimento de povos e territórios? Como seria possível resistir diante de tantas formas de violência? Conforme Silva (2012), é necessário denunciar os conflitos para anunciar esperanças. Hoje, compreendo que é preciso lutar para alcançar a paz.

Em campo, enquanto eu pesquisei com o corpo inteiro, rompi com minhas certezas. Abri meus olhos para a diversidade da arte e da cultura quilombola, e o meu coração para sentir as dores presentes em cada diálogo, em cada relato (SATO; PASSOS, 2009). Compreendi, ali, o significado de uma comunidade aprendente, que calorosamente se abriu para nos ensinar sobre suas lutas e sua cultura, com a transmissão de saberes diferentes, mas que, de forma alguma, são desiguais (BRANDÃO, 2005).

Figura 42 – Membros do GPEA plantando mudas de árvores no campus da UFMT, Cuiabá, Mato Grosso, 2017.



Fonte: Acervo do GPEA-UFMT.

Nota: Créditos da imagem de Déborah Moreira (2017).

#### 4.8 A TRAVESSIA DO SENTIR EM UM GRUPO PESQUISADOR

Ser uma/um pesquisadora/o do GPEA (Figura 42) é fazer a pesquisa do sentir: desde o fragmentar das nossas pequenas convicções, onde desconstruímos as nossas certezas, passando a olhar além de nós com maior atenção. E do lado de fora da nossa janela, sentimos outras vidas, outras coisas, outros hábitos, outros lugares... sentimos o mundo! Eis um caminho sem volta: o da incompletude, da aprendizagem com todos os nossos sentidos (SATO; PASSOS, 2009).

Não fazemos pesquisa de campo: compreendemos a pesquisa como uma imersão sociocultural. Absorvemos as experiências no aprender e ensinar. Sentimos a natureza nos momentos de plantio do grupo pesquisador, na aproximação de amizade e respeito em nossos locais de pesquisa, regando a experiência com a formação política dentre os preceitos da educação popular na qual acreditamos. Nem sempre colhemos os frutos que desejamos, mas o que plantamos no decorrer da trajetória é o que nos importa.

Não utilizamos instrumentos de coleta de dados: dialogamos na construção dialógica que perpassa por todos os instantes da pesquisa. Em determinados momentos, uma entrevista se transforma em fofoca ou confidência, formando laços de cumplicidade, de amizade e gratidão pelo aprendizado da vivência, da luta e da esperança de dias melhores. Quando acontece o processo formativo, o sofrimento velado e os sonhos guardados ganham a força do coletivo e o sentido da militância.

Não trabalhamos com objetos de pesquisa: temos a oportunidade de conhecer vidas que trazem histórias, referências, hábitos e fazeres e saberes. Imergimo-nos em comunidades aprendentes (BRANDÃO, 2005), formadas por pessoas que lutam por condições mínimas de sobrevivência, por território e por visibilidade. Não acreditamos em uma pesquisa como um roteiro pronto para ser seguido rigorosamente. Acreditamos que nossa aprendizagem só tem sentido na coletividade, e que o sentir da caminhada, mesmo trilhando caminhos imprevistos, nos reserva, sobretudo, a beleza de sair de nós e percorrer outros destinos além dos nossos (SATO et al., 2005).

O que nos importa não é quantificar dados, e sim compreender nas entrelinhas, nos olhares, nos gestos que falam mais que as palavras, nas vidas que fazem todo o sentido sob as dimensões que acreditamos. Contudo, temos nossos momentos de caracol, onde a introspecção nos é importante para refletir vivências,

sentimentos, alguns receios e, sobretudo, trazer o conhecimento epistemológico para um diálogo interno, desafiador e instigante, no momento de fazer a revolução, também no ato de estudar.

Cada ponto de vista é importante, cada olhar tem suas particularidades nesta confluência de olhares pesquisadores. Entretanto, quando trabalhamos juntos, não mais como aspectos isolados, nos desdobramos em diálogos múltiplos de saberes, de conhecimentos diversos, perpassando nos matizes de um grupo pesquisador, que se orienta no florescer da educação ambiental, nos diálogos da educação popular e na inspiração da arte. O cintilar das diferenças entre nós é o que instiga a necessidade infinita de aprender e ensinar.

Para finalizar as últimas palavras que descrevem este caminhar pesquisador, anuncio os versos de Michèle Sato na poesia intitulada de Mata Cavalo<sup>31</sup>, que emergiu no primeiro projeto de pesquisa junto ao GPEA neste território fecundo, marcando o prelúdio de muitas pesquisas e reinvenções. Faço uma homenagem às identidades de resistência que resistem, nas memórias e nas lutas deste quilombo (SATO *et al.*, 2008).

A memória percorre  
entre barbáries  
a dor  
sanguês frios  
nas vagas ondas de navios negreiros  
a herança  
A estrada prossegue  
entre pelejas  
a luta  
lâminas frias  
nos opressivos poderes espinheiros  
a intemperança  
A partilha revive  
entre diálogos  
o pão  
águas frias  
nos territórios quilombos justiceiros  
a esperança

(Mata Cavalo, por Michèle Sato)

---

<sup>31</sup> Esta poesia foi retirada do artigo intitulado Nossa palavra é sim, disponível no link a seguir: <http://132.248.9.34/hevila/Revistadeeducacaopublica/2008/no33/11.pdf>

## 5 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Deise; BRANDÃO, Sylvana. Santuário de Nossa Senhora da Conceição e o processo de romanização. In: Colóquio de História – Brasil: 120 Anos de República, 3., 2009. Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: UNICAP, 2009. Disponível em: <[http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:HHsr3fZ6vmEJ:scholar.google.com/&hl=pt-BR&as\\_sdt=0,5](http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:HHsr3fZ6vmEJ:scholar.google.com/&hl=pt-BR&as_sdt=0,5)>. Acesso em: 07 jan. 2018.

ALMEIDA-SOARES, Cristiane Carolina de. **A reciclagem de papel dentro das empresas de Cuiabá como instrumento de responsabilidade social**. 2007. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Publicidade e Propaganda) - Centro Universitário Cândido Rondon, Cuiabá-MT, 2007.

ALVES, Maria Liette; SATO, Michèle. **Tessituras Etnográficas de São Gonçalo no Mosaico da Educação Ambiental**, 2005. 13 f. Subprojeto de Educação Ambiental no marco do Programa de Revitalização da Comunidade de São Gonçalo Beira-Rio, sob coordenação de Aline Figueiredo, Cuiabá-MT.

AMORIM, Priscilla Mona. **Latas d'água nas cabeças: percepções sobre natureza e cultura na escola e na comunidade quilombola de Mata Caval**. 2017, 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2017.

ANDRADE JÚNIOR, Lourival. “Adorei as almas”: Umbanda, Preto-velho e escravidão. In: Simpósio Nacional de História, 27., 2013. Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: UFRN, 2013. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364730161\\_ARQUIVO\\_Adoreiasalmas-XXVIISNH-textocompleto.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364730161_ARQUIVO_Adoreiasalmas-XXVIISNH-textocompleto.pdf)>. Acesso em: 07 set. 2017.

ANDRADE, Andrea Faria; SLUTER, Claudia Robbi. Avaliação de Símbolos Pictóricos em Mapas Turísticos. **Boletim de Ciências Geodésicas**, Curitiba, v. 18, n. 02, p. 242-261, abr-jun, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bcg/v18n2/05.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 16182: Embalagem e acondicionamento – Simbologia de orientação de descarte e de identificação de materiais: apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2013.

ATTWATER, Donald. **Dicionário dos Santos**. São Paulo: Art Editora, 1965.

BAKKE, Rachel Rua Baptista. Tem Orixá no Samba: Clara Nunes e a Presença do Candomblé e da Umbanda na Música Popular Brasileira. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 85-113, dez. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872007000200005>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

BARCELOS, Silvano Paulo de. O Quilombo Mata Caval: territorialidade negra no mundo globalizado. **África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, mai 2010. Disponível em: <[http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Quilombo\\_Mata\\_Caval.pdf](http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Quilombo_Mata_Caval.pdf)>. Acesso em: 21 set. 2017.

BARCELOS, Silvânio Paulo de. **Quilombo Mata Cavalo: terra, conflito e os caminhos da identidade negra – Brasil**. 2011. 221 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2011. Disponível em: <<http://ppghis.com/ppghis/index.php/editais/download/5-dissertacoes/184-quilombo-mata-cavalo-terra-conflito-e-os-caminhos-da-identidade-negra>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

BARROS, Edir Pina de. **Laudo Pericial Histórico-antropológico**. Mato Grosso: Justiça Federal, 2007.

BELÉM, Ivan César Corrêa do. **Mitos Africanos e Pantaneiros nos Círculos de Aprendizagens Ambientais**. 2008. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2008. Disponível em: <http://gpeaufmt.blogspot.com.br/p/banco-de-tese.html#uds-search-results>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

BELÉM, Ivan; SATO, Michèle. Viagens entre os mundos. In: SATO, Michèle (Org.) **ECO-AR-TE para o encantamento do mundo**. São Carlos: RIMA; FAPEMAT, 2011, p. 338-351.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: EdUFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1984a. Disponível em: <<http://ifibe.edu.br/arq/201509112220031556922168.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1984b. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=79WWBQAAQBAJ&pg=PT23&dq=esperan%C3%A7ar&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwif6eL60azVAhWHUJAKHdTFDOEQ6AEIODAD#v=onepage&q=esperan%C3%A7ar&f=false>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Cultura na rua**. Campinas: Papyrus Editores, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Ed. rev. amp. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Comunidades Aprendentes. In: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antonio (Orgs.). **Encontros e caminhos: formação de educadores ambientais e coletivos educadores**. v. 1. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p. 83-91.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Vocação de criar: anotações sobre a cultura e as culturas populares. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 138, p. 715-746, set./dez. 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e folia, festa e romaria**. Aparecida: Idéias & Letras, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Educação Popular antes e agora: algumas lembranças para recordar dias de ontem junto com algumas perguntas para inquietar tempos de agora. In: Colóquio Internacional Paulo Freire, 8., 2013. Pernambuco. **Anais eletrônicos...** Pernambuco: UFPE, 2013. Trabalhos convidados. Disponível em: <<http://coloquio.paulofreire.org.br/participacao/index.php/coloquio/viii-coloquio/paper/view/491/447>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

CARVALHO, Isabel Cristina de Souza. Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 43-51, abr./jun.2001.

CASTILHO, Suely Dulce de. **Culturas, família e educação na comunidade negra rural de Mata-Cavalo-MT**, 2008. 295 f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.

CATALÃO, Vera Lessa. As metáforas da água e a mediação entre natureza e cultura. In: SATO, Michèle (Org.) **ECO-AR-TE para o encantamento do mundo**. São Carlos: RIMa; FAPEMAT, 2011, p. 196-200.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. Educação e Etnicidade: o (a) negro (a) nas aulas de história. In: MACHADO, Charliton José dos Santos (Org.). **Gênero e Práticas Culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares**. Campina Grande: EduEPB, 2010.

CORTELLA, Mario Sérgio. **Educação, escola e docência: Novos tempos, novas atitudes**. São Paulo: Cortez, 2014.

FERNANDEZ, Fernando. A tal da sustentabilidade. **((o))eco Jornalismo Ambiental**, Rio de Janeiro, 2008. Sessão Coluna Fernando Fernandez. Disponível em: <<http://www.oeco.com.br/fernando-fernandez/20233-a-tal-da-sustentabilidade>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

FERREIRA, Fernando. Jankenpon. **Clubotaku**, 2006. Sessão Cultura. Disponível em: <<http://www.clubotaku.org/niji/cultu/jankenpon/>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

FIORI, Sérgio Ricardo; ALMEIDA, Regina Araújo. Cartografia Turística: uma Experiência com Mapas Pictóricos e Convencionais. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina, 5., 2005, São Paulo, SP. **Anais eletrônicos...** São Paulo: 2005. Disponível em: <<http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Nuevastecnologias/Cartografiatematica/07.pdf>>. Acesso em 01 mai. 2017.

FRANCO, Jussara Botelho. **Prática social como prática pedagógica em Educação Popular Ambiental**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2015.

FREIRE, Marla; CAMINHA, Rakel de Alencar Araripe Bastos; SILVA, Lílíana Rodrigues da. Os ruídos comunicacionais na Pós-Modernidade: barreiras pessoais, físicas e semânticas para uma comunicação efetiva. In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, 14., 2015, Manaus, AM. **Anais eletrônicos...** Manaus: 2015. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/norte2015/resumos/R44-0360-1.pdf>>. Acesso em 08 jul. 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, Paulo.. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GAUTHIER, Jacques. A Sociopoética como prática de pesquisa integral. **Rev. enferm. UERJ**, v. 22, n. 6, p. 898-902, 2014. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/15781>. Acesso em: 25 jan. 2018.

GENNARI, Emilio. **Em busca da liberdade**: traços das lutas escravas no Brasil. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

GOMES, Flávia Mara Henrique Gomes. **Mapas participativos**: quando os povos grafam seu mundo – O caso do mapeamento biorregional nas Comunidades quilombolas do Kaonge, Dendê, Kalembá, Engenho da ponte e Engenho da praia. 2015. 71 f. Monografia (Bacharel em Geografia) – Instituto de Ciências Humanas. Departamento de Geografia, Universidade de Brasília. Brasília: 2015. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/11475>. Acesso em: 04 jan. 2018.

HAESBAERT, Rogério; GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: UNESP, 2006. (Coleção Paradidáticos, Série Poder).

HARLEY, John Brian. A nova história da cartografia. **O Correio da Unesco**, São Paulo, v. 19, n. 8, p. 4-9, 1991.

HERCULANO, Selene. Lá como cá: conflito, injustiça e racismo ambiental. In: Seminário Cearense contra o Racismo Ambiental, 1., 2006, Fortaleza. **Anais...**, Fortaleza, 20 a 22 nov. 2006. Disponível em: [http://sinop.unemat.br/site\\_antigo/prof/foto\\_p\\_downloads/fot\\_8304injustiya\\_e\\_bacismo\\_ambiental\\_pdf.pdf](http://sinop.unemat.br/site_antigo/prof/foto_p_downloads/fot_8304injustiya_e_bacismo_ambiental_pdf.pdf). Acesso em: 15 jul. 2017.

KAWAHARA, Lucia Shiguemi Izawa. **Currículos Festeiros de Águas e Outonos**: Fenomenologia da Educação Ambiental Pós-Crítica. 2015. 293 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá. Disponível em: <http://gpeaufmt.blogspot.com.br/p/banco-de-tese.html#uds-search-results>. Acesso em: 14 jun. 2017.

KAWAHARA, Lucia Shiguemi Izawa; SATO, Michèle Tomoko. Festa de São Pedro e serviços ecossistêmicos culturais: aprendizagens de um grupo pesquisador em educação ambiental no Pantanal. **REVB EA – Rev Brasil Educação Ambiental**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 221-240, 2015. Disponível em: <http://www.sbecotur.org.br/revbea/index.php/revbea/article/view/4364/2985>. Acesso em: 22 set. 2017.

LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos e quilombolas: cidadania ou folclorização? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n. 10, p. 123-149, 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831999000100006>. Acesso em: 30 jul. 2017.

LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnográfica**, Florianópolis, v. 4, n. 02, p. 333-354, 2000. Disponível em: <[http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol\\_04/N2/Vol\\_iv\\_N2\\_333-354.pdf](http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_04/N2/Vol_iv_N2_333-354.pdf)> Acesso em: 20 mai. 2016.

LOUREIRO, Roberto. **Cultura mato-grossense**: festas de santo e outras tradições. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.

MANFRINATE, Rosana. **Histórias femininas**: poder, resistência e educação no Quilombo de Mata Cavalo. 2011. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: 2011. Disponível em: <<http://gpeaufmt.blogspot.com.br/p/banco-de-tese.html#uds-search-results>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

MARQUESE, Rafael de Bivar. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. **Novos Estudos – CEBRAP**, São Paulo, n. 74, p. 107-123, mar. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002006000100007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002006000100007&script=sci_arttext)>. Acesso em: 16 jul. 2017.

MOREIRA, Déborah Luíza. **Território, luta e educação**: dimensões pulsantes nos enfrentamentos dos conflitos socioambientais mapeados no Quilombo de Mata Cavalo. 2017, 162f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: 2017. Disponível em: <<http://gpeaufmt.blogspot.com.br/p/banco-de-tese.html#uds-search-results>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, p. 58-63, dez-fev. 1995-1996. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i28p56-63>>. Acesso em: 03 set. 2016.

NEVES, Camila; Emanuella Pereira; CAETANO, Edson; POLINI, Ilza Nunes da Cunha. Trabalho, educação e economia popular solidária: vivências no Mato Grosso. In: TORRES, Artemis; SEMERARO, Giovanni (Orgs.). **Sobre saberes, educação e democracia**. Cuiabá: EdUFMT, 2011. p. 33-56.

OLIVEIRA, Herman Hudson. **Dança do Congo**: educação, expressão, identidade e territorialidade. 2011, 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: 2011. Disponível em: <<http://gpeaufmt.blogspot.com.br/p/banco-de-tese.html#uds-search-results>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

OLIVEIRA, Simone Santos de. Desenho e cartografia escolar no ensino de Geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 20, n. 3, p. 78-86, set-dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/19821/pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

PETIT, Sandra H. Sociopoética: potencializando a dimensão poiética da pesquisa. In: MATOS, Kelma Socorro L. de; VASCONCELOS, José Gerardo. **Registros de Pesquisas na Educação**. Fortaleza: LCR, 2002.

QUADROS, Imara Pizzato. Arte Popular: trilheira para arte/educação ambiental. In: SATO, Michèle (Org.). **ECO-AR-TE para o encantamento do mundo**. São Carlos: RIMa; FAPEMAT, 2011. p. 52-61.

QUADROS, Imara Pizzato. **Palavras científicas sonhantes em um território úmido feito à mão: a arte popular da canoa pantaneira**. 2013. 372f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: 2013. Disponível em: <<http://gpeaufmt.blogspot.com.br/p/banco-de-tese.html#uds-search-results>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

REGINA, Adriana Werneck; *et al.* Yo no creo en las brujas, pero... In: SATO, Michèle; GOMES, Gisele; SILVA, Regina (Orgs.) **Escola, Comunidade e Educação Ambiental: reinventando sonhos, construindo esperanças**. Cuiabá: SEDUC-MT, 2013. p. 170-180.

SANTOS, Elizete Gonçalves dos; SILVA, Regina Aparecida da; SATO, Michèle Tomoko. A percepção de gênero e ambiente das (os) estudantes da comunidade quilombola de Mata Cavallo. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, p. 148-163, 2015. Disponível em: <<https://seer.furg.br/remea/article/view/4728/3394>>. Acesso em: 28 fev. 2017

SATO, Michèle. Biorregionalismo: a educação ambiental tecida pelas teorias biorregionais. In: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antonio (Org.). **Encontros e caminhos: formação de educadores ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, 2005. p. 39-46.

SATO, Michèle. Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa. In: ABÍLIO, Francisco (Org.). **Educação Ambiental para o Semiárido**. João Pessoa: EdUFPB, 2011. p. 539-569.

SATO, Michèle. Cluster da Educação Ambiental: do eu isolado ao nós coletivo. In: SATO, Michèle; GOMES, Gisele; SILVA, Regina (Org.) **Escola, Comunidade e Educação Ambiental: Reinventando sonhos, construindo esperanças**. Cuiabá: SEDUC, 2013a. p. 15-29.

SATO, Michèle. Pot-pourri da ecologia de resistência. In: SORRENTINO, Marcos; *et al.* (Orgs.). **Educação ambiental e políticas públicas: conceitos, fundamentos e vivências**. Curitiba: Appris, 2013b. p. 461-484.

SATO, Michèle; GAUTHIER, Jacques; PARIGIPE, Lympo. Insurgência do grupo pesquisador na educação ambiental sociopoética. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel (Org.). **Educação Ambiental – Pesquisa e Desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 99-118.

SATO, Michèle; SENRA, Ronaldo. Estrelas e constelações aprendizes de um grupo pesquisador. **Ambiente & Educação – Rev Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 14, n. 2, p. 139-146, 2009.

SATO, Michèle; PASSOS, Luiz Augusto. De asas de jacarés e rabos de borboletas à construção fenomenológica de uma canoa. In: SATO, Michèle; *et al.* (Org.). **Educação Ambiental**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 217-236.

SATO, Michèle; PASSOS, Luiz Augusto. Aracne, a educadora ambiental do signo Terra. **Rev Brasil Educação Ambiental**, Brasília, n. 3, p. 63-75, 2008.

SATO, Michèle; PASSOS, Luiz Augusto. Arte-educação-ambiental. **Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 14, n. 1, p. 43-59, 2009. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/ambeduc/article/view/1136/446>>. Acesso em: 10 nov 2017.

SATO, Michèle; et al. Nossa palavra é sim. **Rev Educação Pública**, Cuiabá, v. 17, n. 33, p. 159-173, jan-abr. 2008. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/issue/view/70/showToc>>. Acesso em: 23 julh 2017.

SATO, Michèle; et al. **Comunidade Quilombola de Mata Cavallo, Mato Grosso, Brasil**. Cuiabá: GPEA-UFMT, 2010. (Caderno Pedagógico).

SENRA, Ronaldo Eustáquio Feitoza. **Por uma Contrapedagogia Libertadora no Ambiente do Quilombo Mata Cavallo**. 2009. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: 2009. Disponível em: <<http://gpeaufmt.blogspot.com.br/p/banco-de-tese.html#uds-search-results>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

SILVA, Marília de Almeida; CAETANO, Edson. A formação da cultura de resistência e a experiência de luta na produção de saberes. **Horizontes**, Cuiabá, v. 33, n. 1, p. 151-162, jan-jun. 2000. Disponível em: <<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/52/71>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

JABER-SILVA, Michelle Tatiane. **O Mapeamento dos Conflitos socioambientais de Mato Grosso**: denunciando injustiças ambientais e anunciando táticas de resistência. 2012. 253 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Pós-graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: 2015. Disponível em: <<http://gpeaufmt.blogspot.com.br/p/banco-de-tese.html#uds-search-results>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

SILVA, Regina. **Do invisível ao visível**: o mapeamento dos grupos sociais do estado de Mato Grosso – Brasil. 2011. 221 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Pós-graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: 2011. Disponível em: <<http://gpeaufmt.blogspot.com.br/p/banco-de-tese.html#uds-search-results>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

SILVA, Regina. Inauguração da Casa da Cultura da Comunidade Quilombola de Mata Cavallo. **GPEA-UFMT**, Cuiabá, nov. 2015. Seção Escolas Sustentáveis. Disponível em: <<http://gpeaufmt.blogspot.com.br/search/label/Escolas%20Sustent%C3%A1veis>>. Acesso em: 29 jul. 2016.

SILVA, Regina; JABER-SILVA, Michelle. Metodologias e itinerários do mapeamento social da Comunidade Quilombola de Mata Cavallo, Mato Grosso, Brasil. In: Encontro de Pesquisa em Educação da região Centro-Oeste - Anped, 12., 2014, Goiânia. **Anais...**, Goiânia, 19 a 22 out. 2014. Disponível em: <[www.fe.ufg.br/nedesc/cm/controle/DocumentoControle.php](http://www.fe.ufg.br/nedesc/cm/controle/DocumentoControle.php)>. Acesso em: 18 jul. 2017.

SILVA, Regina; JABER-SILVA, Michelle. O mapa social e a educação ambiental, diálogos de um mapeamento participativo no Pantanal, Mato Grosso, Brasil. **Rev**

**Educação Pública**, Cuiabá, v. 24, n. 55, p. 201-221, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/2105>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

SILVA, Regina; SATO, Michèle. Comunidade Quilombola de Mata Cavalo: Identidades e territorialidades. In: PPLA 2010: Seminário Política e Planejamento, 2, 2010. Curitiba. **Anais...** Curitiba: Ambiens, 2010.

SIMIONE, Roberta Moraes. **Território de Mata Cavalo: Identidades em movimento na Educação Ambiental**. 2008. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: 2008. Disponível em: <<http://gpeaufmt.blogspot.com.br/p/banco-de-tese.html#uds-search-results>>. Acesso em: 14 ago. 2016.

SIMÕES, Rosa Maria Araújo. Capoeira e escravidão: movimento de resistência versus submissão. **Movimento – Revista de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, v. 6, n. 13, p. 26-31, 2000-2002. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/11779/6978>>. Acesso em: 22 set. 2017.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Para uma leitura crítica da publicidade**. São Paulo: Edições Paulinas, 1988.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Mas, afinal, o que é educomunicação?** São Paulo: ECA-USP, 2004. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2016.

SOUZA, Jésus Barbosa de. **Meios de comunicação de massa: jornal, televisão, rádio**. São Paulo: Scipione, 1996.

TRAJBER, Rachel; SATO, Michèle. Escolas Sustentáveis: Incubadoras de Transformações nas Comunidades. **REMEA – Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. especial, set. 2010. Disponível em: <<https://furg.emnuvens.com.br/remea/article/view/3396/2054>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

TRIGUEIRO, Naiana Roberta. **Profeta Gentileza: Experimentação artística no cenário urbano brasileiro**. 2010. 99 f. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais) – Escola do Design, Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2010. Disponível em: <[http://www.memoriaemovimentossociais.com.br/sites/default/files/publicacao/profeta\\_gentileza.pdf](http://www.memoriaemovimentossociais.com.br/sites/default/files/publicacao/profeta_gentileza.pdf)>. Acesso em: 04 jan. 2018.

VARGAS, Glória Maria. Território. In: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antonio (Org.). **Encontros e caminhos: formação de educadores ambientais e coletivos educadores**. Brasília, v. 3: MMA, 2014. p. 307-314.